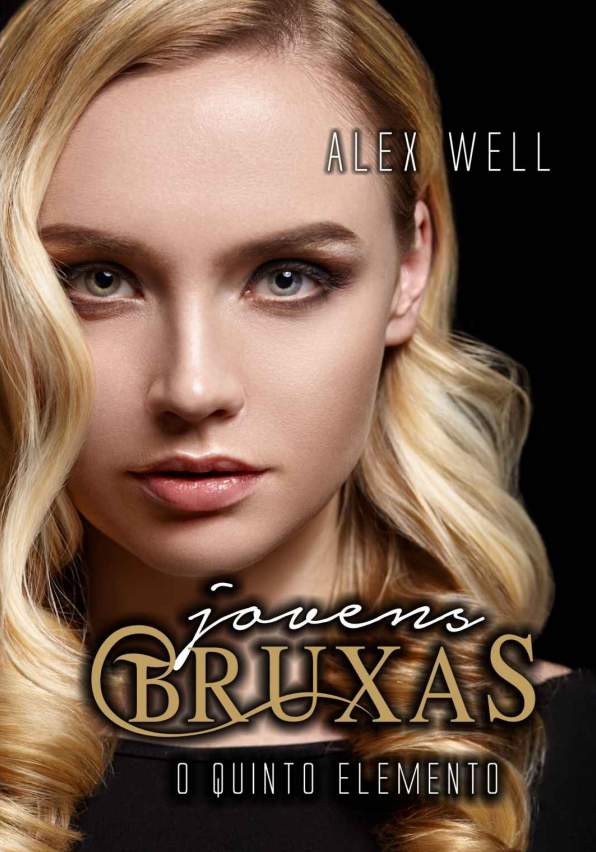


A close-up portrait of a young woman with long, wavy blonde hair and light-colored eyes. She is looking directly at the camera with a neutral expression. The background is dark, making her face and hair stand out.

ALEX WELL

juvens
BRUXAS

O QUINTO ELEMENTO



JOVENS BRUXAS: O QUINTO ELEMENTO.
POR ALEX WELL.

Cada uma das pontas do pentagrama possui um significado particular:

PONTA 1 - ESPÍRITO: representa a criadora, a deusa mãe dos cinco elementos, pois ela guia a nossa vida e nos ajuda na realização dos ritos e trabalhos mágicos. O espírito é a fonte de energia para os outros elementos, o guia.

PONTA 2 - TERRA: representa as forças telúricas e os poderes dos elementais da Terra, os gnomos. É a ponta que simboliza os mistérios, o lado invisível da vida, a força da fertilização e do crescimento.

PONTA 3 - AR: representa as forças aéreas e os poderes dos silfs. Corresponde à inteligência, ao poder do saber, a força da comunicação e da criatividade.

PONTA 4 - FOGO: representa a energia, a vontade e o poder das salamandras. Corresponde às mudanças, às transformações. É a força da ativação e da agilidade.

PONTA 5 - ÁGUA: representa as forças aquáticas e os poderes das ondinas. Está ligada às emoções, ao entardecer, ao inconsciente. Corresponde às forças da mobilidade e adaptabilidade. Portanto, o bruxo que detém conhecimento sobre os elementos usa o pentagrama como símbolo de domínio e poder sobre os mesmos.[\[1\]](#)

I

Ally Wilson tinha 15 anos, 1,57m de altura, pouco mais de dezesseisdólares na carteira, um cartão expirado do *Frozen Yogurt* e poucas (ou quase nenhuma) conquistas escolares. Mas o fato mais marcante sobre essa garota talvez fosse que, nos últimos dois anos, ela já havia sido expulsa de duas escolas.

Ally não era uma garota normal. Todos sabiam disso, incluindo a própria Ally.

A primeira expulsão aconteceu no final de outubro, quando ela estava frequentando uma escola pública no centro de Cleveland há pouco mais de um ano. Antes do grande evento que culminou na expulsão de Ally, ela já havia sido responsável por pequenos desastres que haviam chamado a atenção da diretoria da escola. Por exemplo, ela odiava ter que dissecar sapos na aula de Biologia, os pobres animais eram inocentes e não faziam mal a ninguém. Por que dissecá-los? Ally não entendia. Os sapos ficavam guardados em aquários no laboratório de Biologia. Um dia, antes de o professor entrar na sala, quando todos os alunos estavam esperando para cortar os pobres sapos ao meio, Ally pensou como seria maravilhoso se os sapos pudessem fugir, sair daquele aquário. Bem, tudo o que ela precisou fazer foi se concentrar. No instante em que o professor entrou na sala, houve uma explosão. BAM! O aquário explodiu, voou vidro por toda a sala, e pronto, os sapos estavam livres.

Ally foi expulsa quando tentou ajudar um garoto, o nome dele era Carson. Ele vinha sofrendo com a perseguição de outros dois garotos, mas ninguém parecia se importar, ninguém além de Ally. Um dia os dois valentões arrastaram Carson até a quadra da escola, que estava vazia, e começaram a dar uma surra nele. Um deles até fechou as portas da quadra com um esfregão. Ally viu tudo: viu quando Carson foi encurralado em um canto e obrigado a ir até a quadra. Ela então seguiu os garotos de perto e resolveu ajudar Carson por conta própria.

Um dos garotos se chamava Bryan Miller. Ally quebrou o braço dele quando, com um único empurrão, conseguiu jogá-lo do outro lado da quadra. Só precisou de um empurrão para que o garoto voasse até o outro lado. O segundo valentão se chamava Mark Levi. Ally conseguiu jogá-lo no meio das arquibancadas e o golpe causou uma lesão na medula espinhal do garoto. Ally não queria nada daquilo, não era a intenção dela. Ela só queria ajudar Carson, dar um susto nos garotos e não machucá-los.

Ally foi expulsa no dia seguinte. Aquela foi a primeira vez.

Antes de ser expulsa pela segunda vez, Ally estava muito confiante com relação à escola nova, animada até. Ela estava crente que as coisas seriam diferentes em Minneapolis. Depois do “incidente” em Cleveland, a mãe de Ally fez questão que elas mudassem de cidade. Minneapolis não era longe o suficiente, mas era o que a Sra. Wilson podia pagar naquela época.

Em Minneapolis, Ally causou uma tremenda confusão durante a festa de Halloween da escola. Algumas garotas saíram de lá com erupções no rosto e as fantasias rasgadas. Foi tudo muito similar à noite do baile de Carie, só que a versão de Ally foi menos sangrenta e massacrante do que a original.

Ally acabara de se mudar para Mystic Village, uma pequena cidadezinha no estado da Virgínia. Ela já estava matriculada para frequentar a Mystic Village High School com outros jovens da idade dela. A Sra. Wilson recebeu de herança uma casa no estilo vitoriano na Flower Street, pois sua mãe, a avó de Ally, havia falecido há pouco mais de dois meses. Ally nem sequer sabia que a avó materna estava viva, já que a Sra. Wilson nunca mencionara a mãe no passado. Mas um dia elas receberam uma carta do advogado da Sra. Wilson, informando que ela havia falecido e que estava deixando a casa e todos os bens dela para a única filha.

Agora, mais do que nunca, Ally estava cheia de dúvidas, todas elas a respeito da avó desconhecida. Qual foi o motivo que levou a Sra. Wilson a se afastar da mãe permanentemente? Por que a Sra. Wilson não gostava de Mystic Village? Mas, acima de tudo, por que

ela decidiu voltar?

~

– Pode ser a Teddy Rudetsky, você não acha? – Marissa Stone, de 15 anos, perguntou a Regan Weathers, de 16. – Eu sei que parece um absurdo, mas pode ser ela, eu acho que sim. – Marissa não tinha tanta certeza assim, Regan conseguia farejar o cheiro da incerteza.

– Sério? – Descrente, Regan ergueu uma sobrancelha. – Teddy Rudetsky? Nós estamos assim tão desesperadas?

– Quem está desesperada? – Bonnie Cox, de 15 anos, se aproximou até onde as amigas estavam. Ela ainda conseguiu escutar o finalzinho da conversa, mas já sabia do que se tratava: há algum tempo Bonnie e as amigas só falavam a respeito de um assunto específico.

– Marissa acha que Teddy Rudetsky é o espírito. – Regan respondeu.

– *Shh!* Vocês enlouqueceram?! – Quem repreendeu as garotas foi Skylar Robinson, de 16 anos. Ela estava se aproximando quando ouviu Regan mencionar a palavra com E. Skylar temia o que as outras pessoas pensariam se escutassem a conversa das amigas. – Nós combinamos nunca falar do espírito aqui na escola. Já é difícil ser a estranha sem nenhum motivo aparente.

– Você acabou de mencionar a palavra com E. – Regan estava zombando dela.

Skylar fechou a cara. Ela não conseguia entender como Regan nunca se preocupava. Ela não tinha medo de represálias, nem de ser tratada como uma estranha. Regan nunca se importava com a opinião dos outros e isso deixava Skylar furiosa.

Marissa, Regan, Skylar e Bonnie estavam no corredor da escola. Marissa estava pegando livros no armário e guardando-os na mochila. O corredor não estava vazio, alunos e professores iam e vinham. Skylar estava certa, era arriscado falar sobre o espírito com tantas pessoas ao redor.

Regan era a mais alta do grupo, ela também era a garota mais

“barra pesada” de toda Mystic Village (pelo menos era o que Marissa achava da amiga). Regan era ruiva, o que, nesse caso, dadas as habilidades dela, não poderia ser descrito como uma coincidência.

Ela tinha o colar com o pingente da salamandra.

Marissa era míope, por isso usava óculos, e a garota tinha uma coleção de suéteres com estampas de animais. Skylar não se lembrava de ter visto a amiga usando outra coisa que não fossem suéteres nos últimos dois anos. Marissa vivia com a cara enfiada nos livros, ela era a garota que fazia as pesquisas.

Ela tinha o colar com o pingente dos silfos.

Skylar quase nunca estava de brincadeira, ela estava sempre em estado de alerta. Regan costumava dizer que, se trolls existissem em Mystic Village, Skylar já os teria espantado com um grito. O maior medo de Skylar talvez fosse que as pessoas descobrissem o que ela e as amigas eram.

Ela tinha o colar com o pingente das ondinas.

Bonnie era a mais recente descoberta do grupo. Ela tinha cabelo curto, escuro e repicado. Marissa costumava dizer que ela tinha o tamanho de um gnomo, o que deixa claramente implícito que Bonnie é a mais baixa do grupo. Ela era a garota negra de personalidade forte.

Ela tinha o colar com o pingente dos gnomos.

– Marissa, eu nunca te pedi nada – disse Bonnie –, mas eu preciso que você me deixe fazer uma poção de amor, tipo, imediatamente.

– O quê?! – Sem querer, Marissa acabou batendo a porta do armário. Isso chamou a atenção de algumas pessoas. – Pra quem?

– Jake Stowe. – Bonnie nem estava mais olhando para Marissa, ela já encarava Jake, que caminhava tranquilamente pelo corredor com outros rapazes do time de basquete.

Jake Stowe era a mais nova paixonite de Bonnie. Ele era capitão do time de basquete e ela já estava de olho nele há dois meses. Bonnie dizia que estava esperando o momento perfeito para falar com Jake, mas sempre que o momento perfeito aparecia, ela amarelava.

– Bonnie, o que eu lhe disse a respeito da poção do amor? –

Marissa tocou no ombro da amiga.

– A poção do amor funciona como um alucinógeno. – Bonnie revirou os olhos enquanto repetia as palavras que Marissa dissera mais de uma vez. – O efeito não é real. A vítima acha que está apaixonada por quem lhe deu uma dose da poção, mas na verdade ela só está delirando.

– Por que você não vai falar com ele? – Skylar sugeriu.

– Veja, ele está sozinho. Eu não perderia a oportunidade, se fosse você. – Regan instigou a amiga.

– Falar é fácil.

– Vá falar com ele. O que de pior pode acontecer? – Marissa empurrou Bonnie para frente.

Pela primeira vez, Bonnie tomou uma decisão com relação a Jake. Ela iria falar com ele *naquele momento*. Ela diria “Oi, Jake, você mandou muito bem no jogo da semana passada”. Bonnie conseguiria.

Regan observou Bonnie se aproximar de Jake. Ele estava tirando alguns livros de dentro da mochila e guardando-os no armário. Ele não viu Bonnie se aproximar, porém ela foi suficientemente corajosa para cutucá-lo no ombro. Mas, antes mesmo que Jake pudesse reagir, Bonnie apressou o passo e se misturou entre os alunos. Jake olhou para um lado e depois para o outro, procurando quem acabara de tocá-lo no ombro. Quando não encontrou ninguém por perto ele deu de ombros, fechou o armário e foi embora.

– Melhor sorte da próxima vez. – Regan sorriu.

Ela nem percebeu quando Finn se aproximou. Ele fazia parte do grupo dos “pouco populares” ou “quase estranhos”. Em todo caso, Regan achava que Finn era tão estranho quanto qualquer outra irmã considerava seu irmão gêmeo estranho.

– Mamãe disse que sou quem vai ficar com o carro hoje à noite.

– É mesmo? – Regan assumiu a postura que Marissa conhecia muito bem. – Ela também disse que você precisa aprender a dar descarga antes de sair do banheiro.

Alguns alunos escutaram o que Regan disse e, em

consequência, começaram a rir do constrangimento de Finn.

Ele não se deixava abalar. Embora estivesse envergonhado, ele fez questão de estender a mão e esperar até que Regan desistisse e entregasse as chaves do carro.

– Regan, eu posso te dar uma carona hoje à noite. – Skylar disse.

– Hoje é seu dia de sorte. – Regan enfiou a mão no bolso da calça e depois entregou as chaves do carro a Finn.

Ele se afastou assoviando alegremente, enquanto brincava com as chaves do carro entre os dedos.

– Talvez Finn seja o espírito. – Marissa disse.

Regan e Skylar encararam-na como se ela tivesse dito um absurdo.

– Ok, é oficial: você está louca – declarou Regan.

– Totalmente. – Skylar concordou. As duas foram embora juntas, depois que o sinal tocou.

Marissa torceu a boca, podia ser que Regan estivesse certa. Talvez Finn não fosse o espírito, talvez a Teddy Rudetsky também não fosse o espírito. Mas, quem quer que fosse, era bom que ela ou ele estivesse por perto. Marissa tinha a sensação de que as coisas não permaneceriam calmas por muito tempo.

II

Da janela do novo quarto, Ally viu um esquilo atravessar o jardim e subir em uma árvore. Aquilo era demais, ela nunca havia visto um esquilo antes, pelo menos não de perto. Ally estava acostumada a viver em grandes cidades, então Mystic Village seria uma espécie de aventura para ela.

– Ally, você pode descer aqui um minuto? – A Sra. Wilson estava parada ao pé da escada quando Ally desceu.

– O quê? Eu não quebrei nada, eu juro.

– Engraçadinha! Eu preciso da sua ajuda. Quero mudar a geladeira de lugar, mas ela é muito pesada e eu não consigo arrastá-la sozinha.

– Certo.

Ally e a Sra. Wilson foram até a cozinha.

– Onde você quer que ela fique?

– Ali, no canto esquerdo. O que você acha?

Ally deu de ombros.

– Sei lá. Para mim parece bom onde está, mas você é quem sabe.

A Sra. Wilson não tinha certeza se era uma boa ideia mudar a geladeira de lugar, isto de fato nem era o problema. Desde que voltou para a casa onde havia crescido, a Sra. Wilson sentia-se como se a mãe estivesse mais viva do que antes. Mesmo depois de morta, ela ainda conseguia sentir a presença da mãe na casa e isso a aterrorizava.

– Aqui está bom? – Ally chamou a atenção da mãe.

Quando a Sra. Wilson se virou para responder, ela levou um susto. Enquanto estava perdida em pensamentos, Ally moveu a geladeira de um canto da cozinha até o outro lado. O pior é que Ally nem sequer pareceu achar difícil. *Oh, não!* A Sra. Wilson pensou: *vai acontecer de novo.*

– Como você fez isso? – A Sra. Wilson estava preocupada. –

Seus braços não estão doendo?

– Na verdade não, essa geladeira nem é tão pesada assim. Como sempre, mãe, você estava exagerando. Você precisa que eu faça mais alguma coisa?

– Sim – a Sra. Wilson continuava impressionada, na verdade mais assustada do que impressionada. – Tem uma caixa com antigos pertences da sua avó na sala. Você pode guardá-la no sótão?

– Sim.

– Obrigada, querida.

Quando Ally saiu da cozinha, a Sra. Wilson tentou mover a geladeira um centímetro sequer. Mas tudo o que ela conseguiu foi sentir dor nos braços e um pouco de tontura, devido à força desnecessária que estava utilizando.

O sótão estava abarrotado de caixas, pois a Sra. Wilson estava jogando caixas lá dentro desde as últimas dezesseis horas. Ally deixou a caixa em cima de uma mesinha que a mãe havia descartado ali, no início da manhã. Como já era de se esperar, Ally resolveu bisbilhotar. Ela resolveu começar vendo o que havia debaixo de um pano branco. Depois de se livrar do tecido, Ally ficou intrigada ao dar de cara com um baú antigo.

Ally se ajoelhou e abriu o baú, quando uma fina camada de poeira subiu, fazendo-a tossir. Depois que o pó se dissipou, Ally pôde investigar melhor o interior do baú. Ela encontrou algumas fotos antigas da avó: umas de quando ela era adolescente, outras em uma fase mais adulta. Ela até encontrou uma série de fotos tiradas no dia do casamento dos avós.

Duas fotos chamaram a atenção de Ally. Em uma delas, a avó estava segurando um bebê rechonchudo e sorridente. A foto parecia ser a mais recente de todas. Pela qualidade do papel, Ally concluiu que a avó havia restaurado aquela foto antes de morrer.

A outra foto era de uma menina loira. A garota estava usando um vestido rosa e o sorriso estampado no rosto dela era genuíno. Ally leu o que estava escrito no verso da foto: Ally Wilson, 3 anos. No fundo, Ally sabia o tempo todo que ela era a garota da foto. Ela tinha

uma vaga lembrança de ter usado um vestido cor de rosa na infância.

Ally resolveu não guardar as fotos de volta no baú, pois elas não mereciam ficar escondidas em um lugar escuro e empoeirado. Seria melhor guardá-las em um álbum de fotos. Talvez a Sra. Wilson não se importasse.

No fundo do baú, Ally encontrou um livro com acabamento em prata nos cantos e na lombada, mas a capa era de veludo. Havia um brasão de metal colado na capa, era uma estrela. Quando abriu o livro, ela ficou surpresa: todas as páginas estavam em branco, não havia nada escrito em lugar nenhum. Por um momento ela até cogitou guardar o livro de volta no fundo do baú, mas achou melhor levá-lo junto com as fotos.

O terceiro item que Ally tirou do fundo do baú foi um pequeno porta-joias redondo. Dentro dele havia apenas uma única joia: um colar cuja corrente era de metal e um pingente em formato de estrela. O brasão preso na capa do livro era idêntico ao pingente do colar.

Ally não sabia ainda, mas a estrela era um pentagrama, um símbolo com muita profundidade mágica e grande significado simbólico.

O porta-joias foi a única coisa que Ally devolveu para o fundo do baú. Após cobri-lo de volta com o pano, ela desceu do sótão levando consigo fotos antigas da avó, um livro em branco e um colar com um pingente de pentagrama.

Ela não precisava fazer aquilo, não naquele momento, mas a dúvida a estava corroendo. Tinham acontecido tantas coisas nos últimos dois meses e Ally sabia de quase nada, ela não iria permitir que a mãe continuasse lhe dando respostas vagas. Ally deixou no segundo degrau na escada tudo o que encontrou no sótão. Ela então resolveu ir até a cozinha, tirar satisfação por conta própria.

A Sra. Wilson estava sentada, tomando café enquanto lia o jornal.

– Mãe? – Ally se aproximou.

– Oi – respondeu, após deixar o jornal de lado. – Você demorou, querida, eu estava quase mandando uma equipe de resgate

atrás de você. – A Sra. Wilson riu da própria piada. Ela foi a única.

– Por que você nunca mencionou que a minha avó estava viva?

Lentamente, como quem não queria nada, a Sra. Wilson pousou a caneca no balcão enquanto encarava Ally. Naquele momento ela não parecia estar tão feliz quanto antes, parecia até que Ally havia entrado em um território tóxico.

– Ally, acredite, é melhor deixar esse assunto de lado, pelo menos por agora.

– Por quê? – Ally não aceitaria mais incertezas como respostas.

– Por que nós não podemos falar a respeito da minha avó, da sua mãe? O que aconteceu entre vocês? Ela era assim tão ruim? Porque do contrário eu não entendo como alguém privaria uma avó do direito de conhecer a própria neta.

– Você não sabe do que está falando. Minha mãe, ela era... diferente.

– E daí? Qual é o problema? Nós todos somos diferentes. Se a vovó era ou não uma pessoa normal isso não importa, não agora, não mais. O que eu não entendo é por que você nunca disse que ela estava viva, você me fez pensar todos esses anos que éramos só nós duas.

– Por que você quer falar disso agora?

– Por que não?! – Ally estava desesperada. – Nós estamos na casa dela, o sofá que está na sala pertencia a ela, essa caneca que você está usando era dela! Ela arrumou cuidadosamente cada canto dessa casa. Eu não a conheço, graças a você, mas, se eu a conhecesse, diria que tudo aqui nessa casa se parece com ela.

– Ally, acho que é melhor você subir e se acalmar. Quando for a hora certa, nós iremos conversar. – A Sra. Wilson perdeu a vontade de tomar café, se levantou e levou a caneca até a pia.

– Não dê as costas pra mim. – Ally estava sentindo alguma coisa queimar dentro de si, era uma espécie de formigamento. – Responda-me!

– Eu não... – A Sra. Wilson começou a responder. Porém, naquele mesmo instante a torneira começou a tremer, parecia que a água que corria pelos canos estava lutando para se libertar. Antes que

Ally ou a Sra. Wilson pudesse dizer mais alguma coisa, a torneira foi arrancada abruptamente. A água começou a jorrar do cano quebrado na parede e a Sra. Wilson gritou. Tudo o que Ally fez foi dar as costas e sair caminhando da cozinha, como se nada tivesse acontecido, enquanto a mãe lutava para desligar o registro da água.

Ally pegou o que havia deixado na escada e subiu até seu novo quarto.

III

A aula de Literatura era sem dúvida a matéria mais chata do primeiro ano, pelo menos era o que Skylar achava. Sem contar que a professora Wildenberg tinha uma prosa tão maçante que, cinco minutos após a aula começar, metade dos alunos já estava cochilando. Skylar aproveitava aquela aula pra colocar o sono em dia.

– Como conteúdo programático deste mês nós vamos debater a obra *Feira das Vaidades*, do autor inglês William Makepeace Thackeray, lançada em 1847. Eu suponho que vocês tenham lido nas férias, estou certa? – A professora Wildenberg sempre iniciava as aulas com muito ânimo, mas a animação morria quando ela via a falta de vontade dos alunos. – Alguém leu *Feira das Vaidades* durante as férias?

Dos dezoito alunos presentes na sala, somente uma estudante levantou o braço para responder a pergunta. O que, claro, não era surpresa.

– Marissa, abaixa esse braço. – Skylar ralhou com a amiga quando ela tentou demonstrar entusiasmo pela obra.

– Desculpe, mas é um ótimo livro. Você não leu?

– Não e nem conseguiria, ele está servindo de apoio pro meu closet. – Skylar então abaixou os óculos escuros, fforrou a carteira com uma jaqueta e descansou a cabeça.

– O que você está fazendo? Sky, você não pode dormir na sala!

– Observe-me.

Conforme a professora Wildenberg continuava falando a respeito do livro, os alunos iam se afundando no tédio. Ninguém, além de Marissa, estava escutando o que a professora tinha para dizer, ninguém parecia interessado: Skylar estava roncando baixinho na carteira ao lado; os rapazes do time de *lacrosse* estavam falando a respeito de um jogo que ainda iria acontecer; as líderes de torcida estavam falando sobre um esmalte.

– É verdade, Javier me disse que eu tenho jeito para modelo. Ele quer me fotografar na quarta à tarde. – Skylar ouviu uma garota atrás dela sussurrar para outra aluna. Tudo o que a outra garota disse foi “Jura?”

– Eu não estou surpresa, sabe? – A garota continuou. – Minha mãe foi Miss Mystic Village e minha avó estampou a capa de algumas revistas quando era mais nova. Acho que a beleza da família está no sangue.

E mais uma vez tudo o que a amiga da garota convencida disse foi “Jura?”

Marissa estava tentando se lembrar do nome da garota. Seria Cindy? Ou Phoebe? Marissa não era assim tão boa com nomes quanto era com Matemática. Se a garota se chamasse hipotenusa, não seria um problema para ela.

– Sky! – Marissa cutucou a amiga com a ponta do lápis.

– O quê? – Skylar deixou os óculos caírem. – A aula já acabou?

– Não, mas eu preciso da sua ajuda. Qual é o nome da garota que está atrás de mim?

Skylar fez cara de interrogação e em seguida olhou para trás.

É Ashlee. Por quê?

– Por nada. Obrigada, volte a dormir.

– É pra já – então Skylar ajeitou os óculos de novo e voltou a descansar a cabeça.

Marissa se inclinou um pouco para trás, a fim de continuar escutando a conversa da garota.

– Eu não quero me gabar nem nada – Ashlee estava claramente se gabando –, mas acho que daqui a dois anos, no máximo, eu estarei na capa da Vogue. Não se preocupe, nós vamos continuar sendo amigas quando eu me tornar uma supermodelo.

Marissa resolveu intervir antes que a amiga pouco interessada repetisse: “Jura?”

– Oi, Ashlee. Sabe, eu não pude deixar de escutar a sua conversa. Desculpe por isso, mas eu preciso dizer que você deve tomar

muito cuidado. – Marissa havia conseguido captar a atenção das garotas. – Talvez esse tal de Javier nem seja um caça-talentos de verdade, pode ser que ele seja um charlatão aproveitador.

Ashlee emitiu um barulho direto do fundo da garganta, como se estivesse engasgada.

– Com licença, mas quem pediu a sua opinião, quatro-olhos?

– Perdedora – disse a amiga de Ashlee.

Marissa revirou os olhos enquanto as garotas caçoavam da sua boa vontade. Ela então viu o vidro de esmalte azul aberto em cima do livro de Química de Ashlee. Marissa não precisou mover um dedo, tudo o que ela fez foi desejar que o vidro de esmalte virasse em cima do livro e foi exatamente o que aconteceu. No segundo seguinte, Ashlee estava desesperada por ter que lidar com a ira do professor de Química na próxima aula.

Marissa era contra usar os poderes por conta de motivos banais. Se alguém a visse, ou uma das garotas, fazendo algo suspeito, seria o fim dos dias de paz. Mas até Marissa, que era a mais certinha do grupo, preferia ter que usar os poderes a ter que lidar com uma garota mimada.

Depois da escola, Marissa, Regan, Skylar e Bonnie não tinham o hábito de ir pra casa. Elas saíam com os carros do estacionamento da escola e seguiam para o lado sul de Mystic Village. Dirigiam por cerca de meia hora, até o ferro-velho da cidade. Lá, elas deixavam os carros e seguiam para dentro do estabelecimento. Quatro garotas de quinze e dezesseis anos não tinham o que fazer em um ferro-velho depois da escola. Elas pulariam a cerca e saíam pelos fundos, adentrariam a floresta de Mystic Village e caminhariam por cerca de quinze minutos até a usina abandonada da cidade, que ficava literalmente no meio do nada. Lá as garotas poderiam treinar à vontade. O dia estava quente, por isto Regan poderia testar suas habilidades com o fogo. Marissa quase se considerava uma mestra do ar, mas ela ainda tinha muito que aprender. Bonnie era a filha da terra e era diretamente dela que recebia seus poderes. O riacho que passava ao lado da usina era pequeno, mas ajudava Skylar a tirar seu poder da água.

As quatro garotas representavam, cada uma, um dos quatro elementos: Fogo, Água, Ar e Terra.

Mas, infelizmente, o círculo ainda não estava completo. O Éter, ou Espírito, como era conhecido popularmente, ainda não estava integrado ao grupo das meninas.

O Espírito representava o quinto elemento, o guia de todos os outros. Era a fonte de energia, o substrato espiritual primordial, aquele que pode se diferenciar.

IV

Ally conseguiu convencer a Sra. Wilson a deixá-la sair, foi entediante ficar presa dentro de casa o dia todo. Ela até perdeu o primeiro dia de aula porque a mãe estava preocupada demais.

Era bom dar um passeio de carro pela cidade, conhecer as redondezas iria ajudar Ally quando ela tivesse que voltar a pé para casa. A cidade era pequena, por isso as opções de lugares para visitar eram bastante limitadas. Felizmente ela conseguiu chegar até o centro da cidade com facilidade. Ally até ficou feliz quando descobriu que ali perto ficava a Starbucks. Depois de pedir um copo de baunilha *latte*, ela fez questão de sentar do lado de fora e relaxar.

O momento só durou um segundo.

Ally não controlava as visões, também não pedia pra ver nada. Ela nem sequer sabia que estava vendo alguma coisa até sentir um leve desconforto na nuca. Quando isso acontecia, Ally sabia que passaria a ver as coisas sob um ponto de vista, digamos assim, mais privilegiado.

Ally viu um garoto. Ela não o conhecia, claro que não. Ele estava usando um capacete vermelho e segurava um taco de beisebol. Por isso, foi fácil concluir que, quem quer que fosse o garoto, ele estava naquele momento em um campo de beisebol. Ally viu mais: ela enxergou o garoto rebater a bola com o taco e sair correndo de uma base até a outra. Ela viu também que o cadarço de um dos sapatos estava desamarrado. Por isso, antes de chegar à terceira base, Ally viu o garoto cair. É normal os jogadores caírem no meio do campo, faz parte, mas Ally também viu que o garoto não sairia bem daquela partida: ele iria quebrar o braço.

Ouviu-se então um barulho, parecia uma torcida. Ally se levantou e investigou o local. Como ela já suspeitava, o campo de beisebol ficava há alguns metros de onde ela estava.

– Droga, eu só queria tomar um café.

Conforme Ally se aproximava do campo, ela se sentia menos preocupada. Não havia nenhum garoto de capacete vermelho jogando naquele momento, talvez ela não tivesse prestado atenção à visão. Quando ela diminuiu o passo e cogitou voltar para casa, viu o que não queria ter visto: o garoto do capacete vermelho estava sentado no banco de reservas. Quando Ally viu que ele estava sendo chamado para jogar, resolveu apressar o passo de novo.

Enquanto ela se aproximava, o garoto ia assumindo sua posição como rebatedor. Ally sabia que, após rebater a bola, o garoto sairia correndo até a próxima base. Ela não tinha muito tempo. Se ao menos tivesse pernas mais longas, correria mais rápido.

– Ei, você! – Felizmente Ally conseguiu se aproximar antes de o garoto rebater a bola. Ela o chamou, mas ele não a escutou.

– Garoto, você do capacete vermelho! – havia uma cerca de arame separando Ally e o garoto. Ele a havia escutado daquela vez: ele olhou para trás, encarou-a e franziu o semblante. – É, você. Vem aqui.

O garoto tirou o capacete e se aproximou, meio relutante. Ele estava achando que Ally o estava confundindo com outra pessoa, mas, em todo caso, a garota loira era bonita. Por isso, ele resolveu ver o que ela queria.

– Eu conheço você? – Ele perguntou.

– Ah, não. Oi, eu estava passando aqui perto agora e vi que você estava prestes a dar uma tacada. Ah, hum, eu então percebi que o seu cadorço está desamarrado. Você não percebeu, por isso eu resolvi alertá-lo antes que, você sabe, possa acontecer alguma coisa.

O garoto olhou para baixo e constatou que Ally estava certa.

– Que coisa, não? – O garoto estava meio constrangido. – Acho que sou meio avoadado, obrigado por me avisar.

– Sem problemas, bom jogo – e após dizer isso Ally começou a se afastar.

Aquela não era a primeira visão de Ally, isso já havia acontecido antes. No ano passado, ela viu que uma professora iria escorregar e cair das escadas. Para que isso não acontecesse, Ally se disponibilizou a

ajudar a mulher a carregar os livros depois da aula. Ally até convenceu a professora de que não era muito seguro subir e descer as escadas carregando tantos livros.

Não era normal uma garota de quinze anos ter visões do futuro, relacionadas com estranhos. Não era algo comum nem no mundo do Tim Burton, mas nada que estava relacionado a ela fazia muito sentido.

– Espere.

Ally olhou para trás e deu de cara com o garoto, ainda sem o capacete vermelho.

– Está tudo bem? – Essa não! Ally estava prestes a se preocupar. Será que o garoto havia desconfiado de alguma coisa?

– Sim. É só que você não me disse seu, hum, nome – o garoto parecia incrivelmente tímido. Por isso, Ally concluiu que perguntar o nome de uma garota desconhecida era um grande progresso pra ele.

– Ally, eu acabei de me mudar de Minneapolis.

– Oi, Ally de Minneapolis – o garoto sorriu. – Eu me chamo Finn, sou daqui mesmo.

Finn era um rapaz bonito, Ally precisou dar o braço a torcer: cabelo escuro, rosto delgado, olhos castanhos, lábios carnudos e bochechas rosadas. Ally imaginou que, se tivesse conhecido garotos parecidos com Finn em Minneapolis, não teria vindo para Mystic Village com tanta facilidade.

– Você vai estudar aqui por perto?

– Sim, no Mystic High. Você conhece?

– É onde eu estudo. – Finn sorriu e Ally concluiu naquele momento que gostava do sorriso dele.

– Bem, então parece que vamos nos ver de novo, não é?

– É o que parece. Sorte a minha.

Ally sorriu e se afastou. O que tinha acabado de acontecer? Ela nunca havia flertado com um garoto antes. Quando chegou até seu carro, Ally ficou meio triste. Se ela tivesse uma amiga, estaria conversando com ela sobre o garoto que acabara de conhecer. Como Ally não tinha, ela era obrigada a guardar aquela animação para si

mesma. Conversar com a Sra. Wilson a respeito de garotos estava fora de cogitação.

Talvez ela arrumasse uma amiga em Mystic High. Com sorte, até duas. Ally não se importaria em falar sobre cabelos, A Culpa é das Estrelas, Zac Efron ou qualquer que fosse o assunto do momento.

V

Regan gostava de ser uma bruxa adolescente. Era, de algum jeito, gratificante. Irônico até, se fosse para analisar a fundo. Ela, de todas as garotas do mundo, havia sido escolhida para reger um dos cinco elementos. Era uma responsabilidade e tanto. Dois anos atrás, a maior responsabilidade dela tinha sido regar as flores da mãe, todos os dias, por duas semanas. Bem, Regan meio que falhou nessa tarefa.

Por outro lado, ela odiava ser uma garçonete adolescente. Era entediante, trabalhoso e ela detestava ter de sorrir alegremente sempre que um cliente falava com ela. Babette, a dona do bar e restaurante onde Regan trabalhava, estava ciente que, se ela tivesse de passar mais uma semana falando sobre o prato especial da noite, acabaria colocando fogo em alguma coisa. Ou pior, em alguém.

Pois é, Babette sabia que Regan controlava o fogo. Regan confiava em Babette.

Era noite de segunda-feira e o restaurante estava mais cheio do que o normal, para azar de Regan e sorte de Babette. Regan havia atendido um grupo de garotas de vinte e poucos anos, que não conseguia se decidir entre salada grega e salada Caesar. No final elas acabaram pedindo uma Vöss, que, na verdade, é só uma palavra chique para água norueguesa. Só que, como sempre, Regan fez melhor: ela encheu uma jarra com água da pia do banheiro, acrescentou três gotinhas de limão e pronto! A Vöss das garotas estava servida.

Para piorar, três garotos acabaram de entrar no restaurante e se sentaram em uma das mesas de Regan. Eram garotos do colégio, por isso ela sabia que, se tivesse sorte, eles teriam no máximo quinze dólares para dividir por três, o que também significava que Regan não receberia gorjeta. Ok, é oficial: Regan definitivamente colocará fogo em alguém hoje à noite.

– Olá, bem-vindos ao Babette's. Meu nome é Regan e eu serei sua garçonete esta noite. – Diferente das outras garçonetes, que exalavam

graciosidade e boa vontade, Regan não se preocupava em demonstrar cansaço e pouca boa vontade. – Em que posso servi-los?

– *Olááá*, você – um dos garotos começou, todo sorridente.

Regan já sabia onde isso acabaria.

– Eu posso voltar depois, se vocês ainda não tiverem decidido o que vão pedir.

– Eu sei o que quero – disse o segundo garoto, olhando a garçonete de cima a baixo.

Regan quase revirou os olhos. Ela estava segurando o lápis com tanta força que o objeto estava prestes a se quebrar. Seria fácil lidar com esses três garotos sem chamar a atenção dos outros clientes. Regan não era uma mera estrepante.

– Eu conheço você – disse o terceiro garoto. – Você frequenta Mystic High.

– Sorte a minha – era isso, a paciência de Regan havia acabado por completo. – O que vocês vão querer?

– Primeiro, o seu número – o primeiro garoto continuou – e depois, quem sabe, um pouco de... – sugestivamente, ele começou a mexer as sobrancelhas. Os amigos dele sorriram e Regan fez cara de nojo.

– Escuta aqui, pivete. Eu sugiro que você e seus amigos nojentos peçam logo algo pra comer. Do contrário, eu sugiro que é melhor, para a segurança de vocês três, que deem o fora daqui.

Babette, que estava observando tudo de longe, resolveu se aproximar. Calmamente, ela colocou uma mão sobre o ombro de Ally. Ela precisava acalmar a garota. Do contrário, as coisas sairiam de controle, como da última vez.

– Regan. – Babette disse, e a primeira coisa que ela notou foi que o ombro da garçonete estava quente, uma pequena amostra do que ela estava sentindo. – Por que você não faz uma pausa? Outra atendente pode fazer isso.

Regan piscou algumas vezes, tentando se acalmar. Babette estava certa, era melhor pra ela sair de perto daqueles garotos.

Enquanto caminhava em direção à porta dos fundos, Regan arrancou o avental da cintura e jogou-o em cima do balcão, juntamente com o

bloquinho de notas que utilizava para anotar os pedidos.

Nora Palmer estava sentada em um caixote nos fundos do restaurante. Ela tinha um cigarro aceso entre os lábios, o rosto virado para cima e os olhos fechados.

Ela era dois anos mais velha que Regan e já havia se formado na escola. Nora até já havia largado a faculdade comunitária, por isso Regan não sabia o que ela ainda estava fazendo em Mystic Village.

– Ei, você. – Regan puxou um caixote e sentou-se de frente para Nora.

– Uma tragada? – Nora ofereceu. Ela sabia que Regan não fumava, mas era divertido vê-la torcer a cara por conta da fumaça do cigarro.

– Não, eu pretendo ter uma vida longa e saudável, obrigada.

Nora jogou o restante do cigarro no chão e apagou-o com o pé.

– Eu preciso te dizer uma coisa. – Nora se inclinou para frente.

Essa não! Nora havia assumido um tom sério, o tipo de coisa que ela não tinha o hábito de fazer. Ela era uma das pessoas menos sérias que Regan conhecia, até a própria Regan era mais séria que Nora.

– O que foi?

– Eu vou embora de Mystic Village. Dessa vez, é pra valer.

– Quando? – *Droga*, Regan gritou mentalmente.

– Provavelmente no final do mês.

– Para onde você vai?

– Nova York. Uma antiga conhecida minha precisa de uma colega de quarto pra dividir as despesas. Aceitei a proposta sem hesitar.

Nova York? Antiga conhecida? Colega de quarto? Regan sabia onde Nora estava querendo chegar com aquela conversa. Aquilo não era nada bom. Pelo menos, não para Regan, que seria a maior perdedora.

– Que bom pra você – disse de maneira ríspida. – Não se esqueça de me enviar um cartão postal, ok? – Ela estava chateada.

– Não diga isso, por favor. Eu não quero deixá-la aqui. – Nora estava segurando a mão de Regan, olhando diretamente para a garota. – Você sabe disso. Eu até convidaria você para ir embora comigo, mas na última vez que eu toquei no assunto você deixou bem claro que não pretende sair daqui.

– Não é isso Nora. Eu pretendo sair daqui no futuro. Não agora. Agora eu... simplesmente não posso.

– Por que não? O que te prende a esta cidade? É a escola? Porque se for, acredite quando eu digo, dissecar um sapo não te ajuda em nada no mundo lá fora.

– Eu não me importo com a escola e você sabe disso. Mas o problema não é esse. Tenho a minha família, eu não posso simplesmente deixá-los para trás assim, do nada. E também tem outra coisa.

– Você e os seus malditos segredos. – Nora se levantou. – Quer saber? Eu sou mesmo uma idiota. Em todo caso, o meu convite permanece de pé até o fim do mês. Do contrário, eu vou embora sem você. Eu preciso voltar lá pra dentro.

Para Regan era frustrante não poder dizer a verdade. Nora merecia saber, ela era uma boa garota e adorava Regan. Mas, para a segurança de Nora, era melhor mantê-la desinformada.

Depois do expediente, quando o restaurante já estava fechado e Regan e Babette eram as únicas que ainda estavam ali dentro, a garçonete estava se preparando emocionalmente para escutar o sermão que Babette estava prestes a fazer.

– Regan, você precisa se controlar. – Babette estava atrás do balcão, ela havia acabado de fechar a caixa registradora. – Hoje, por pouco, você não colocou fogo naquele garoto.

Por pouco mesmo.

– Eu sei, me desculpe.

Babette sabia das habilidades de Regan. Não foi escolha de ninguém, as garotas sequer sabiam a respeito de Babette. Se Marissa imaginasse, ela era capaz de criar um vórtice, tamanha a raiva.

Tudo aconteceu no ano passado, quando Regan estava começando a controlar o fogo. Raramente ela conseguia fazer alguma coisa, mas, quando conseguiu, só precisou da chama de uma vela para multiplicar o fogo e fazê-lo dançar pelo restaurante como em uma animação da Disney. Infelizmente, Babette escolheu aquele momento para aparecer.

O mais estranho nessa história foi que Babette levou tudo numa boa.

Ela não saiu correndo, nem se descabelou. Ficou apenas sentada, enquanto Regan contava uma versão bastante resumida de toda a história.

– Se por acaso, que Deus não permita que isso aconteça, você colocar fogo acidentalmente em alguém, eu não vou saber como ajudá-la. – Babette estava preocupada. – Eu não sou uma boa mentirosa e você sabe disso.

– Eu agradeço a você por guardar o meu segredo. E, se serve de consolo, eu prometo que, a partir de hoje, irei pegar mais leve e tentar não colocar fogo nas coisas. E, principalmente, nas pessoas.

– Bem, nesse caso sou eu quem deve agradecê-la.

Regan estava prestes a ir embora quando sentiu falta de alguma coisa. Olhando dentro da bolsa, ela percebeu que a jaqueta não estava ali dentro.

– Você viu a minha jaqueta? – Perguntou à Babette.

– Sim, acho que ela está na cozinha.

Deixando a bolsa em cima da mesa, Regan foi até a cozinha. A jaqueta jeans estava em cima de um armário. Como ela havia chegado ali? Bem, isso permaneceria um mistério. Regan pegou a jaqueta e, no caminho de volta, escolheu uma maçã dentro de uma bacia cheia destas frutas.

Antes mesmo de dar uma mordida na maçã, Regan escutou o barulho de algo se quebrando. O som veio do bar, em seguida ela escutou o murmúrio de vozes baixas.

Regan deixou a fruta e a jaqueta em cima da mesa e caminhou em silêncio até a porta da cozinha. Como estava entreaberta, ela pôde ter uma noção do que estava acontecendo.

A caixa registradora estava aberta de novo, dessa vez Babette estava tirando dinheiro lá de dentro. Do outro lado do balcão, Regan viu um vulto. Na verdade, ela viu dois vultos. Duas outras pessoas estavam no restaurante, além dela e Babette. Conforme Babette resolveu se movimentar para o lado, Regan pôde identificar melhor os vultos. Eram dois caras: um alto, de cabelo escuro, e o outro era baixo e careca. O cabeludo estava segurando uma arma, o careca segurava um

canivete e Babette estava chorando.

Regan estava presenciando um assalto. Imediatamente ela cogitou ligar para a polícia, mas o celular dela estava dentro da bolsa que ela havia deixado em cima do balcão.

Assim que encarou a maçã vermelha e brilhante em cima da mesa, Regan teve uma ideia. Não era muito boa, mas, se funcionasse, iria ajudar Babette. Sendo assim, bastava.

Havia uma janela que ligava a cozinha ao restaurante, onde os assaltantes e Babette estavam. O primeiro a ser atingido foi o careca baixinho, que segurava o canivete. Regan acertou-o em cheio no rosto com uma maçã em chamas, que explodiu na cara do bandido. Babette gritou e se abaixou, enquanto o assaltante cabeludo ainda estava se perguntando o que diabos estava acontecendo. Regan abriu a porta da cozinha, ela trazia consigo duas laranjas, uma em cada mão. Quando o assaltante que ainda estava em pé a encarou, a primeira coisa que ela fez foi incendiar uma das laranjas e jogá-la contra o assaltante. A fruta em chamas acertou o assaltante em cheio no ombro. Regan escutou outro barulho, dessa vez a arma do bandido havia caído no chão. Sem perder tempo, Regan tratou de incendiar a outra laranja e arremessá-la. Dessa vez ela acertou a testa do homem, que caiu no chão, fazendo companhia ao parceiro, que já estava desacordado.

Ainda assustada e agora em choque, Babette se levantou. O rosto da mulher, que normalmente era rosado, agora estava vermelho.

– Você está bem? – Regan perguntou.

Babette fungou e depois limpou o nariz com a manga da blusa.

– Sim, eu acho que sim.

Do outro lado do balcão estava uma tremenda bagunça: restos de frutas explodidas no chão e dois homens caídos e desacordados, com os rostos queimados.

Enquanto Babette ligava para a polícia, Regan fez o que mais gostava de fazer: ela riu de toda a situação. Ela fez isso por ser boa no que gostava de fazer. Ela riu porque era a escolhida e poderia se dar ao luxo de rir em momentos como aquele.

VI

Era o segundo dia de aula para a maioria dos alunos em Mystic High. Para Ally, aquele era o primeiro dia e, se dependesse da Sra. Wilson, ela sequer frequentaria a escola.

Ally estacionou o SUV da mãe no estacionamento da escola, entre uma picape desbotada e um Subaru prateado. Antes de estacionar o carro, a primeira coisa que ela fez foi verificar se a vaga disponível já não estava reservada. A última coisa que ela queria, no primeiro dia de aula, era se encenar com algum professor por conta de uma mísera vaga no estacionamento.

Como já era de se esperar, o local estava cheio de jovens, garotos e garotas com a mesma idade de Ally. Por um momento, ela realmente desejou ser a única aluna na escola.

Observando por cima, Ally conseguia se misturar com as outras garotas. Se alguém a visse naquele momento, diria que ela frequentava Mystic High a vida toda, que ela era uma garota como qualquer outra. Diria que ela colecionava CDs e era fã do Channing Tatum, mas a verdade não era nada disso. Mystic High seria a terceira escola que Ally frequentava nos últimos dois anos.

O processo inicial Ally já conhecia: antes de ir para a sala, ela deveria dar uma passada na sala da diretora. Era meio que uma entrevista informal.

Para sorte ou azar de Ally, a diretora já estava gritando com outra aluna. E, quem quer que fosse a garota, Ally não queria estar na pele dela naquele momento.

– Pela milésima vez, não! Você não pode usar essa blusa aqui na escola. A frase estampada é uma obscenidade!

– Só por isso? Eu tenho quase certeza que existe alguma lei, em algum lugar, que me permite usar esta blusa na escola.

Ally estava sentada do lado de fora da sala da diretora.

– Vá para casa se trocar ou pegue uma roupa emprestada com alguma

amiga. O caso é que você não pode usar essa blusa, com essa estampa, na escola.

– Tá bem!

A porta então foi aberta e uma garota ruiva, aparentemente irada, saiu da sala. A primeira coisa que ela viu foi Ally.

– Você, o que acha da minha camiseta? – A ruiva irada então abriu a jaqueta e mostrou à Ally a estampa na blusa, que estava causando tanta confusão.

I'm ~~Like~~ a Boss Ass Bitch.

Pasma, Ally encarou a estampa na blusa da garota e depois a olhou. Ela não sabia o que dizer.

– Então, o que você acha?

– Eu acho que... Bem, não é muito apropriada para usar na escola.

– *Argh* – indignada, a garota voltou a cobrir a camiseta com a jaqueta. – O que você sabe?

– Ok. – Ally virou o rosto e encarou o outro lado. Talvez, se fosse ignorada, a garota acabaria indo embora. – *Estranha* – sussurrou.

– Do que você me chamou?

– Regan – a diretora estava parada à porta. Ela não parecia muito feliz por ainda ver a aluna com aquela blusa. – Troque a camiseta.

AGORA.

Regan revirou os olhos e depois foi embora.

– Você deve ser Ally – a diretora havia assumido outro tom, algo mais educado e cordial. Talvez a bronca fosse só com Regan.

Marissa e Bonnie estavam sentadas em uma mesa do lado de fora da escola. Elas estavam conversando sobre o episódio de *America's Next Top Model* que assistiram na noite passada. Bonnie estava prestes a dizer que a modelo de Nova York era melhor do que a de Delaware quando uma garota passou apressadamente ao lado delas. Bonnie achou estranho porque a garota lhe pareceu familiar.

– Skylar? – Bonnie chamou. – Sky, é você?

A garota estava usando uma calça jeans azul e uma blusa vermelha

listrada, de mangas compridas. Até aí tudo bem. Skylar poderia usar aquelas roupas, mas o fato de a garota usar um boné dificultava um pouco as coisas.

A garota então levantou a cabeça e Bonnie e Marissa puderam confirmar: era Skylar.

– Ei, você não nos viu? – Marissa perguntou.

– Não. Na verdade eu estou com pressa, nos vemos mais tarde. – Skylar estava sendo evasiva. Outra coisa estranha, ela nunca agia assim. – Ok?

– Espere um minuto. – Bonnie puxou a amiga de volta. – Por que você está usando um boné? Você nunca usa.

– Ah, isso – meio desconcertada, Sky tocou a aba do boné. – Meu cabelo acordou um horror esta manhã.

Meio descrente, Bonnie arrancou o boné da cabeça da amiga. No minuto seguinte, tanto Marissa quanto Bonnie estavam boquiabertas.

Skylar, que sempre teve longos cabelos negros, estava agora com curtos cabelos azul-turquesa. E, estranhamente, parecia mais linda do que antes.

– Ai. Meu. Deus. – Bonnie ainda estava encarando a cabeleira azul da amiga.

– O que aconteceu? – Para uma garota que era fascinada por livros, Marissa estava particularmente curiosa com relação aos cabelos de Skylar.

Sky puxou uma cadeira e se sentou.

– Ontem à noite eu tentei fazer um feitiço – começou a explicar.

– *Shh!* – Marissa a repreendeu. – Fale baixo!

– Ontem à noite eu estava... Vocês sabem. Mas alguma coisa acabou dando errado e eu fiquei com o cabelo assim.

– Que feiti... Coisa você estava tentando invocar?

– Eu estava tentando aumentar o tamanho dos meus seios.

Bonnie começou a sorrir.

– Eu não deveria dizer isso, mas é bem feito pra você e que isso sirva de lição. – Marissa agora estava se referindo a Bonnie. – Magia não é brincadeira, nós não devemos usar nossos dons com coisas tão

lúteis.

– Marissa, se eu não consigo nem ajudar a mim mesma, como você espera que eu ajude os outros? – Sky disse isso em tom sarcástico. – Que ótimo, agora eu estou com o cabelo da Marge Simpson.

– Se serve de consolo, eu acho que você ficou linda. – Bonnie declarou.

– Sério? – Skylar ainda não acreditava no positivismo da amiga.

– Eu também acho. Combina com você.

Talvez a falta de sorte de Skylar não fosse algo assim tão ruim.

~

Marissa odiava o fato de Regan sempre se atrasar. Principalmente no primeiro horário, justamente na aula de Biologia, onde as duas deveriam trabalhar como parceiras de laboratório.

E para o azar de Marissa, não fora Regan quem acabara de entrar na sala. Era Phoebe “Everest” Sullivan. Não foi por acaso que Phoebe recebera o apelido de Everest: ela era uma garota imensa e também muito mal-encarada.

Phoebe vinha em direção à mesa de Marissa. Também pudera: graças a Regan, Marissa era a única garota da sala sem parceiro.

Marissa engoliu em seco, ela não conseguiria dizer não como resposta. Em parte porque ela não gostava de ser rude, mas a verdade é que ela, assim como muitas outras garotas, garotos e alguns professores, morria de medo de Phoebe Everest.

A sorte grande entrou na sala, logo atrás de Phoebe Everest.

– Oi – rapidamente Marissa balançou a mão no ar. Ela estava tentando chamar a atenção da garota parada atrás de Phoebe, mas a aluna encarou Marissa meio desconfiada. Vendo que iria continuar sem parceira, Phoebe teve que ir para o fundo da sala. Ela até fez questão de empurrar um garoto, só para deixar clara sua frustração. – Eu guardei um lugar para você.

A garota se aproximou completamente desconfiada. Ela tinha cabelos loiros na altura dos ombros e olhos azuis.

– Desculpa, mas eu acho que você me confundiu com alguém.

Marissa se inclinou para frente.

– Na verdade não. Você está vendo aquela garota enorme sentada no fundo da sala? – Marissa fez uma pausa enquanto a garota olhava para o local indicado. – Eu não quero fazer dupla com ela, sua última parceira de laboratório foi diagnosticada com Síndrome do Pânico. Por favor, sente-se aqui. Eu prometo que não mordo.

Pelo olhar da garota, Marissa concluiu que ela também não queria fazer dupla com Phoebe Everest.

A aluna deu a volta na mesa e se acomodou na cadeira vazia ao lado de Marissa. Em seguida, ela acomodou a bolsa e o livro de Biologia em cima da mesa.

– Obrigada, você literalmente salvou a minha vida. – Marissa sorriu.
– Eu me chamo Marissa.

– Oi, meu nome é Ally.

O Sr. Maden, o professor de Biologia, era careca e barrigudo. Marissa gostava muito dele porque, diferente da maioria dos outros professores, ele não tentava ser engraçado só para agradar. Só que naquela manhã não foi o Sr. Maden quem entrou na sala para ensinar Biologia. O homem em questão era alto, aparentemente jovem, tinha o rosto anguloso e uma cabeleira escura. Estava usando um terno de tweed e trazia consigo uma pasta preta.

– Olá, classe – deixando a pasta em cima da mesa, ele se voltou para a turma. – Eu me chamo Thomas Wiles, sou o novo professor de Biologia.

Como já era de se esperar, Marissa seria a primeira a fazer perguntas.

– Sr. Wiles, o que aconteceu com o professor Maden?

– O professor Maden se aposentou. Ouvi dizer que ele comprou um barco e se mudou para a Flórida antes do início do ano letivo.

Mais ninguém, além de Marissa, estava a fim de fazer perguntas. Por isso, o professor Wiles resolveu iniciar a aula.

– Alguém pode me dizer o que são vírus? – O professor perguntou a ninguém em especial. Mas, como já era de se esperar, Marissa seria a única a responder as perguntas.

– Os vírus são seres muito simples e pequenos, formados basicamente por uma cápsula proteica envolvendo o material genético, que, dependendo do tipo de vírus, pode ser o DNA, RNA ou os dois juntos.

– Muito bem. Ah...

– Marissa Stone – disse, meio sorrindo e meio sem jeito.

– Muito bem, Srta. Stone. – O professor continuou. – Vírus é uma partícula basicamente proteica, que pode infectar organismos vivos. São parasitas obrigatórios do interior celular e isso significa que eles somente se reproduzem pela invasão e posseção do controle da maquinaria de autorreprodução celular.

– Desculpe-me pelo atraso. – Regan entrou na sala sem sequer olhar para o professor. Quando ela resolveu encará-lo, ficou tão surpresa quanto qualquer outra garota naquela sala. – Quem é você?

– Thomas Wiles, sou o novo professor de Biologia. E você é?

– Regan Weathers, aluna.

– Certo. Bem, Regan, de acordo com a política da escola, eu deveria repreendê-la e mandá-la para detenção pelo atraso. Mas hoje, e só hoje, eu vou deixá-la apenas com um aviso: atrasos não são permitidos na minha aula. Entendido?

– Sim, senhor.

– Certo. Sente-se.

Essa não! Ally pensou. Ela e Regan, a garota estranha, seriam colegas de classe. Regan também não estava feliz em vê-la de novo.

– O que você está fazendo aqui? – Perguntou a Ally.

– Eu estudo aqui, igual a você e todos os outros alunos nessa sala.

– Não estou me referindo a isso, sabichona. Você está sentada no meu lugar. – Regan encarou Marissa. – Por que ela está sentada com você?

– Espere um minuto. Vocês se conhecem?

– Infelizmente. – Ally respondeu.

– Desculpe, Regan, mas eu precisava de uma parceira e você não chegou a tempo. Então eu convidei Ally para se sentar aqui comigo.

– Tudo bem, agora eu já cheguei. – Regan voltou a encarar Ally. –

Você já pode se levantar. Obrigada por guardar o meu lugar.

– Obrigada uma ova! Eu não vou sair.

– O que você disse?

– O que você ouviu.

– Meninas, parem! Por...

– Marissa estava guardando esse lugar pra mim. – Regan continuava petulante, como sempre. – Por isso, de direito, esse lugar onde você está é meu.

– Eu não vi a placa de reservado quando cheguei. Além do mais, Marissa me chamou para sentar aqui. Quem vai ao ar, perde o lugar.

– Sua...

– Algum problema, Srta. Weathers? – O professor já estava ficando impaciente com a falta de respeito de Regan.

– Tem sim. *Ela* roubou meu lugar.

– Não é verdade, professor. Esse lugar não tinha o nome dela quando eu me sentei.

– Srta. Weathers, na minha aula não existem lugares marcados para ninguém. Agora sente-se, para que eu possa continuar a aula.

– Mas, professor...

– SENTE-SE.

– Tem um lugar desocupado no fim da sala. – Ally disse para Regan.

Quando Regan encarou Phoebe Everest no fundo da sala, esperando por ela, toda a petulância dentro de si morreu. Derrotada, ela fez a caminhada da vergonha até lá.

– Vou logo avisando. – Phoebe falou assim que Regan se aproximou.

– Eu comi brócolis e ovos no café da manhã. Os ovos estavam estragados, por isso é melhor pra você usar uma máscara de oxigênio.

Regan tapou o nariz com a gola da blusa.

O que diabos estava acontecendo com o universo? Regan queria essa resposta mais do que tudo. Como uma garota como ela acabava sendo censurada pela diretora, passada para trás por uma garota desconhecida e, pior, como justamente ela terminava fazendo dupla com Phoebe Everest?

Era tudo culpa da garota nova, ela era o gato preto na vida de Regan. Ou melhor, o balde de água gelada na cabeça da garota que controlava o fogo.

Mas, se dependesse de Regan, o jogo iria virar. Mais precisamente no minuto seguinte, ela estaria mostrando para a novata quem é que mandava.

Claro, isso se ela conseguisse sobreviver aos ataques de pum fedorento de Phoebe Everest.

Naquele momento, Regan estava se concentrando na banquetta onde Ally estava sentada. Era tudo o que ela precisava.

Enquanto isso, alheia à raiva de Regan, Ally estava prestando atenção à aula.

O professor Wiles começou a entregar formulários para os alunos, era algo relacionado a uma feira de Ciências que aconteceria no próximo mês. Quem quisesse participar, e tivesse um projeto, deveria entregar o formulário preenchido.

Pela primeira vez, Ally sentiu-se atraída por alguma coisa relacionada à escola. Ela era boa em Ciências, só não tinha um projeto pra apresentar. Mas isso ela poderia dar um jeito.

Enquanto Ally cogitava se deveria ou não assinar o formulário, Marissa já estava finalizando a inscrição dela.

– Caramba, garota. – Ally observou. – Você gosta mesmo de Biologia.

– Eu participo desse projeto há dois anos. É muito bom.

– Você quer... – Ally teve uma ideia, mas depois concluiu que não era uma boa sugestão. – Deixa pra lá.

– Não. O que foi? Eu quero saber.

– Eu ia perguntar se você queria fazer dupla comigo. Juntas, quem sabe, poderíamos desenvolver um projeto irado. Mas então eu me lembrei de que você provavelmente vai fazer dupla com a sua amiga ruiva raivosa. Por isso, esquece.

– Eu não vou fazer dupla com a Regan, ela odeia atividades extracurriculares. Ela até arrumou falsos registros médicos, dispensando-se da aula de Educação Física.

– Então, o que você acha?

Marissa torceu os lábios.

– Não me leve a mal, mas eu costumo levar essas coisas muito a sério. Não é brincadeira pra mim. Se você acha que vai conseguir uma nota fácil...

– Eu não estou pensando nisso, eu juro. Eu também gosto de Biologia. Eu posso ajudar, é sério. Eu não costumo ser um peso morto, acredite.

– Bem, então nesse caso...

Em câmera lenta, Ally começou a sentir a banqueta mexer-se embaixo dela. Era quase como se ela estivesse afastando-a para trás, o que não era o caso. Alguém estava fazendo isso por ela.

E então a banqueta foi arrancada debaixo de Ally. Ela começou a cair, só que não chegou a cair de fato: Ally estava a poucos centímetros de cair de costas no chão, era quase como se ela estivesse levitando. Em seguida ela se ajeitou, ficando de pé. Então percebeu algo pra lá de estranho.

Marissa, o professor e todos os alunos estavam parados, petrificados. Até o relógio havia parado de rodar. Ally era a única na sala que podia se mexer.

Ela havia congelado o tempo dentro da sala.

Ally viu algo que a deixou profundamente irada: no fundo da sala, congelada feito uma escultura de gelo, estava Regan, com um sorriso estampado no rosto. O professor estava ao lado dela, recolhendo os formulários. Foi então que Ally teve uma ideia.

Ela arrancou uma folha do caderno, fez um desenho malfeito e escreveu uma legenda em cima dele. Correu até o fundo da sala e arrancou da mão de Regan o formulário em branco, que ela estava entregando de volta ao professor. Ally substituiu a folha de Regan pelo desenho que ela acabara de fazer.

Tudo certo, ela só precisava descongelar todos e o tempo. Mas, como diabos ela faria isso?

Ally se sentou de volta na banqueta, fechou os olhos e cerrou os punhos. Ela estava se concentrando. Certo, a qualquer momento agora.

– Eu adoraria fazer dupla com você. – Marissa continuou.

– Srta. Weathers, eu posso saber o que significa isso? – Ally ouviu o professor perguntar a Regan. Ele não parecia estar feliz.

O professor Wiles entregou de volta a Regan o formulário. Quando encarou a folha de papel, ela não sabia se acreditava nos próprios olhos ou se estava alucinando.

Um rosto oval fora desajeitadamente desenhado no papel. Tinha grandes círculos, que provavelmente eram os olhos, uma boca fina, a língua exposta para fora e um par de chifres na testa. E isso ainda nem era a cereja do bolo: em cima da caricatura amadora lia-se: PROFESSOR WILES.

Regan olhou para cima e, boquiaberta, encarou o professor, que a encarava de volta com uma fúria típica estampada no rosto.

– Professor, esse desenho não é meu. Eu não sei como ele veio parar aqui, eu juro!

– É mesmo? E por que é você quem está me entregando?

– Eu não... eu não. – Regan não sabia o que dizer. Olhando para fente, ela percebeu que Ally continuava sentada, ela não havia caído. Regan não conseguiu puxar a banqueta, o que, claro, era muito estranho. Ela podia jurar que, há um minuto, Ally estava prestes a se espatifar no chão. Mas, então, ela não caiu.

Ally voltou a encarar o professor. Ela já sabia onde essa história iria terminar.

– Detenção pra você depois da aula – o tom de voz do professor era frio e educado. – Todos os dias, durante uma semana.

E por um segundo ela podia jurar, mesmo sem ver o rosto dela, que Ally estava rindo de toda a situação.

Infelizmente, tudo o que Regan podia fazer, na atual circunstância, era cara de quem acabara de chupar limão.

VII

THE GOOD WITCH era provavelmente a loja mais antiga de toda Mystic Village. A Sra. Wilson sabia muito bem disso, mas isso não significava que ela gostava de frequentar aquele lugar. Ela não era fã número um de bruxas, feitiços e muito menos de objetos mágicos.

Entretanto, era lá que a Sra. Wilson estava naquele momento. Gostando ou não, ela precisava estar lá.

Onika Woodard era proprietária e gerente da loja. Antes dela, o local pertencera a Geechee Woodard, mãe de Onika. A loja fora inaugurada pela avó de Onika, Ilanga Woodard.

Conforme a Sra. Wilson se aproximava do balcão, Onika achava tudo muito engraçado.

– Macacos me mordam se você não é Verônica Wilson, a primogênita de Esther Cooley. Eu soube que você nem usa o sobrenome da sua mãe. É verdade?

– Oi pra você também, Onika.

– Que bons ventos te trazem *aqui*? E quando eu digo aqui, estou me referindo a esta cidade. Da última vez que eu a vi, você jurou nunca mais colocar os pés por aqui de novo.

– Como você sabe, minha mãe morreu.

– Há dois meses. Sim, eu sei.

Onika Woodard era uma bruxa ancestral, ela recebia os poderes das familiares que vieram antes dela. A morte de uma bruxa ancestral raramente significava motivo de tristeza para a mais nova da família. Afinal, a partir daquele momento a nova escolhida poderia canalizar os poderes de todas as ancestrais que já morreram.

A Sra. Wilson ainda se lembrava de como Onika ficara feliz quando recebeu a notícia de que a mãe estava morta.

– O que você quer? Você precisa de um feitiço? Talvez uma poção do amor, talvez não? Não, da alegria. Bem, me diga você. Eu também posso ler as cartas pra você, se quiser.

– Pode parar com esse teatrinho, Onika. Você sabe muito por que eu estou aqui e por que eu voltei para esta cidade.

– Sim, eu sei, foi um dos dons que eu herdei da minha mãe e que ela herdou da minha avó: a intuição. Eu sabia que você estava de volta à cidade, mas, acima de tudo, eu sei o motivo da sua volta, as minhas ancestrais me contaram. O problema é a sua garota, não é? Como ela se chama?

– Ally.

– Um belo nome. Eu suponho que ela seja bonita. Afinal, Verônica, você é um colírio para os olhos. Beth, sua mãe, fazia muito sucesso com os garotos. Você sabe, quem sai aos seus, não degenera.

– Eu receio que não seja o caso de All. Ela é, sim, uma garota bonita, mas não se parece em nada comigo. – A Sra. Wilson hesitou por um instante. – A minha filha se parece muito com a minha mãe, a personalidade das duas chega a me assustar.

– E isso é uma coisa ruim? Digo, Beth não era uma pessoa má, aqueles que a conheciam tinham orgulho dela. No mundo mágico ela é até celebridade. – O papo estava bom, mas Onika gostava de ir direto ao ponto. – Por que você está aqui, Verônica?

– Você sabe.

– Será que sei? Eu sei de muitas coisas, mas às vezes eu apenas acho que sei. Acho que, na verdade, eu sei muito pouco.

– Chega de joguinhos, Onika. Eu estou aqui pra saber se a minha filha é...

– Uma bruxa? Por que você faz parecer algo ruim?

– Chega, por favor, e me responda: Ally é ou não uma bruxa?

– Cara Verônica, você não estaria aqui se já não soubesse a resposta, não é mesmo? Você só veio aqui procurando um pouco de paz de espírito, mas, infelizmente, eu ainda não tenho uma poção para isso em um frasquinho.

– Onika, minha filha... minha Ally, ela foi...

– Escolhida pela deusa? – Onika fez silêncio e olhou no fundo dos olhos da mulher que conhecia tão bem. – Pode ter certeza que sim. Sua Ally foi escolhida a dedo pela deusa para reger um dos cinco

elementos.

– Como você pode ter tanta certeza?

– Não seja tola, Verônica. Eu sinto as coisas, eu sinto as mudanças antes mesmo de elas acontecerem. E agora eu sei que os cinco elementos, Fogo, Água, Ar, Terra e Espírito, estão prestes a se alinhar de novo e não há nada que você possa fazer para impedir isso. Caso você esteja cogitando pegar sua filha e ir embora antes do dia de amanhã, eu aconselho você a não fazer isso. Os cinco elementos estão próximos, eu consigo sentir.

– O que vai acontecer? Você consegue ver?

– Não, até as minhas visões são limitadas às vezes. Mas eu sei de uma coisa: se a deusa precisou escolher novas garotas, isso significa que um grande mal deve estar se aproximando, algo tão maligno quanto o primeiro dos males.

– Você acha que... não, não é possível. Da última vez, minha mãe e as escolhidas aprisionaram o corpo *dele* nas profundezas de um vulcão. *Ele* jamais conseguiria escapar daquela prisão, tudo o que restou foram histórias.

– O mal nunca irá acabar, Verônica. Assim como o bem, ele sempre estará presente, neste e em qualquer outro mundo. Por isso, eu não teria tanta certeza assim.

– Mas, por que agora? Depois de tantos anos!

– Como eu disse, às vezes eu acho que sei de tudo, mas às vezes eu simplesmente não sei de nada. Engraçado, não é?

Onika não iria dizer mais nada, Verônica sabia disso. Ela então se virou sem dizer tchau e foi em direção à saída.

– Anime-se, Verônica.

A Sra. Wilson então se virou para encarar a velha bruxa.

– Eu sei que a maioria dos pais deseja que seus filhos se tornem médicos ou advogados. Mas a sua filha agora é muito mais especial, ela foi escolhida pela deusa para reger um dos elementos mais poderosos deste e de qualquer universo. Ela é uma bruxa. Eu, em seu lugar, não poderia estar mais orgulhosa da minha cria.

Depois que a Sra. Wilson saiu da loja, Onika gargalhou de um jeito

que não havia gargalhado há muito tempo.

~

Ally pagaria mil dólares pra não participar da aula de Educação Física. Infelizmente ela não tinha este dinheiro e, pior que isso, a treinadora McGroove não tinha cara de quem aceitaria o gentil suborno de uma aluna.

– Certo, meninas, juntem-se aqui. – McGroove utilizou o apito para chamar a atenção das alunas, que estavam dispersas em pequenos grupos pela quadra. Exceto Ally, que estava sentada sozinha nas arquibancadas. – Hoje nós vamos jogar queimada. – Ela então começou a escolher as garotas. – Você, garota que se parece com um gato molhado. Você, loira, a garota de nariz grande e a garota de pernas finas. – É um fato, a treinadora McGroove tinha um jeitinho todo especial de tratar suas alunas. – Segundo time: você, baixinha – esta era uma garota que estava parada ao lado de Ally. Sim, o apelido fazia jus à garota. – Você, garota que se parece com a Joan Van Ark quando era bonita. – Ally então percebeu que a treinadora estava se referindo a ela e juntou-se à baixinha no outro lado da quadra. Logo, outras duas garotas se juntaram a elas.

O outro grupo estava com a bola, a garota que parecia um gato molhado foi a primeira a jogar. Ela não fizera muita força, por isso a garota com cara de raposa do time de Ally conseguiu pegar a bola sem esforço.

– Vamos lá! – A treinadora gritou. – Coloquem mais força nisso! Até a minha avó, que tem reumatismo, joga melhor do que vocês.

Cara de raposa jogou a bola com força, mas ainda assim a garota loira do time rival conseguiu segurar a bola.

– Por favor, não prestem atenção em mim. – Ally ouviu a baixinha resmungar.

– Você não é muito fã de esportes, não é? – Ally comentou.

– Você está brincando? – A baixinha encarou Ally. – Eu odeio e o pior é que alguém sempre acaba me acertando em cheio. Eu não duro

mais do que dois minutos nessas coisas.

A garota poderia considerar aquele o seu dia de sorte. Enquanto ela estava distraída, conversando, a garota de pernas finas do time rival resolveu pegá-la de surpresa. Infelizmente ela não podia contar com os bons reflexos de Ally, que fez o favor de pegar a bola a poucos centímetros de atingir o rosto da garota baixinha.

– Jesus! – Baixinha exclamou. – Obrigada, você tem ótimos reflexos.

– Vocês duas – a treinadora utilizou o apito de novo. – Isso aqui não é o chá das cinco. Menos conversa e mais ação.

Com a bola nas mãos, Ally passou na frente das outras garotas. Ela mirou na aluna de nariz grande e em seguida jogou a bola.

A garota mal pôde perceber o tiro de canhão que vinha em sua direção. Quando ela se deu conta, a bola que Ally jogou já havia acertado o lado esquerdo do seu rosto. Ela buscou ajuda em uma das garotas do time para não cair, mas foi inevitável. Com uma bolada, Ally derrubou duas garotas.

– É disso que eu estou falando! – A treinadora comemorou.

As garotas do time parabenizaram Ally enquanto ela voltava para seu lugar.

– Caramba, garota, você é forte! Você come espinafre? – Baixinha perguntou.

– Pode-se dizer que sim. – sorriu. – Eu me chamo Ally.

– Bonnie.

Onika estava certa.

Cinco minutos depois o time de Ally foi declarado campeão, elas tiveram apenas uma perda. Enquanto Ally comemorava com Bonnie e as outras garotas, ela viu algo que repentinamente despertou seu interesse.

A porta no fundo da quadra, que dava acesso ao campo de futebol, foi aberta e alguns jogadores do time de *lacrosse* começaram a atravessar, indo até o vestiário masculino. Eles estavam sujos e suados.

Um deles tirou o capacete enquanto atravessa a quadra e Ally pode ver Finn pela primeira vez desde que chegara a Mystic High. Naquele

instante ela cogitou ir falar com ele. O plano parecia bom, mas ela teve que deixá-lo de lado quando ouviu uma das garotas do time rival chamar Finn pelo nome e em seguida correr para poder falar com ele.

O jogador estava conversando com ela, Ally notou que eles já se conheciam. Finn parecia estar à vontade e a garota tinha toda liberdade para tocá-lo no ombro, enquanto sorria de alguma coisa que ele dizia.

Era bom demais pra ser verdade.

– Está tudo bem? – Bonnie perguntou.

– Sim. – Ally respondeu por educação.

~

Bonnie era *super* a fim de Jake Stowe, isso todas as amigas dela já sabiam. Ally também estava perto de ficar a par da situação.

Elas estavam caminhando juntas pelo corredor, a aula de Educação Física havia acabado dois minutos antes de o sinal tocar. Ally queria pegar um livro dentro do armário antes da próxima aula.

– Você é jogadora profissional, não é? – Bonnie perguntou. – Eu nunca vi ninguém acertar uma bola com tanta precisão.

– Não, nada disso. Na verdade, eu acho que tive muita sorte.

– Queria eu ter essa sorte.

Bonnie então viu Jake. Eles não tinham aulas juntos na terça-feira, o que, para Bonnie, era uma tortura. Ele estava parado na frente do armário, colocando alguns livros dentro da mochila.

Cabelos e olhos escuros, sobrancelhas grossas e lábios finos. Nem se Bonnie soubesse um feitiço de criação ela conseguiria criar um garoto mais bonito do que Jake.

– O que foi? Por que você parou? – Ally perguntou.

Bonnie virou de costas, como se estivesse prestes a fazer todo o caminho de volta para o vestiário, mas ficou parada.

– Você está vendo aquele garoto parado na frente do armário? – Bonnie perguntou.

Ally não havia visto Jake, mas agora ela via.

– Que gato!

– *Shh!* Fale baixo! Pois é, mas, só pra você saber, ele e eu estamos, você sabe, juntos, tipo, pra valer.

– Sério? Que demais! Você tem mais sorte do que eu. Mas por que você está de costas? Você não deveria, sei lá, ir até lá e enfiar a sua língua dentro da garganta dele ou algo do tipo?

– É complicado. – Bonnie então começou a explicar. – Jake e eu estamos juntos, o problema é que ele ainda não sabe disso.

– Entendo.

– Eu pareço louca?

– Não, que nada, nem um pouco. – *Totalmente louca, louquinha de pedra, no mínimo virada da cabeça*, Ally pensou.

Ally abriu seu armário, que coincidentemente ficava ao lado do de Bonnie, e tirou lá de dentro o livro de Química.

O sinal tocou.

– Onde fica a sala cento e um? – Ally perguntou.

– No segundo andar. – Bonnie respondeu.

– Certo. Eu preciso ir, até mais.

– Tchau. – Bonnie quis completar. – Ah, e obrigada de novo por me salvar da bolada.

Ally foi em direção ao segundo andar.

Bonnie estava guardando um caderno dentro do armário quando ouviu alguém perguntar atrás dela: – Você tem um lápis extra, que possa me emprestar?

Lentamente ela virou para trás e quase gritou quando encarou o belo Jake Stowe parado há poucos centímetros dela.

– O que... O que você disse?

– Eu tenho aula de Matemática agora e não consigo encontrar o meu lápis. Você tem algum sobrando por aí, que possa me emprestar?

Bonnie estava com um lápis nº 2 na mão, ela indicou que ele poderia pegá-lo, se quisesse. Quando Jake segurou a outra parte do lápis, os dedos dele encostaram nos de Bonnie. Naquele momento ela sentiu uma imensa vontade de abrir uma cratera no chão, só de felicidade.

– Você está bem? – Jake perguntou. Bonnie notou que ainda estava

segurando o lápis, então rapidamente ela soltou o objeto.

– Sim, estou ótima.

– Nós temos algumas aulas juntos, certo?

– Matemática na quarta-feira. – Bonnie sabia o horário de cor. – E Literatura nas sextas.

– Legal. Valeu pelo lápis, depois eu devolvo – Após dizer isso, Jake se afastou.

Bonnie estava tão feliz que poderia até começar a atirar fogos de artifício do meio dos peitos, igual à Katy Perry. Mas, para a segurança dos alunos, era melhor que ela não fizesse isso.

Ela teve que se contentar em exibir um sorriso vitorioso até a sala de aula.

~

Skylar Robinson odiava as panelinhas da escola. Primeiro, porque ela não fazia parte de nenhuma delas e, segundo, porque ela era quase sempre o alvo destes grupos fechados.

Todos já consideravam Skylar uma garota estranha. Mas, agora que ela resolveu manter o cabelo azul-turquesa, as piadinhas que ela estava costumada a ouvir haviam atingido um novo nível. Skylar não iria aceitar isso, ela nunca se autodeclararia uma pária.

– Ouvi dizer que ela começou a usar LSD. Será que é verdade? – Skylar ouviu uma garota sussurrar atrás dela na aula de Química.

– Quem duvida? Você sabe de quem ela é filha.

Skylar queria, mais do que tudo, transformar as duas garotas em sapos-bois. Mas nenhum feitiço que ela havia decorado poderia ser feito sem chamar a atenção de toda a turma.

Skylar era filha de Maureen Robinson: mãe, ex-professora da Universidade Village, cozinheira e traficante de *metanfetamina*. Maureen foi presa no final do ano passado, mas Skylar e o Sr. Robinson não sabiam de nada. Eles, assim como metade da cidade, foram pegos de surpresa quando Maureen foi presa. Por culpa da mãe, as coisas nunca mais foram as mesmas para Skylar.

O caso, no ano passado, foi descrito pela imprensa como “Breaking Bad da vida real”. Skylar visitou a mãe na cadeia apenas uma vez.

– Eu soube que a mãe dela ainda trafica na cadeia.

Skylar virou o rosto para trás, apenas um pouco e sem chamar a atenção de ninguém. Porém, ela viu justamente o que precisava ver. A garota que acabara de falar mal da mãe dela estava segurando uma garrafa com água há poucos centímetros da boca. Antes que a garota pudesse beber, um jato de água voou da garrafa, acertando-a em cheio no rosto. A aluna então começou a tossir e a enxugar o rosto com a manga da blusa.

– Você vai precisar de fones de ouvido. – Skylar escutou a menina ao lado dizer. Ela não a conhecia.

– O quê? – Skylar perguntou, desconfiada.

– Por conta dos comentários idiotas. Nada melhor do que ignorá-los. Acredite, eu sei e, neste caso, o melhor remédio são fones de ouvido.

– Valeu pela dica. – Skylar sorriu. – Eu não havia pensado nisso.

– Olha só o cabelo dela, ela tá parecendo um saco de *metanfetamina* ambulante. – Skylar e Ally ouviram a menina, que há pouco estava se afogando, comentar.

– Mais alguma dica? – Skylar perguntou.

– Bem, se os fones de ouvido não funcionarem, você poderá sempre usar o plano B: chutar a bunda dela daqui até a cidade mais próxima.

Skylar sorriu.

– Mas eu preciso alertar você: fazer isto pode trazer alguns probleminhas.

– E eu achando que seria fácil e indolor. – Skylar sorriu e a garota também. – Obrigada. Ah, qual é o seu nome?

– Ally. Eu acabei de me mudar.

– Bem-vinda a Mystic Village, Ally. Eu me chamo Skylar. – Ela apertou a mão de Ally. – Agora me diga: o que diabos você fez para vir parar aqui?

Foi a vez de Ally sorrir.

– Eu tenho sido uma garota muito má.

- Bem-vinda ao clube.
 - A propósito, eu gostei do seu cabelo.
- Era oficial: Skylar gostava de Ally.

~

O almoço seria provavelmente a parte mais difícil do dia, Ally já estava ciente disso. Na verdade, ela acordou imaginando que teria que almoçar nas arquibancadas do lado de fora. Ou pior, no banheiro.

O refeitório já estava abarrotado de alunos, cada grupo reunido, enquanto Ally estava parada no meio do refeitório com uma bandeja nas mãos.

Ela pensou que ficaria ali parada até o sinal tocar, mas um vulto azulado, no fundo do refeitório, chamou a atenção dela. Esticando o pescoço ela avistou Skylar, a garota que conheceu na aula de Química, mas ela não estava sozinha. Marissa, a garota da aula de Biologia e Bonnie, da aula de Educação Física, estavam todas juntas. Normalmente Ally não chegaria de supetão, mas, naquele momento, ela sentiu uma estranha simpatia por aquelas garotas. Algo a dizia que, se ela se aproximasse, as garotas não a mandariam embora. E aquilo era tudo que ela precisava.

Ally se aproximou como se já conhecesse aquelas garotas há muito tempo, ela se sentia estranhamente confiante.

- Oi. - Ally disse.
 - Oi, garota. - As três responderam em uníssono.
- Skylar, Marissa e Bonnie se entreolharam.
- Vocês a conhecem? - Skylar perguntou.
 - Sim. - Marissa e Bonnie disseram juntas.

Ally sorriu.

- Coincidentemente eu tive aula com vocês três.
- Que demais! - Bonnie sorriu.
- Sente-se. - Marissa disse.

Era tudo que Ally precisava escutar, então ela puxou uma cadeira e se sentou.

– Como foi o primeiro dia de aula, até aqui? – Marissa perguntou.

– Cansativo. Na maior parte do tempo eu estou atrasada para as aulas. Eu não sei onde ficam as salas e raramente alguém resolve me ajudar.

– É melhor você ir se acostumando – disse Skylar. – A maioria dos alunos aqui são abutres rudes.

– Exceto vocês três. Vocês foram gentis comigo.

– Você me salvou de levar uma bolada na cara. O mínimo que eu posso fazer é ser gentil com você. – Bonnie sorriu.

– Então, Ally. De onde você vem? – Marissa perguntou.

Ally deu uma mordida no sanduiche que trouxera de casa.

– Daqui e dali, mas eu morei muito tempo por acolá.

– Misteriosa. Gostei – disse Skylar.

Marissa e Bonnie sorriram.

– Você já encontrou alguma garota que quer estrangular? – Bonnie perguntou.

– Uma porção, na verdade. – Ally então se lembrou. – *Argh*. Marissa, me desculpe, eu sei que aquela garota é sua amiga e, por favor, não me odeie, mas ela é irritante.

– Que garota? – Bonnie perguntou.

– Você está me perseguindo?

Parada ao lado de Ally, com um saquinho na mão, estava Regan.

Ally ergueu os olhos e encarou a ruiva furiosa, depois virou o rosto e viu as outras meninas, que estavam perplexas. Menos Marissa, ela já sabia que Ally e Regan haviam se estranhado feito dois gatos.

– Deixe-me adivinhar: todas vocês são amigas?

Bonnie balançou a cabeça, confirmando que eram. Marissa e Skylar responderam sim em uníssono.

– O que você está fazendo aqui? – Regan exigia saber. – Por que você sempre está nos lugares aonde eu apareço?

– Regan, vá com calma. – Skylar disse.

– Nós convidamos Ally para se sentar aqui, ela é legal. – Marissa disse.

– Bem, eu estou desconvidando você. Vá se sentar em outro lugar.

– Regan! Não seja rude. – Bonnie estava quase chocada.

Ally deixou o restante da comida na bandeja e se levantou. Ela e Regan estavam se encarando de igual para igual, nem uma mosca se atreveria a voar entre as duas.

– Aproveite o seu almoço. – Ally disse educadamente.

Ela pegou a bandeja de volta e começou a se afastar.

– Ally, não vá. – Marissa a chamou de volta.

– Tudo bem. Eu vejo vocês, garotas, mais tarde.

Ally jogou a comida quase intocável na lata do lixo e depois deixou a bandeja de lado. Ela estava prestes a sair do refeitório quando alguém tocou em seu ombro.

– Então, nos vemos de novo. – Finn sorriu.

Ally revirou os olhos e resolveu ignorá-lo.

~

Marissa estava encarando Regan com um genuíno olhar de desaprovação. Ela odiava aquilo, os olhares de Marissa eram tão sorrateiros quanto um caçador atrás de uma presa.

– Precisava fazer aquilo? – Marissa enfim perguntou.

– O quê? – Fez-se de desentendida. – Eu não gosto dela, é sério, aquela garota é um mau agouro de vestido.

– Ally é uma garota muito gentil, ela foi legal com todas nós. – Bonnie disse.

– Bem, ela foi rude comigo.

– Talvez você tenha feito por merecer. – Skylar declarou. Ela também não aprovou a falta de respeito de Regan.

– Meu Deus! Ela chegou hoje e já tem defensoras? Que droga!

Regan tirou uma maçã de dentro do saquinho que havia trazido para o refeitório. Ignorando o fôlatório reprobatório das amigas, ela deu uma generosa mordida na maçã e em seguida cuspiu o pedaço em cima da mesa.

– Que nojo, Regan!

O pedaço da maçã que Regan havia cuspidado estava podre, escurecido

e malcheiroso.

– O que é isso? – Marissa estava encarando o restante da maçã que Regan ainda estava segurando.

O estômago de Skylar embrulhou quando ela encarou a fruta podre na mão de Regan. Dentro da maçã viam-se até minhocas.

Regan deixou o restante da fruta cair em cima de mesa. Em seguida ela tapou a boca com a mão e saiu correndo do refeitório.

Somente Marissa, Skylar e Bonnie viram os restos da maçã podre se desintegrarem em cima da mesa. Marissa sentiu os olhos arderem, Bonnie percebeu um aperto na garganta e Skylar notou um desconforto no estômago.

VIII

O silêncio dentro do *Prius* de Marissa era irritante. Bonnie não conseguia se lembrar de quando foi a última vez em que ela e as meninas haviam ficado tanto tempo sem dizer qualquer coisa, mesmo que fosse baboseira.

– É melhor alguém dizer alguma coisa ou eu vou enlouquecer. – Skylar declarou.

– *Argh*. – Regan desdenhou. – Eu não quero falar sobre aquela garota e vocês não podem me forçar.

– Não, Regan, não é sobre Ally. – Marissa disse, enquanto estava dirigindo. – É justamente sobre o que aconteceu depois que ela saiu.

Regan fez cara de ponto de interrogação.

– A maçã podre que você enfiou na boca! – Bonnie estava quase desesperada.

– Ah, isso. Marissa, eu já sei o que você vai dizer, que eu sou descuidada por comprar um alimento estragado. Mas, em minha defesa...

– Regan, eu não acho que o problema sejam os agrotóxicos. – Skylar disse.

– Como assim?

Pelo retrovisor interno, Marissa encarou Bonnie e Regan sentadas no banco de trás, Bonnie estava analisando Regan. Skylar estava encarando Marissa, era ela quem sempre tocava em assuntos desgastantes.

– Regan, depois que você saiu, a maçã se desintegrou.

– O quê?

– Pois é, bem na nossa frente. – Bonnie completou.

– E, para completar, todas nós nos sentimos mal depois. Foi como um efeito.

Regan era muitas coisas: teimosa, cabeça dura e imprudente, mas

Marissa também sabia que ela não era burra. Mais cedo ou mais tarde ela iria captar a mensagem no ar.

– Espere um minuto! – Regan reagiu. – O quê? Não! Marissa, o que você está dizendo? Você acha que aquilo foi magia?

– Eu não acho, eu tenho certeza.

Regan encarou Bonnie.

– Foi você? Foi algum tipo de piada de mau gosto?

– O quê? A maçã pobre ferrou com o seu juízo?

– Desculpa, mas você é a bruxa da terra e maçãs são meio que a sua especialidade. – Regan semicerrou os olhos. – Não seria a primeira vez que uma de nós usa magia pra dar uma lição em outra pessoa.

– Você vai mesmo começar com as acusações agora? – Bonnie estava chateada. – Eu não fiz aquilo, Regan. Eu poderia, deveria, mas não fiz.

– Certo. – Regan olhou para frente. – Sky?

– Vai se ferrar! – Skylar era a garota que acidentalmente acabara com os cabelos azuis, quando tentou invocar um feitiço. – Se eu conseguisse apodrecer alguma coisa, seria a sua cara.

– É sempre um deleite conversar com você.

– Não, Regan, não fui eu quem apodreceu a maçã. – Marissa respondeu antes mesmo de ser interrogada.

– Ah, não, querida, eu não achei que tivesse sido. Você é muito boa pra isso.

E apesar de toda chateação, Bonnie e Skylar acharam engraçado.

~

Dentro do ferro-velho, Marissa estava prestes a começar a escalar a grade de ferro, para poder chegar ao outro lado, mas antes dela Regan já estava levitando por cima da grade.

– Que irado! – Skylar sorriu.

– Não é não! – Marissa respondeu. – Regan, você sabe que não devemos brincar com os nossos poderes.

– Relaxa, Marissa. Além do mais, de que adianta termos todos esses poderes se não podemos utilizá-los de vez em quando, em nome da

diversão? Vem, Bonnie, é a sua vez.

– Bonnie, não.

Mas antes que Marissa pudesse dizer mais alguma coisa, Bonnie já havia levitado e passado por cima da grade. Ela até soltou um gritinho quando estava no ar.

– Sky, eu desafio você.

Skylar fechou os olhos e se concentrou. Quando se deu conta, estava passando por cima da grade e em seguida aterrissando entre Bonnie e Regan.

Marissa cruzou os braços. Ela odiava ser contrariada, o que, infelizmente, acontecia com bastante frequência.

– Qual é, Marissa? – Regan começou a provocá-la. – Você sabe que quer. Vem, é até divertido, se você quer saber.

Regan era o diabinho no ombro de Marissa.

Marissa sempre jogaria de acordo com as regras, era esse o tipo de garota que ela era.

Ignorando as provocações de Regan, Marissa começou a escalar a grade. Por mais difícil que fosse, ela sempre conseguia chegar até o outro lado.

Quando Marissa chegou no alto, ela viu Regan levantar a palma da mão em sua direção.

– Não se atreva! – Gritou do alto da grade.

– *Levitatis*. – Regan pronunciou.

Marissa foi arremessada de cima da grade de ferro até uma moita no chão. Ela caiu de costas, mas, felizmente, o impacto não fora maior do que ela estava acostumada a aguentar.

– Droga! Marissa, eu sinto muito. – Regan começou a se desculpar. Ela então olhou para baixo e encontrou os óculos de Marissa, que caíram do rosto da amiga quando ela foi arremessada. – Aqui, pegue.

– Agora você sabe porque eu odeio quebrar as regras.

Regan ajudou Marissa a se levantar, o cabelo dela estava cheio de mato seco.

– Você está bem? – Regan perguntou.

Em resposta, Marissa ergueu a palma da mão e disse “afaste-se” em

latim.

Regan foi jogada para trás e bateu de costas contra a grade de ferro. Normalmente ela revidaria, mas sabia que fez por merecer.

– E eu achando que você não era vingativa. – Skylar comentou.

As meninas seguiram o caminho de sempre e adentraram a floresta. Bonnie e Skylar traziam nas costas duas mochilas com os materiais necessários.

No passado, a usina de aço de Mystic Village era a maior fonte de renda da cidade e de alguns povoados vizinhos. Centenas de pessoas trabalhavam ali, o lugar estava sempre a todo vapor. Porém, em 1983 a empresa que era responsável pelo projeto resolveu fechar a usina da noite para o dia, deixando milhares de pessoas desempregadas.

Atualmente a usina não era totalmente inutilizável, pois as meninas utilizavam o prédio abandonado como campo de treinamento. Era afastado da cidade e as pessoas raramente iam até lá. Na verdade, a maior dificuldade era quando uma raposa ou um gambá resolviam aparecer sem serem convidados.

As meninas sentaram-se em um círculo e Skylar começou a pegar as velas dentro da mochila: uma vela preta, para o espírito que continuava ausente; uma vela vermelha, para o fogo; uma vela branca, para o ar; uma vela amarela, para a terra; e uma vela azul, para a água.

Regan começou a acender as velas, com ela ali as meninas não precisavam de uma caixa de fósforos. Bonnie tirou o Grimório de dentro da outra mochila e colocou-o aberto no centro do círculo. As meninas então começaram a exibir os colares, que na maior parte do tempo ficavam escondidos dentro das blusas.

E por fim deram as mãos e fecharam os olhos. Na falta do espírito, era o ar quem pronunciava as palavras sagradas.

– *Ceridwen*, grande deusa-mãe, protetora dos cinco elementos, energia geradora do universo. Deusa tríplice do círculo do renascimento, nós humildemente invocamos a sua presença, grande divindade universal.

Marissa continuou.

– A Lua jamais morre, mas muda de fase a cada sete dias,

representando os mistérios da eternidade e mutação. Ceridwen, por favor, contemple-nos com a sua presença.

– Fogo. – Regan pronunciou.

– Ar. – Marissa pronunciou.

– Terra. – Bonnie pronunciou.

– Água. – Skylar pronunciou.

E então o colar de cada garota começou a brilhar, era a resposta da Deusa para o pedido das meninas. Ela as protegeria, guiaria e forneceria os poderes necessários contra qualquer ameaça ao longo do caminho.

~

Ally estava deitada na cama, reavaliando o primeiro dia de aula. Por incrível que pareça, não tinha sido tão horrível quanto as experiências anteriores. Foi até, em poucas palavras, quase normal.

No final, havia mais coisas positivas do que negativas na balança. Ela havia conhecido garotas legais, tinha se dado bem com a maioria dos professores, prestou atenção às aulas e, felizmente, não havia quebrado nada.

Ally viu o livro e o colar da avó em cima do criado-mudo. Esses dois itens ainda eram um mistério, se bem que tudo relacionado à avó dela ainda era um mistério.

Trazendo os objetos para perto, ela começou a analisá-los pela terceira vez consecutiva. Ally já havia chegado à conclusão de que o colar era apenas uma joia velha, de bom gosto, por sinal. Ela então decidiu usar o colar, que mal poderia fazer? Além do mais, nenhuma joia merecia ficar guardada no fundo de um baú velho.

O livro, no entanto, ainda era um empecilho. Por que a avó de Ally guardaria um livro em branco? Talvez fosse um diário, que ela nunca teve a oportunidade de preencher as páginas. Até aquele momento, era a melhor suposição.

Ally não sabia muito bem como começar, ela não era o tipo de garota que começava a contar a própria história com “Querido diário...”.

Mas valia a pena tentar. Com a caneta na mão, ela começou a escrever. Foi uma tentativa inútil, a caneta não funcionou. Ally pegou outra caneta e tentou escrever de novo. Diferente do tal raio, que supostamente nunca deveria acertar o mesmo lugar duas vezes, a segunda caneta também não funcionou.

Ally franziu a testa.

– Que droga! – resmungou.

O celular dela começou a tocar em cima da cama. O número era desconhecido, mas o código era o da cidade. Ela deslizou o dedo na tela e atendeu a ligação.

– Ally?

Ela reconheceu a voz de imediato.

– Finn? Como você conseguiu esse número?

– Eu invadi o sistema da escola e acessei os arquivos dos alunos.

Ally esperou que ele dissesse “Estou brincando”, mas isso não aconteceu.

– Ah, ok. O que você quer?

– Hoje à noite tem um lance, é uma festa. Todo ano os veteranos dão uma festa em uma casa próxima à cachoeira. É o de sempre: bebida, comida ruim, boa música, o vídeo de alguém vomitando, bêbado, vai cair no Youtube até o final da noite. Enfim, eu estava pensando se você quer, de repente, ir comigo?

– Até onde eu sei, os calouros não foram convidados.

– Você está certa. Mas, confie em mim, não é nada que um barril de cerveja não libere a nossa entrada.

– Certo. – Ally se lembrou de ver Finn conversando com a garota loira. – Eu já estava cogitando mesmo dar uma de penetra e aparecer por lá. Obrigada por me chamar.

– Então é um encontro?

– Não, Finn, não é um encontro. Eu vou estar lá e eventualmente você também. É algo casual e totalmente descompromissado.

– Foi o que eu pensei: é um encontro!

Finn desligou.

Por um momento, Ally quase esqueceu o livro misterioso da avó.

Segurando-o fechado, ela encarou a capa.

O que era aquele livro?

~

– Certo, Marissa, concentre-se. – Skylar disse.

As meninas estavam do lado de fora da usina, era uma terça ensolarada. Por isso e, pela segurança, era sempre bom treinar do lado de fora. Afinal, ninguém sabia quando os poderes de uma garota poderiam sair de controle.

Marissa esticou os braços e encarou o vasto céu azul.

– *Ventus*.

E então começou. Uma leve brisa correu ao redor das garotas, depois veio um vento mais forte, fazendo os galhos das árvores balançarem. Por fim veio a ventania, selvagem e incontrolável. Marissa sabia que um minuto a mais e todas as árvores seriam arrancadas do chão.

– *Prohibere*.

Nada aconteceu.

– Marissa, tente de novo! – Skylar teve que gritar.

– *Prohibere*.

Nada. Bonnie virou o rosto para o lado a tempo de ver o tronco de uma árvore ser partido ao meio, por conta da força do vento.

– Marissa, é melhor você se apressar. – Bonnie disse.

– Pare! – Marissa gritou. – Pare agora! Eu ordeno.

Regan escutou um rangido, depois o barulho de ferro sendo arrastado. Ela olhou para trás a tempo de ver a porta de ferro da usina vindo em sua direção.

– Abaixar-se! – Regan se jogou, empurrando Bonnie para o lado. As duas caíram no chão justamente quando a porta de ferro passou perto delas.

– Merda! – Skylar resmungou. No segundo seguinte, ela já estava correndo e agarrando Marissa pela cintura. As duas caíram no chão e a porta de ferro atingiu uma árvore em cheio.

– Todas estão bem? – Marissa se levantou e em seguida ajudou

Skylar.

– *Argh*. Defina bem. – Bonnie resmungou.

– Marissa, o que diabos foi aquilo? – Regan também estava em pé.

– *Aquilo* fui eu perdendo o controle sobre os meus próprios poderes

– disse, tristonha.

– Não fique assim, esse tipo de coisa acontece. – Bonnie tentou consolar a amiga.

– Não foi sua culpa. – Skylar também era solidária.

– Esse tipo de coisa não aconteceria se nós já tivéssemos encontrado o Espírito. – Regan estava de saco cheio.

Enquanto o galho de uma árvore caía no chão, as meninas começaram a se questionar se estavam pelo menos perto de encontrar o Espírito.

IX

Ally nunca havia ido a uma festa antes. Como poderia? Ela era a garota problema, um imã de confusão, ninguém quer esse tipo de pessoa nas festas.

Mas ela finalmente estava a caminho de uma festa. Bem, isso se conseguisse passar pela Sra. Wilson.

– Tchau, mãe, beijo, te amo. – Ally pegou a jaqueta e atravessou a sala em passos rápidos.

– Ally, aonde você vai?

Ela não era tão rápida assim.

Ally parou à porta, essa foi por pouco. Ela quase colocou um pé do lado de fora, a rua tinha cheiro de liberdade.

– Grupo de estudos na biblioteca.

– Grupo de estudos? – Desconfiada, a Sra. Wilson ergueu uma sobancelha. – Após o primeiro dia de aula? Ally, eu posso ser velha, mas eu não sou burra. Desembucha.

Ally respirou fundo.

– Um garoto me convidou para uma festa.

A Sra. Wilson começou a retorcer a boca, Ally já sabia o que viria a seguir.

– Mãe, por favor, não pense nisso como uma festa, mas como um lugar onde eu vou poder me socializar e fazer alguns amigos.

– Querida, eu sei que você está doida para se misturar, mas pense um segundo: é mesmo uma boa ideia?

– Sim! É uma ótima ideia.

A Sra. Wilson sorriu. Ally não era uma criminosa, ela só era uma garota que estava tentando viver a vida. Ela não tinha noção de quanto a sua vida estava prestes a mudar, a Sra. Wilson sabia disso.

– Você pode ir, mas esteja avisada: se você não estiver de volta antes das onze, eu vou buscar você, provavelmente com a polícia. – A Sra. Wilson soou como uma mãe normal. – Ah, e você não tem permissão

para ficar bêbada, você ainda é muito jovem pra isso.

– Obrigada – e antes que a mãe pudesse mudar da ideia, Ally já estava do lado de fora.

Ally não era cheia de vaidades, ela nem sequer sabia a diferença entre as roupas vendidas na Gap e as roupas vendidas na Zara. Mas, naquela noite, ela abriu a câmera frontal do celular só pra se certificar de que estava bonita.

~

Bonnie era boa com deduções, ela conseguia captar as pistas no ar antes das outras garotas. Desde o incidente nojento com a maçã no refeitório, ela estava com uma pulga atrás da orelha.

Mas, por hora, ela não tinha certeza se deveria ou não persistir no assunto. Afinal, poderia muito bem ser nada e ela não queria levantar suspeitas e criar caso em cima de nada.

A festa era na casa de Sarah Parker, a garota mais popular de Mystic High desde que a irmã dela, Louise Parker, se formou no ano passado. Nenhuma das garotas foi convidada para aquela festa, mas isso não era um problema.

– Regan virá? – Skylar perguntou.

– E desde quando ela perderia a oportunidade de tirar sarro da cara de algum adolescente bêbado? Por favor, isso aqui é *Wonderland* pra ela.

– Bonnie respondeu.

– Ela e Finn vão chegar mais tarde.

Bonnie, Marissa e Skylar caminharam juntas até a entrada da casa. Skylar tocou a campainha e um rapaz do time do time de futebol abriu a porta e fez cara de desdenho quando encarou as três calouras esquisitas.

– Nada de calouros. – Ele estava prestes a fechar a porta na cara das garotas, mas Skylar foi mais rápida.

– Tem certeza? – Ela trazia consigo um pacote com seis cervejas. Agora o garoto estava impressionado, até seduzido.

– Entrem. – Ele pegou o pacote de cervejas. – Bebidas e salgadinhos

estão na cozinha. Divirtam-se.

A casa estava cheia de adolescentes com copos de plástico nas mãos, a música estava alta, tudo o que elas precisavam fazer agora era se enturmar. Quando Marissa avistou um casal se beijando na escada, ela se encolheu e teve certeza de que deveria ter ficado em casa.

Na cozinha, elas deram de cara com Ally servindo-se do ponche. Ela sorriu quando avistou as garotas.

– Ei, vocês.

– O que você está fazendo aqui? – Marissa perguntou. No fundo, ela desejou que Ally estivesse se sentindo tão deslocada quanto ela.

– Bebendo. Eu adorei o seu suéter!

Marissa estava usando um suéter preto com o desenho de uma coruja. Era novo, então a ocasião deveria ser especial.

– Ah, obrigada.

– Parece que alguém já está se divertindo. – Skylar comentou.

– Eu preciso ir até o banheiro. – Ally deixou o copo em cima da mesa. – Não saiam daqui, bebam um pouco, eu volto já. – Ally saiu da cozinha.

– É melhor você ir com ela. – Skylar disse a Bonnie.

– Por quê?

– Se ela for vomitar, vai precisar de alguém pra segurar o cabelo dela.

– Por que não vai você? Ou a Marissa?

– Você é a motorista da vez. Por isso, é sua obrigação cuidar de todos os outros e isso inclui também a garota que acabou de sair daqui. Eu sei que você se odiaria se algo acontecesse a ela. Além do mais, eu não sou tão boa quanto você. Nenhuma de nós é.

– Foi estranho, mas até que eu me senti especial. – Bonnie foi atrás de Ally.

– Certo. – Skylar encarou Marissa. – Você quer ponche? Eu estou com sede. – Skylar começou a encher um copo.

– Será que devo? Eu li que as pessoas colocam rum, às vezes até conhaque dentro dessas coisas. Eu não quero chegar bêbada em casa.

Skylar entregou um copo com ponche para Marissa.

– Esse ponche não é desse tipo. – Skylar tomou um gole. – Esse foi feito com chá, açúcar, limão e um pouco de vinho. É quase suquinho de bebê.

– Seu paladar é ótimo.

– É um dom. – Skylar tomou outro gole e percebeu que Marissa ainda estava hesitando. – Você não vai me deixar beber sozinha, vai?

Marissa encarou o líquido dentro do copo e disse “Que se dane!” mentalmente. No minuto seguinte, ela já estava provando o ponche.

Não era tão ruim quanto ela pensou que fosse.

– Mais um copo? – Skylar ergueu uma sobrancelha.

– Sim, por favor. – Marissa sorriu.

~

Ally nunca estivera antes no quarto de uma rainha. Sarah Parker não era de fato uma, mas ela era muito popular, então dava pra fazer de conta. Infelizmente, o quarto de Sarah era tão cor-de-rosa que fazia o quarto da pantera cor-de-rosa parecer coisa de amador.

Ela estava admirando o próprio reflexo no espelho de Sarah e Bonnie estava no banheiro. Felizmente, ninguém precisou vomitar. Seria até um pecado, o banheiro da anfitriã tinha cheiro de pinheiros.

– Então, Bonnie, você e essa tal de Sarah são amigas?

Bonnie gargalhou dentro do banheiro.

– Até parece. – Ally escutou do outro lado. – Embora uma vez ela tenha me perguntando que dia era. Foi o mais próximo que chegamos de amigas.

– Eu sinto muito.

– Não sinta. – Bonnie abriu a porta do banheiro. – Não sinta, eu sou amiga de quem preciso ser. Como é aquela frase? Eu talvez não tenha muitos amigos, mas os que eu tenho são os melhores que alguém poderia ter.

– Eu não sabia que você era fã de frases pré-fabricadas.

Bonnie deu de ombros.

– Você está bem? Está se sentindo melhor?

– Sim, obrigada.

– Vamos. – Bonnie puxou Ally pelo braço. – Skylar disse que ia embebedar Marissa, eu não quero perder isso por nada.

Bonnie deu de cara com Jake Stowe subindo a escada.

– Oi. – Ele sorriu.

Bonnie sorriu de volta.

– Aposto que agora você não quer ver Marissa bêbada. – Ally sussurrou.

– Eu estava indo atrás de você, sua amiga de cabelo azul me indicou o caminho.

– Pois é, eu estava ajudando Ally com... uma coisa.

– Eu sou Ally, oi – ela disse atrás de Bonnie.

– Prazer. – Jake voltou a encarar Bonnie. – Eu ia te entregar isso. – Ele tirou o lápis nº 2 de dentro do bolso da calça. Bonnie sorriu.

– Você lembrou.

Ally passou por Bonnie e Jake abriu caminho para que ela fosse embora.

– Eu te vejo mais tarde. – Bonnie gritou para Ally.

Na cozinha, Ally encontrou as meninas. Infelizmente, Regan estava com elas.

– Você. – Regan disse.

Marissa deu um tapa no braço de Regan.

– Seja agradável.

– Oi pra você também. – Ally se aproximou.

– Cadê Bonnie? – Skylar perguntou.

– Ela ficou conversando com aquele garoto, Jake alguma coisa.

– O quê? – Regan perguntou.

– Não brinca! – Marissa sorriu.

– Como isso aconteceu? – Skylar perguntou.

– Eu meio que sou culpada. – Ally começou a explicar. – Hoje, no corredor da escola, Jake perguntou se eu tinha um lápis extra. Eu tinha, mas eu sabia que Bonnie também tinha. Daí eu disse que não e mandei-o falar com ela, o resto vocês podem imaginar.

– Boa garota. – Skylar comentou.

E para a surpresa de todos: – Mandou bem, Ally. – Regan disse e em seguida ofereceu um copo com ponche, que Ally aceitou de bom grado.

– Oi de novo – cauteloso, Finn se aproximou.

– O que você quer? – Regan suspirou. – Algum garoto já implicou com você? Ou pior, foi uma garota?

– Eu não estou falando com você. – Finn dispensou a irmã. – Estou falando com a Ally. – Ele então sorriu e Ally ficou muito tentada a sorrir de volta.

– Vocês se conhecem? – Marissa perguntou, mas foi ignorada.

– Você quer conversar em particular? – Finn propôs.

Ally tomou o ponche de uma única vez.

– Tudo bem.

Ally e Finn saíram pela porta dos fundos.

– O que acabou de acontecer? – Regan perguntou.

– Eu não tenho certeza. – Skylar balbuciou.

– Ally e Finn são um casal. – Marissa disse casualmente. O pouco álcool do ponche já estava fazendo efeito.

– Chega de ponche pra você. – Regan arrancou o copo das mãos da amiga.

~

Na copa de uma árvore uma coruja piou, anunciando sua presença, enquanto Ally e Finn faziam uma caminhada silenciosa até a cachoeira.

– Eu preciso saber, por isso vou perguntar. – Finn quebrou o silêncio. – Você está chateada comigo? Eu fui idiota com você? Se fui me desculpe, eu costumo dizer muita bobagem.

– Não, você não foi desagradável nem nada do tipo. Eu só acho que já saquei que tipo de garoto você é, Finn.

– Sério? – Finn estava interessado. – E que tipo de garoto eu sou?

– Você é um conquistador. – Ally não estava de brincadeira. – Eu vi a maneira como aquela garota da aula de Educação Física estava confortável com você. E me desculpe se estou parecendo paranoica,

mas me pareceu que vocês tiveram, ou têm algo. E hoje à noite, com Regan...

– Regan? – Finn gargalhou. – Regan é minha irmã, que nojo!

Ally nunca assumiria, nem mesmo sob juramento, mas ela estava feliz por escutar que Finn e Regan eram irmãos.

– E a garota que você viu, – Finn parou a caminhada e encarou Ally – nós não temos nada, eu juro. Ela só é uma cliente, eu arrumo cola de Matemática pra ela na época das provas, nada mais do que isso.

Ally cruzou os braços. De duas, uma: ou Finn estava mesmo sendo sincero, ou ele era um ótimo mentiroso.

– Ainda assim. – Ally manteve os braços cruzados. – Eu tenho a sensação de que você é confusão.

– Que bom. – Finn sorriu e afastou uma mecha de cabelo loiro da testa de Ally. – Porque eu sinto o mesmo em relação a você.

Finn segurou o rosto de Ally entre as mãos e a beijou nos lábios. O beijo de Finn tinha gosto de chiclete de melancia.

Ally escutou o barulho de algo se mexendo na mata, atrás de Finn. Ela abriu os olhos e teve o deslumbre de um pequeno vulto preto correndo de um lado para outro, depois ela viu outro vulto indo de uma moita para outra.

– Você viu aquilo? – Ela interrompeu o beijo.

– O quê?

– Eu não sei ao certo, era um vulto. – Ally então viu de novo o vulto se mexendo logo à frente. – Ali! Você viu? – Ela então começou a correr pelo caminho de volta.

– Ally, aonde você vai? – Finn gritou.

– Eu volto já, não saia daí.

Enquanto ela corria de volta para a casa, viu pequenos vultos escuros se movimentando há alguns metros à frente. Nos fundos, Ally viu quando alguém, ou melhor, alguma coisa, entrou pela porta de trás. De volta à casa, ela fez uma varredura rápida pela cozinha e não encontrou nada suspeito e nem estranho. Infelizmente ela não podia chamar atenção, alguns jovens estavam bebendo na cozinha. As meninas, por outro lado, não estavam mais lá.

De lado, Ally viu a porta do porão sendo aberta, mas ninguém entrou. Em seguida, ela escutou o barulho de passos na escada. Parada à porta, ela não viu nada, o porão parecia estar vazio. Ela então escutou um barulho similar ao ronco de um porco lá em baixo. Ally decidiu investigar por conta própria, entrou sem chamar atenção e fechou a porta atrás de si.

O porão estava em ordem, nada parecia aparentemente estranho. Ela olhou ao redor e, como não viu nada fora do comum, resolveu ir embora.

Foi então que ela ouviu o ronco mais uma vez, mas dessa vez não foi apenas um roncar. Parecia que o porão estava cheio de porcos, só que havia nada lá.

Ally se virou para ir embora e deu de cara com uma figura grotesca em cima da máquina de lavar: baixinho, esverdeado, narigudo, cabeçudo, orelhas pontiagudas, boca larga, dentes afiados e brilhantes e pequenos olhos vermelhos.

– *Cailleach!* – A coisinha grotesca gritou a plenos pulmões. Ele então pulou para cima de Ally, mas ela desviou a tempo. Ele caiu no chão e começou a roncar.

Outros bichos grotescos saíram da escuridão. Todos pareciam estar raivosos, alguns até estavam babando.

Um deles pulou em cima de Ally, mas ela foi mais rápida e afastou a criatura com um soco. Outro tentou agarrá-la pela perna, mas foi afastado com um chute na barriga rechonchuda.

As criaturas pareciam agora mais bravas.

– *Cailleach! Cailleach!* – Outra criatura gritou, insistentemente.

Cailleach significava bruxa em irlandês, mas Ally não sabia disso.

– Que droga!

Ally correu para a escada, mas caiu antes de chegar à porta, pois duas criaturas estavam segurando-a pela perna. Ela conseguiu se virar e começou a distribuir chutes com a perna livre, acertando-as no rosto.

Uma criatura pulou em cima da máquina de lavar e depois em cima de Ally. Ela já estava pronta para acertar o mostrinho quando uma luz azul emanou da palma da sua mão e mirou a coisa, fazendo-a cair sem

vida no chão. A criatura ferveu e borbulhou e tudo o que restou foi uma gosma esverdeada no chão.

Ally se pôs de pé e agarrou o primeiro objeto que viu, era um esfregão. Não seria tão útil quanto uma espada, mas não era totalmente inútil.

– Certo, podem vir, coisas feias.

E então as criaturas avançaram.

~

Skylar correu e entrou no quarto de Sarah Parker, fechando a porta com força atrás de si. Se a música não estivesse alta na sala, as outras pessoas teriam escutado a confusão das garotas.

Jake Stowe estava desmaiado na cama.

– Ai, meu... Ele morreu? – Perguntou.

– Não! – Bonnie gritou. – Quando os *Goblins* me atacaram, eu fiz um feitiço do sono e ele apagou.

Era até irônico. Regan não acreditava em *Goblins*, isso até aquela noite, quando ela estava do lado de fora e viu alguns deles subindo pela calha d'água e entrando na casa.

A janela do quarto explodiu e vidro quebrado se espalhou pelo chão. Três *Goblins* entraram no quarto. Um deles tentou agarrar Regan, mas ela o atingiu com uma bola de fogo. O outro tentou pegar Marissa, mas, mesmo um pouco bêbada, ela conseguiu jogá-lo para trás com seu vento. O terceiro tentou agarrar Bonnie, mas com o taco de baseball ela acertou a criatura, como se ele fosse apenas uma bolinha indefesa.

– *Praesidium*. – Marissa invocou o feitiço de proteção. – Um campo de energia estava agora protegendo as janelas do quarto. – Ah, meninas, é melhor que alguém tenha alguma ideia, eu não acho que posso segurar por muito tempo.

Vários *Goblins* estavam agora do lado de fora, lutando para destruir o campo de energia.

Ouviu-se um estrondo. As criaturas explodiram um buraco na porta

do quarto e começaram a passar por ele.

– *Cailleach!* – O *Goblin* gritou.

– *Foramine.* – Bonnie pronunciou. Em seguida, um buraco maior abriu-se no meio do quarto e as criaturas começam a cair lá embaixo.

– Marissa, por favor, aguente só mais um pouco.

– *Aqua in carcerem.* – Skylar disse. Em seguida, alguns *Goblins* foram presos em círculos d'água. Marissa estava afogando as criaturas e os corpos sem vida dos *Goblins* derreteram dentro dos círculos d'água.

– Nós precisamos levar essas coisas para longe da casa. – Regan disse. – Não é seguro, com todas aquelas pessoas lá embaixo.

– Eu concordo. – Marissa disse. Em seguida, ela teve abaixar os braços, pois já não conseguia manter o campo de energia ativo.

– Bonnie e Marissa, desçam pelas escadas e saiam pela porta dos fundos. Eu sei que vai ser difícil, mas tentem não chamar atenção, façam alguma coisa. Sky e eu vamos sair pela janela. Vão! – Regan gritou. – Agora!

Marissa e Bonnie correram juntas e diminuíram o passo enquanto desciam as escadas. Naquele momento, Marissa teve uma ideia.

– Me imita – disse.

Bonnie prestou atenção.

– *Somno.* – Marissa pronunciou. Sem ninguém prestar atenção nela, parte dos adolescentes que estava na sala começou a cair, dormindo, no chão. Bonnie repetiu as mesmas palavras que Marissa e a outra parte dos convidados começou a cochilar no chão.

Elas então puderam apressar o passo.

Ally saiu do porão com a blusa toda suja de uma gosma esverdeada e o cabelo dela parecia um ninho de passarinho. Ela então viu Marissa e Bonnie correndo e saindo pela porta dos fundos, foi aí que ela se lembrou de Finn.

Quando Ally estava prestes a seguir as colegas, um *Goblin* pulou do nada em cima dela e cravou os dentes pontiagudos em seu ombro. A dor foi dilacerante e a fez fraquejar. Sangue fresco começou a escorrer da ferida.

Mesmo ferida, Ally conseguiu acertar a criatura com um raio de luz

brilhante, através da palma de sua mão. A criatura começou a ferver e borbulhar no chão, sobrando apenas restos que poderiam ser confundidos com vômito.

Ally se levantou, pressionou a ferida com a palma da mão e correu para o lado de fora. Mesmo um pouco fraca, ela conseguiu apressar o passo e ir na direção da cachoeira.

– Bonnie, atrás de você! – Ally ouviu Regan gritar.

Ao invés de seguir o caminho de antes, Ally entrou no mato e se escondeu atrás de um arbusto. Bonnie, Regan, Skylar e Marissa estavam lutando contra as criaturas que vinham de todos os lados.

Bonnie ergueu algumas pedras, sem sequer tocá-las, e jogou-as contra as criaturas, acertando algumas.

Os punhos de Regan pareciam duas tochas. As criaturas que pulavam em cima dela caíam em chamas no chão. Quanto o fogo se apagava, tudo o que restava era um monte de carvão.

Skylar estava na parte rasa do rio. Sempre que uma criatura se atrevia a atacá-la, ela utilizava escudos d'água, chicotes d'água e bolas d'água contra os *Goblins*. Parecia até um balé.

Ally viu Marissa brincar com o ar. Ela fazia pequenos tornados, onde prendia e girava algumas criaturas. Ela os erguia bem alto e depois os deixava cair na parte mais pedregosa da cachoeira.

Ally prestava atenção, sem piscar. Ela sequer estava acreditando nos próprios olhos, só desviava o olhar quando a ferida ainda aberta começava a latejar.

O que aquelas garotas eram? E mais importante, o que Ally era? Ela acertou duas criaturas com uma luz que emanou da palma da mão dela. Aquilo não era normal e, muito menos, humanamente possível.

A fraqueza começou a abatê-la. Ally então se afastou e fez todo o caminho de volta para a casa. Mas dessa vez ela não entrou: deu a volta pelo lado, tirou a chave do carro do bolso da calça e com muita dificuldade entrou no veículo.

A música ainda estava tocando dentro da casa. Como era possível? Como as pessoas ainda estavam festejando quando criaturas demoníacas haviam, há pouco tempo, invadido a casa? Como os

outros jovens estavam alheios a tudo o que tinha acontecido?

Ally ligou o carro e, cantando pneu, saiu daquela festa dos infernos.

X

A primeira coisa que Ashlee Turco sentiu após acordar foi o gosto metálico de sangue na boca. Os braços e as pernas dela estavam doendo. Conforme Ashlee piscava, a visão dela ia se ajustando ao ambiente.

Ashlee estava amarrada na cama, cada mão e cada pé estavam imobilizados. Ela tentou levantar a cabeça, mas todo o seu corpo estava dolorido. Exceto pela cama, o quarto estava completamente vazio.

– OLÁ? – Ashlee gritou. – Tem alguém aí? Oi!

As lembranças ainda eram um borrão na cabeça da garota. Ela havia matado aula naquele dia para se encontrar com Javier, o fotógrafo profissional de moda. Ela havia ido até o estúdio dele, no lado leste de cidade. Javier tratou Ashlee muito bem, ele ficava dizendo como ela era provavelmente a garota mais bonita da cidade. Ele dizia que o destino dela era brilhar nas capas de revista e Ashlee acreditou cegamente em tudo o que ele disse.

Ashlee ainda se lembrava de ter dito que estava com sede, no meio da sessão de fotos. Atencioso como era, Javier ofereceu uma água tônica, que ela aceitou e bebeu de bom grado. No minuto seguinte, Ashlee já estava se sentindo tonta e sua visão ficou embaçada. Ela tropeçou e em seguida apagou.

A porta do quarto foi aberta e Javier entrou no cômodo. Ele era alto, loiro e bonito. O medo e o terror deixaram o corpo de Ashlee trêmulo.

– Javier, por favor, deixe-me ir embora. – Ashlee começou a suplicar. – Certo, eu já entendi, não devo confiar em estranhos. Eu já aprendi a lição, agora me deixe ir.

Javier sorriu.

– POR FAVOR! – Ashlee estava chorando.

– Eu fico feliz que você tenha confiado em mim, doce Ashlee. Eu precisava da sua confiança.

– Não me toque! Não faça nada comigo.

– Ah. – Javier fez cara de pouco caso. – Não se preocupe, criança, eu não pretendo violar o seu corpo. Não é para isso que eu estou aqui.

– O que você quer? Você quer dinheiro? Eu posso conseguir. Meus pais, eles têm muito dinheiro.

– Eu não quero o seu dinheiro. O dinheiro dos mundanos não tem valor algum de onde eu venho. Eu estou aqui para pegar outra coisa que você tem de especial. – Javier afastou o cabelo loiro, que cobria a testa de Ashlee. A garota estava fria e suada. – Por isso, relaxe, sim?

Javier saiu do quarto e voltou trazendo consigo um frasco de vidro. Ele tirou a tampa e se ajoelhou no chão, ao lado da cama.

– O que você quer de mim?

– Olhe nos fundos dos meus olhos, minha querida, você verá a verdade. – Javier segurou o rosto de Ashlee entre as duas mãos. – *Vitalis*.

Os olhos de Javier começaram a brilhar como dois faróis de carro. Ashlee sentiu-se fraca, tonta e novamente com sede.

– *Vitalis*. – Javier disse mais uma vez.

E então começou: a energia vital de Ashlee estava sendo sugada de seu corpo. Para Javier, a garota era apenas uma fonte de recursos, uma fonte que logo estaria esgotada.

Quando acabou, Javier guardou a energia vital de Ashlee dentro do frasco de vidro.

Para Ashlee, tudo o que restava era uma viagem só de ida para a terra da escuridão, onde tudo se perdia para sempre.

~

No dia seguinte, Ally acordou assustada, com frio, suada e tonta. Parecia que operários estavam construindo um prédio dentro da cabeça dela.

Arrastando-se até o banheiro, ela tomou duas aspirinas e encarou o próprio reflexo no espelho da pia. Ally estava branca feito vela, os olhos estavam fundos e os lábios ressecados. Para piorar, o ombro dela

estava inchado e muito mais dolorido do que na noite anterior. A mordida avermelhada lembrava carne crua e ela nem sequer conseguia tocar o próprio ombro sem se arquear de dor.

Quando Ally entrou em casa, na noite anterior, a Sra. Wilson estava dormindo no sofá. Ela achava que nem em sonhos a mãe acreditaria, se ela contasse a respeito das criaturas que enfrentou; das coisas que viu as outras garotas fazerem; e do que ela mesma conseguiu fazer. Mas Ally estava enganada, a Sra. Wilson podia imaginar tudo aquilo.

Ally desligou a televisão, deixou a mãe em paz e subiu em silêncio até o quarto. Com muita dificuldade, por conta do ombro machucado, ela conseguiu se livrar das roupas rasgadas e sujas de sangue. Embaixo do chuveiro, Ally se sentou na banheira e abraçou as pernas. E então, pela primeira vez em sua vida, ela chorou. Chorou porque estava com medo e machucada, chorou porque se sentia uma aberração.

Após uma chuveirada, Ally sabia que tinha que dar uma jeito na própria aparência. Ela não podia ir pra escola parecendo um membro da família *Cullen*.

Com a ajuda de uma base, Ally pôde dar uma melhorada na palidez do rosto. Usando a sombra ideal, os olhos dela nem pareciam tão perdidos assim. Ela estava pronta. Ou, pelo menos, perto disso.

Nenhum creme ajudaria com o machucado no ombro, ela já estava usando dois curativos adesivos. A única coisa que ela podia fazer àquela altura era usar uma blusa que escondesse os ombros. E, felizmente, ela tinha muitas dessas no guarda-roupa.

A Sra. Wilson estava esperando a filha para tomar café na cozinha. Ela queria escutar sobre a noite anterior, mas, se dependesse de Ally, ela já teria esquecido tudo o que viu.

– Bom dia! – A Sra. Wilson sorriu.

Ally fingiu um sorriso, deixou a bolsa em cima da bancada e sentou à mesa. Quando ela encarou as próprias mãos, notou que estava tremendo.

– Você quer ovos com bacon? – A Sra. Wilson perguntou.

Ovos. Bacon. Só de pensar, o estômago de Ally deu uma cambalhota.

– Não, eu só quero café, não estou com fome. – Ally se serviu da bebida e observou a mãe, que estava encarando-a.

– Você parece diferente.

– Ah, é, hoje eu estou usando maquiagem. – Ally tocou as próprias bochechas. – Resolvi tentar algo diferente, você sempre dizia que eu deveria tentar. Então, está feliz?

– Não, não é isso. Eu não sei o que é, mas você parece diferente. – A Sra. Wilson optou por deixar a desconfiança de lado. – Então, como foi a festa?

– Ah, você sabe, normal, igual a todas as outras festas. – Exceto as criaturas demoníacas e o fato de Ally e outras garotas poderem fazer coisas impossíveis. Sim, foi uma festa normal.

Para disfarçar, Ally tomou um gole de café.

– No meu tempo, essas festas eram diferentes.

– Por que você dançava a Macarena?

– Engraçadinha.

Sorrir era fácil, não exigia muito de Ally. Na verdade, naquele momento, a única coisa que ela fazia e não sentia dor era sorrir.

~

Ally entrou cabisbaixa na escola, ela não queria que alguém a visse daquele jeito, com a aparência tão abatida. E, para piorar, o ombro estava latejando de novo.

Ela estava guardando alguns livros no armário quando notou um movimento atrás de si. Marissa havia chegado.

– Ei, o que aconteceu com você ontem à noite?

– Ah, pois é. – Ally engoliu em seco. – Eu fiquei *super* bêbada e liguei para a minha mãe vir me buscar, foi um horror. – Ela não queria ficar ali, não queria falar com Marissa, a garota que na noite anterior estava, literalmente, brincando com o ar. – Eu preciso ir, até mais.

Marissa abriu a boca para se despedir, mas Ally já havia apressado o passo.

– Aí está você. – Antes de entrar na sala, ela deu de cara com Skylar

e Bonnie, no corredor. – Você está parecendo que tomou todas ontem à noite – disse Skylar.

– Bêbada de primeira viagem.

– Ally, você está bem? – Bonnie perguntou. – Você parece meio pálida. – Ela esticou o braço, para tocá-la no ombro, e Ally teve que desviar de maneira rude. – Desculpe.

– Eu ainda estou de ressaca, tchau.

Caminhando pelo corredor, Ally não encarava ninguém. Por isso, Finn, que estava de costas, quase passou despercebido. Mas ela conseguiu reconhecê-lo, ele estava guardando alguns livros dentro do armário. Ally chegou por trás e cobriu os olhos dele.

– Oi, você.

Finn se virou e, quando encarou Ally, sorriu educadamente.

– Oi. – Ele estava tão seco quanto o estado do Texas.

– Você está chateado. – Ally observou. É claro que estava. Beijar uma garota e depois vê-la sair correndo não era exatamente o que Finn definia como um movimento bem-sucedido.

– Estou? Ah, e antes que eu me esqueça, obrigado. Eu não entendi no começo, mas depois eu caí na real.

– Do que você está falando?

– O beijo. – Finn estava mesmo chateado. – Eu fiquei tentando encontrar um motivo pra explicar por que você não voltou pra cachoeira. Eu não estava com mau-hálito e nem fedendo, então eu percebi que você não gosta de mim. Por isso, me desculpe se eu interpretei errado os sinais.

– Não, não é nada disso. – Ally sentiu o ombro latejar com mais intensidade e fez cara de dor. – Finn, eu gosto de você. Gosto mesmo, acredite. É só que ontem foi uma noite muito confusa. Exceto a parte do beijo, foi o único momento naquela noite que pareceu real.

– Mesmo? – Finn não parecia mais tão chateado assim.

– Mesmo, mesmo. – Ally então se inclinou para frente e beijou Finn. Foi algo simples, mas ele logo fez questão de intensificar.

Por um momento, Ally nem sequer sentiu o ombro latejar.

Ally gostava de História e se dava bem com a professora desta matéria. Por isso, nada poderia dar errado, não naquela aula.

– O território da Grécia antiga pode ser dividido em três grandes partes – A professora Craven estava explicando. – Alguém pode me dizer quais são?

Ally levantou o braço que não doía. Ela sabia aquela resposta, era fácil.

– Certo, Ally. Quais são?

– A Grécia... É – era inútil, ela não conseguia se lembrar e, para piorar, já estava suando frio. – Grécia, hum, Grécia. – Ally desistiu e encarou a professora. – Me desculpe, me deu um branco.

– A primeira é a Grécia Continental, a região ao norte do golfo de Corinto, localizada no interior do continente europeu. – A professora Craven voltou a encarar Ally. – Você consegue me dizer quais são as outras duas regiões?

Poder ela com certeza poderia, mas não conseguiria. Naquele momento, Ally sentiu que estava prestes a vomitar, ela precisava sair imediatamente daquela sala.

– Eu não estou me sentindo bem, posso sair por um minuto?

A professora fez questão de tocar a testa de Ally.

– Deus! Ally, você está fria feito gelo, deixe-me arrumar uma dispensa pra você. – Ally não conseguia esperar. Enquanto a professora se virou para assinar o papel, ela cobriu a boca com a mão e saiu correndo da sala.

No banheiro, Ally esvaziou o estômago. Essa era a pior parte. Como ela não havia comido desde a noite anterior, meio que estava vomitando as próprias tripas.

Ela arrancou os curativos do ombro e ficou pasma ao constatar que o machucado estava muito mais avermelhado e inchado do que antes. Escorria pus dos pequenos furos causados pelos dentes da criatura demoníaca.

Ally teve que se segurar na pia para não cair no chão. Ela sentiu as

pernas fraquejarem e depois arqueou, por conta da dor.

~

– Eu tenho uma novidade, adivinhem. – No recreio, Bonnie parecia uma garotinha que havia acabado de ganhar um ursinho de pelúcia.

– O que há com você? – Regan gostava de gente feliz tanto quanto gostava de olhar direto para o sol.

– Parece até que você encontrou o pote de ouro no fim do arco-íris. – Skylar comentou. – Não foi isso, ou foi?

– Não, nada disso. Na verdade, é muito melhor. Jake me convidou para jogar boliche hoje à noite, ênfase no *me convidou*.

– Bom pra você. – Marissa disse.

Essa não era a reação que Bonnie estava esperando.

– Por que essas caras murchas?

– Eu não sei. – Regan assumiu a postura de sempre. – Talvez porque ontem nós fomos atacadas por um batalhão de *Goblins*. Mas você sabe, afinal você também estava lá.

– Eu não entendo. Por que diabos aquelas criaturas nos atacaram? – Skylar perguntou.

– Você conhece os *Goblins*, aquelas coisinhas adoram brincar. – Bonnie puxou uma cadeira e se sentou.

– Algo que me diz que ontem eles não estavam de brincadeira. – Marissa estava mais séria do que o normal.

– Por que você acha isso?

– Ninguém naquela festa, além de nós quatro, viu os *Goblins*. – Marissa começou a explicar. – E vocês sabem que aquelas criaturas só são vistas quando querem. Por isso eu digo e repito: nós éramos o alvo.

– Faz sentido. – Skylar balbuciou.

– Se isso for mesmo verdade, então significa que alguém sabe a respeito de nós. E pior, significa que *esse* alguém está atrás de nós.

– Quem poderia ser? – Bonnie perguntou.

– Vocês já escutaram a novidade? – Regan quase caiu da cadeira

quando uma garota do nono ano apareceu ao seu lado.

– Do que você está falando, sua doida?

– Ashlee Turco desapareceu. – Ela disse rápido. – E tem mais: ela não foi a única. Há um mês os jornais locais estão noticiando o misterioso desaparecimento de diversos outros adolescentes. Estranho, não é?

– Quando Ashlee foi vista pela última vez? – Marissa perguntou.

– Hoje, quando ela saiu de casa e disse para a mãe que estava indo pra escola. Mas aí, do nada, ela desapareceu na metade do caminho. – A garota então encarou Skylar. – Seu cabelo é azul ou verde?

~

Ally arrastou as outras aulas com a barriga. Ela fingia prestar atenção, quando na verdade estava se concentrando na dor. Felizmente, nenhum professor percebeu isso.

No estacionamento, ela estava prestes a entrar no SUV da Sra. Wilson quando viu as meninas reunidas, mas elas não a estavam vendo. Marissa, Bonnie, Regan e Skylar estavam no fim do estacionamento, conversando ao lado de um carro.

Ally ficou ali, encarando-as sem chamar atenção. Ela era boa nisso, o que era patético. No fundo, ela esperava que as garotas fizessem alguma “demonstração” no estacionamento.

Mas as garotas não eram burras, Ally sabia disso.

– O que você está fazendo? – Finn apareceu.

– Eu? Nada! – Ally disfarçou. – O que você está fazendo?

– Eu vim aqui me oferecer para levar você para casa. No seu carro, claro. – Ally sorriu do jeito de Finn. – Regan não liberou o carro pra mim hoje. Por isso, não pense em mim como o garoto que não tem carro, mas como o seu chofer particular.

Finn era um garoto divertido. Ele também parecia ser muito genuíno, mas, acima de tudo, ele parecia ser zona livre de drama. Então, não tudo estava perdido.

Ainda achando engraçado (apesar da contínua dor no ombro), Ally

entregou a Finn a chave do carro e permitiu que ele a levasse até em casa.

XI

De vez em quando milagres aconteciam, como, por exemplo, Regan chegando cedo ao trabalho. Eram momento raros, mas aconteciam.

– Você chegou cedo. – Nora observou. – Você nunca faz isso. – Ela havia acabado de atender um cliente quando Regan entrou pela porta.

– Eu vim um pouco mais cedo pra ver você, não seja ingrata.

Nora sorriu e Regan a beijou na bochecha.

– Oi pra você também.

De longe, Babette observava Regan e Nora. Ela sabia que Regan não era uma garota fácil, Babette sabia muito bem disso. Mas ela também sabia que Nora despertava o que tinha de melhor em Regan. O que as duas garotas tinham era genuíno.

– Você vai embora? – Babette perguntou a Regan quando ela foi para trás do balcão, atender alguns clientes.

– Não, eu acabei de chegar.

– Eu não estou me referindo ao trabalho. – Regan encarou Babette. – Quero saber se você vai se mudar para Nova York com a Nora.

– Eu ainda não decidi. – Regan começou a limpar o balcão. Ela não era o tipo de pessoa que pedia por conselhos, mas aquela era uma exceção. – O que eu faço com relação a Nora?

– Regan, se eu fosse uma boa conselheira, não teria aberto um restaurante. Mas, deixe-me perguntar uma coisa. – Babette encarou Regan. – Você gosta dela?

– Gosto, gosto muito.

– Então tudo vai ficar bem. – Babette tocou no ombro de Regan. – Você vai acabar fazendo a coisa certa.

Regan queria ter tanta confiança quanto Babette.

~

– Qual é a diferença entre *nuggets* de peixe e *nuggets* de frango? – Regan foi obrigada a escutar a dúvida de uma cliente.

Regan revirou os olhos mentalmente.

– Os *nuggets* de frango são feitos com carne de frango. Pintinhos, na verdade, pobres e inocentes filhotinhos de frango. E os de peixe são feitos com, você sabe, carne de peixe.

– Eu vou querer uma salada.

– Boa escolha. – Regan arrancou o cardápio das mãos da mulher e foi para a cozinha.

O local cheirava a fritura e cebola.

– Deixe-me adivinhar. – Nora viu a expressão de Regan e já estava se divertindo. – Alguém fez uma pergunta idiota?

– E quando as perguntas não são idiotas?

– Um cara me perguntou se a linguiça de porco é mesmo feita com carne de porco. – Nora começou a colocar batatas fritas em uma tigela.

– O que você disse?

– Geralmente sim, senhor. Mas, às vezes, principalmente quando os porcos estão resfriados, nós utilizamos carne de crocodilo no lugar. No fundo, eu acho que fiz uma coisa boa. Aquele homem precisava manejar na gordura.

Nora saiu da cozinha, enquanto Regan gargalhava.

~

No fim do expediente, tudo o que Nora queria era ficar a sós com Regan.

– Eu estou indo pra casa, você me acompanha até o carro? – Ela não estava mais usando o uniforme do restaurante.

– Babette, eu posso ir lá fora por um minuto? – O expediente de Regan ainda estava na metade.

– Se eu disser que não, você vai ficar aqui?

– Não.

– Então por que pergunta? – Babette deu de ombros.

Nora e Regan saíram de mãos dadas pela porta da frente.

Regan estava muito calada. Não era muito normal da parte dela ficar sem fazer uma piadinha ou um comentário maldoso em uma

caminhada de vinte metros.

– Você já pensou a respeito da minha proposta? – Nora quebrou o silêncio.

– Sim – foi tudo o que Regan disse.

– E? – Nora odiava quando Regan era monossilábica.

– Eu ainda estou pensando. Por favor, não se chateie, tenha um pouco de paciência comigo. – Regan parou, elas já haviam chegado até o carro de Nora no estacionamento.

– Eu não estou com pressa, já tomei a minha decisão. Só lembre-se: no fim do mês, eu não vou estar mais aqui.

A garota se aproximou e passou os braços ao redor do pescoço de Nora. Ela era tão bonita, Regan poderia admirá-la durante todo o dia.

Nora se inclinou e beijou Regan. Ela tinha lábios macios.

– Você está tão quente! – Nora disse.

– Eu sei. – Regan voltou a beijá-la.

Após o beijo, Nora colocou uma mecha de cabelo vermelho atrás da orelha de Regan.

– Só se lembre de uma coisa: se você decidir se mudar comigo, nós vamos poder fazer isso o tempo todo.

– Eu vou manter isso em mente.

Nora se despediu, entrou no carro e depois foi embora.

O celular de Regan começou a tocar dentro do bolso do short. Ela atendeu, era Bonnie quem estava ligando.

– O que tá pegando?

– Regan, eu preciso de um favor, mas você não pode me fazer perguntas. Pelo menos não por agora, confie em mim.

Regan confiava.

– Do que você precisa?

~

Em casa, depois do expediente, Regan abriu a porta do quarto de Finn sem bater. Ele girou para trás na cadeira e ergueu uma sobrancelha.

– Oi, pervertido. Você tá vendo pornografia?

– Não, nossos pais estão no quarto ao lado. Quem você pensa que eu sou, um adolescente amador?

Regan entrou no quarto e fechou a porta.

– O que está havendo entre você e Ally? – Regan se sentou na beirada da cama.

– Você se importa?

– É claro que sim. Você é meu irmãozinho.

– Por dois minutos. – Finn não era burro. – Por que você não corta essa baboseira e diz por que está aqui?

– Muito bem. Eu preciso ver o arquivo que você baixou de Ally.

– Por que você acha que eu baixei algum arquivo?

Regan fez cara de “É sério?” Ela conhecia o irmão gêmeo muito bem. Ela sabia que Finn não brincava na chuva só porque era divertido.

Finn pegou alguns papéis de dentro de uma gaveta na mesa.

– Ally é mais barra pesada do que você. – Finn estava fascinado. – Ela já foi expulsa de duas escolas.

Regan ignorou o falatório do irmão e encarou o arquivo de Ally.

– Finn, isso está correto?

Ele encarou os papéis.

– Sim, por quê?

As luzes do quarto começaram a piscar.

Finn engoliu em seco.

XII

– Diz pra mim de novo: por que nós vamos visitar Ally? – Skylar questionou pela segunda vez. Marissa havia convencido Skylar de que as duas deveriam dar uma passada na casa de Ally para ver como ela estava.

– Ally não me pareceu estar bem hoje na escola, talvez esteja doente. Eu só quero verificar. – Marissa tocou a companhia.

Quando Ally abriu a porta, Marissa teve a confirmação que precisava: ela estava pálida, suada e mal conseguia manter os olhos abertos. Antes que Skylar pudesse dizer oi, Ally já estava desmaiando ao pé da porta. Marissa a segurou antes que ela desabasse no chão.

– Merda! – Skylar ajudou a manter Ally em pé.

– O que é isso? – Marissa perguntou.

A blusa de Ally estava manchada de sangue. Rápida como sempre, Skylar rasgou o tecido e ficou boquiaberta quando encarou o machucado no ombro da garota.

– Isso é...

– Mordida de *Goblin*? – Marissa a interrompeu. – Pode apostar que sim.

~

Onika Woodard era uma bruxa pacata, que levava uma vida pacata. Ela já havia presenciado combates entre bruxas, criaturas mágicas e demônios. Mas, como era esperta e, acima de tudo, preservava a própria vida, ela sempre conseguia ficar por cima da carne seca.

Infelizmente, a calmaria de Onika estava prestes a acabar. E não era preciso ser vidente para imaginar o porquê.

Skylar e Regan entraram com tudo na loja de Onika, trazendo uma Ally desmaiada e babona. Bonnie e Marissa vieram logo atrás.

– Desculpe, mas a loja está... – Onika estava de costas para as meninas. Quando as encarou, deixou o espanador cair no chão.

– Por favor, nos ajude. – Marissa estava quase implorando.

– Nós sabemos que a senhora sabe mais do que aparenta. – Bonnie completou, antes que a mulher dissesse não.

– Levem-na lá pra trás.

E enquanto as meninas corriam para o fundo da loja, Onika se preocupou em verificar se não havia alguém lá fora. Cinco jovens bruxas poderiam muito bem atrair atenção indesejada. Depois de verificar o local, ela fechou a loja e foi encontrar as garotas.

Assim que as meninas deitaram Ally em cima de uma mesa, ela começou a ter uma convulsão. Regan estava mantendo-a deitada de lado.

– O que aconteceu? – Onika perguntou.

– Ela foi mordida por um *Goblin*.

– Como isso...

– Você pode ajudá-la ou não? – Regan gritou. – Depois conversamos.

– Deite-a. Deixe-me ver o machucado.

O ferimento de Ally já estava fedendo. Ela havia sido mordida em cheio no ombro por um *Goblin* adulto. Era um milagre que ela ainda estivesse viva.

Onika foi até a estante cheia de pequenos frascos de vidro e escolheu um. O líquido era incolor e o cheiro do produto faria qualquer um lacrimejar.

– Segure-a com força, ruiva.

Regan fez o que Onika pediu.

– Eu sugiro que vocês façam o mesmo. – Onika disse às outras garotas. – Do contrário, isso vai acabar pior do que começou.

Bonnie e Marissa estavam agarradas nas pernas de Ally, enquanto Skylar segurava a cabeça dela.

– Certo. A dor que ela está prestes a sentir é inimaginável, muito maior do que a causada pela mordida. Mas isso irá ajudar, eu posso assegurar.

– Faça. – Skylar disse.

Sem hesitar, Onika derramou o líquido incolor em cima do ombro

de Ally. Naquele momento a garota começou a se debater e a gritar. Os olhos dela estavam abertos, mas, para Skylar, ela não parecia muito consciente do que estava acontecendo.

O líquido, em contato com a ferida, começou a borbulhar. Ally revirou os olhos.

– O que está acontecendo? – Regan perguntou.

– O remédio está fazendo efeito. Logo ela vai se acalmar.

E então, do nada, Ally parou de se debater.

– O que aconteceu? – Bonnie perguntou. – Ela vai morrer?

– É claro que ela vai morrer, nenhuma de nós é imortal. – Onika forçou e abriu os olhos de Ally para verificar as pupilas. Ela estava bem. – Mas essa garota não vai morrer hoje.

Onika foi até uma escrivaninha velha e agarrou um pote de plástico. Ela tirou de lá folhas de arruda. De outro pote de plástico ela pegou folhas de eucalipto e, de outro, folhas de mirra. Ela colocou as folhas dentro de um pilão de mármore e depois adicionou óleo de argan. Por fim, ela adicionou algumas pétalas de angélica, para proteção. Onika utilizou o socador para preparar o remédio.

Quando ela estava prestes a derramar a mistura em cima do ombro de Ally, Regan a interrompeu com mais uma pergunta.

– Espere. Para que serve isso?

– *Isso* irá ajudar no processo de cura – enfadada, Onika encarou Regan. – Agora, faça-me um favor e fique de boca fechada.

Ally já não estava mais se debatendo.

– Agora, alguém pode me dizer o que diabos aconteceu? Por que uma de vocês foi mordida por um *Goblin*?

Marissa abriu a boca.

– Não, você está errada. – Skylar interrompeu a amiga. – Ally não é uma de nós. Quero dizer, ela é uma garota, mas não é *uma* de nós.

– Sim, ela é. – Bonnie falou.

– O quê?

– Ally é neta Beth Cooley. – Regan falou.

Até Marissa, que era inteligente, estava meio confusa naquele momento.

– Espere, o que você está dizendo?

– Dai-me paciência! – Onika não tinha calma com bruxas de primeira viagem. – Como é possível que todas vocês sejam cegas? Essa garota é o Espírito! Vocês quatro trouxeram o Espírito até mim e nem se deram conta disso.

As meninas se entreolharam e Ally gemeu na mesa.

– Como isso é possível? – Marissa perguntou. – Como não percebemos logo no início?

– Bonnie percebeu. – Regan disse.

– Depois do incidente com a maçã, eu fiquei me perguntando. E se... Nós todas estávamos lá quando a fruta apodreceu. Nós quatro não havíamos feito aquilo, só sobrava Ally. – Bonnie encarou as amigas. – Dois mais dois são quatro.

– Foi por isso que você me mandou verificar o arquivo dela, não foi? – Regan perguntou. – Se eu descobrisse de quem ela era neta, eu acabaria caindo na real.

– Deu certo.

– Parabéns. – Onika se aproximou. – Pelo menos uma de vocês não é perda de tempo. Agora, alguém pode me explicar o que aconteceu com os *Goblins*?

– Nós estávamos em uma festa ontem à noite e eles nos atacaram do nada. – Regan explicou.

– Do nada?

– Foi! – Marissa estava apreensiva.

– Como eram os *Goblins*?

– Você sabe, eles tinham a aparência de sempre.

– Qual o tipo?

– O tipo que nem mesmo você namoraria. – Regan estava de mau-humor.

– O que eu quero saber é: os *Goblins* de ontem à noite tinham alguma característica fora do comum?

As meninas começaram a repensar sobre a última noite.

– Eles tinham olhos vermelhos. – Bonnie se manifestou. – Eu li um pouco a respeito deles e sei que *Goblins* geralmente têm olhos azuis.

– Como eu pensei. – Onika sussurrou e depois deu as costas para as garotas. Ela se aproximou de Ally novamente.

– O quê? – Skylar estava parada ao lado dela. – O que você está pensando?

– Os *Goblins* que atacaram vocês ontem à noite foram enfeitiçados para fazer isso. Eles estavam seguindo ordens. – Onika analisou a expressão de cada garota. – *Goblins* são criaturas pacíficas. Brincalhonas, porém pacíficas. Eles não costumam atacar assim, do nada, a menos que se sintam ameaçados. E, até onde eu sei, eles não têm olhos vermelhos, a não ser que estejam agindo sob algum feitiço. Nesse caso, é muito provável que seja o feitiço de obediência.

Em cima da mesa, Ally gemeu de novo.

– Ela precisa ser hidratada. – Onika se afastou e pegou água com um copo dentro de um pote. – Ruiva, levante a cabeça dela.

Regan fez o que Onika pediu.

Ally bebeu toda a água e depois voltou a descansar.

– Quem poderia ter mandando aqueles *Goblins* atrás de nós? – Marissa perguntou a ninguém em especial. Qualquer resposta serviria.

Onika tinha suas suspeitas. Na verdade, eram mais do que suspeitas.

– Você sabe quem foi? – Skylar perguntou a Onika.

– Agora não – a mulher desviou o olhar.

– Você sabe...

– AGORA NÃO! – Disse, com veemência. – Eu preciso que vocês cinco estejam prontas pra escutar o que eu tenho para dizer. E, no momento, nenhuma de vocês está.

~

Ally não conhecia a sensação de ser atropelada por um caminhão, mas ela tinha acabado de viver uma experiência um tanto quanto familiar.

Quando ela abriu os olhos, estava enxergando tudo turvo. Sentiu a cabeça latejar e uma leve ardência no ombro. Se comparado a antes, o ombro dela estava quase ótimo.

– Eu não entendo – escutou alguém dizer. – Por que você não nos

diz a verdade, de uma vez por todas? – Era Marissa quem estava falando.

Marissa estava ali... Mas, onde era “ali”?

Ally olhou ao redor e viu uma porção de coisas estranhas: uma estante cheia de pequenos frascos de vidro, alguns cheios e outros vazios. Mais uma estante, esta cheia de livros, uma escrivaninha velha e um... um caldeirão no canto da sala.

– Nós precisamos saber! – Ally reconheceu a voz de Bonnie.

Ally apoiou-se nos cotovelos e levantou a cabeça.

– Ei, vocês. – Ela chamou a atenção das meninas.

E foi então que ela percebeu o cabelo vermelho de Regan e o pouco chamativo cabelo azul de Skylar. Todas estavam ali e isso incluía também uma mulher de estatura média, cabelo escuro cacheado e olhar debochado. Ally nunca havia visto aquela mulher antes.

– Como você está se sentindo? – Marissa perguntou.

– Bem-vinda de volta. – Skylar sorriu.

De volta? Mas Ally não estivera sempre ali?

– Garota, que susto você deu na gente! – Bonnie se aproximou.

Regan não sabia o que dizer. Ela não sabia ser agradável igual às amigas, por isso recorreu para o velho e bom: – E aí?

– Quem é você? – Ally estava curiosa a respeito da mulher.

– Meu nome é Onika Woodard. Está tudo bem, Ally, você está bem. As suas amigas trouxeram você aqui a tempo.

– Aqui? Onde eu estou?

– Na minha loja. – Onika sabia qual era a preocupação da garota. – Não se preocupe, você não saiu de Mystic Village.

Ally sentou-se na mesa. Foi então que, pela primeira vez, ela notou que a blusa que usava estava rasgada. O machucado estava exposto, mas, impressionantemente, não estava mais inchado. Ainda estava um pouco dolorido, mas Ally sequer sentiu o incômodo.

– Do que você se lembra? – Marissa perguntou.

– Ah. – Ally buscou nas lembranças. – De abrir a porta para você e Skylar e depois me sentir tonta. Então, tudo ficou preto.

– Você desmaiou. – Skylar disse. – A sua mãe não estava em casa,

daí trouxemos você para cá. Nós vimos o machucado no seu ombro.

– Você é médica? – Ally perguntou a Onika. – Ou curandeira? Não sei, alguma coisa do tipo?

– Alguma coisa do tipo.

Marissa se aproximou. Ela queria perguntar algo, mas tinha medo de que aquele não fosse o momento certo. Bem, certo ou não, era o momento.

– O que aconteceu ontem à noite?

– Finn e eu estávamos próximos à cachoeira quando eu vi uma daquelas criaturas. – Ally começou a explicar. – No início eu não tinha certeza do que estava vendo, eu até achei que estava delirando. Mas aí eu vi um deles entrar na casa e resolvi ir atrás. Eu o segui até o porão e lá dentro eu fui atacada por não sei quantos daqueles monstros.

– Aquelas coisas eram *Goblins* – disse Bonnie.

– Certo, hum, *Goblins*. – O nome até que fazia jus às criaturas. – Eu consegui derrotar alguns deles. Quando escapei do porão, eu vi Bonnie e Marissa saindo pela porta dos fundos. Eu tentei segui-las e foi quando um deles me atacou por trás e me mordeu.

As meninas se entreolharam.

– O que mais você viu? – Skylar teve coragem de perguntar.

Ally respirou fundo.

– Eu vi vocês, garotas, fazerem coisas. – As meninas se entreolharam. Elas não tinham coragem de perguntar, por isso Ally continuou. – Eu vi os punhos de Regan em chamas; vi Skylar brincar com a água, como se fosse sólida; eu vi Marissa controlar o vento e vi também Bonnie levantar as pedras, sem precisar tocar nelas. Por isso, por favor, alguém pode me dizer que eu estava delirando?

Ninguém disse nada.

– Droga, vocês podem mesmo fazer essas coisas, não é? – Ally sorriu amargamente. – Eu não estou delirando.

– Garota, você não sabe da missa a metade. – Skylar era uma garota orgulhosa.

– O que vocês são? – Ally encarou as amigas.

– Bruxas. – Marissa respondeu. – Onika também é.

– Se eu tivesse que apostar, eu teria dito que vocês eram meta-humanas. Mas, quer saber? Bruxas é melhor.

Ally tinha uma amargura na voz que impressionava até Onika. Ela havia conhecido pessoas céticas ao longo dos anos, mas Ally era um caso especial.

– Tá bom, garota, pode parar com o sarcasmo. Sabe por quê?

– Regan, não. – Marissa tentou interrompê-la.

– Você também é uma bruxa. Você é igualzinha a nós.

– A tinta barata, que você usa para tingir os seus cabelos, infeccionou o seu cérebro? Eu não sou uma bruxa!

– Não é? E como você explica as coisas que acontecem quando você está por perto? Como, por exemplo, aquários explodindo na cara de professores e a *super* força que você tem? Quer saber? Eu tenho certeza que foi você quem congelou o tempo naquele dia, na aula de Biologia.

– Regan se aproximava mais e mais. – Eu sei como é, Ally, eu vivo isso todos os dias. Eu só preciso pensar no que eu quero, me concentrar um pouco e *voilà!* A cadeira cai no chão, a energia é desligada misteriosamente. Eu sei que você sabe como *isso* funciona. Por isso, garota, pare com a negação e aceite o fato de que VOCÊ É UMA BRUXA!

– EU NÃO SOU UMA BRUXA!

E então aconteceu uma explosão de vidro. A janela atrás de Ally se estilhaçou e a sala ficou cheia de pedaços de vidro. Felizmente, ninguém se machucara.

– E você estava dizendo o quê? – Regan continuava sarcástica como sempre.

Ally se levantou e passou pelas meninas, sem demonstrar simpatia ou agradecimento.

– Aonde você vai? – Skylar perguntou.

– Embora!

Ally passou pela porta e depois sumiu.

– A gente não deveria impedi-la ou algo do tipo?

– Não. – Onika respondeu. – Ela ainda não está pronta. Além do

mais, não se pode forçar alguém a fazer alguma coisa que se não quer.

XIII

Talvez Bonnie estivesse um pouco arrumada demais para alguém que iria jogar boliche. Mas, se tratando do primeiro encontro, todo esforço valia a pena e todo esforço era pouco. Alguém deve ter dito isso em algum lugar, senão fica registrado agora.

Bonnie e Jake combinaram de se encontrar no boliche às 19h30. Ela havia chegado educadamente às 20h01, porém Jake ainda não havia chegado. Estava tudo bem, ela mesma havia se atrasado, por isso nem poderia ficar chateada.

Às 20h15 Bonnie pegou o celular e telefonou para Jake. A ligação caiu direito na caixa postal, ela então resolveu deixar uma mensagem.

– Oi, eu estou aqui, cadê você? Me liga quando chegar, tchau.

Às 20h45 ela estava tão sozinha quanto antes. Para passar o tempo, comprou um milk-shake de morango e uma porção de batatas fritas.

Quando um garoto de cabelos escuros entrou no boliche, de cabeça baixa, Bonnie voltou a sorrir. Jake enfim havia chegado. Quando ele levantou a cabeça e ela viu que não era Jake, Bonnie fechou a cara de novo.

Às 21h10 Bonnie resolveu deixar outra mensagem.

– Jake, sou eu, Bonnie. Não sei se você se lembra, mas ficamos de nos encontramos no boliche há uma hora. Enfim, eu ainda estou aqui, não sei por que, mas estou. Certo, tchau.

Às 21h50, até para uma garota confiante como Bonnie, era ridículo continuar se enganando. Jake não viria, ele havia dado o bolo nela. A pior parte era que, no fundo, ela achava que ele era mesmo diferente dos outros garotos.

Aceitando a derrota, Bonnie se levantou da cadeira onde estava sentada há quase duas horas e foi embora. Ela não se importou em deixar algumas lágrimas rolares pelo rosto, no caminho até o estacionamento.

Os poderes de uma bruxa estão sempre conectados às emoções que

ela está sentindo. Por exemplo, assim que Bonnie chegou ao estacionamento, ela se lembrou do belo sorriso de Jake. Esse tipo de lembrança normalmente alegrava o dia dela, mas não naquela noite, a lembrança do sorriso de Jake desencadeou sentimentos negativos. Por causa disso, Bonnie acabou arrancando um hidrante do lugar. Não foi totalmente culpa dela, ela ainda estava aprendendo a controlar as emoções.

Bonnie deu no pé, como se fosse uma ladra de banco. Enquanto isso, a água que jorrava do buraco do hidrante para todos os lados, encharcava a rua.

E isso não foi tudo. Talvez ela também tenha partido uma ou duas árvores ao meio, no caminho para casa, mas ninguém estava contando.

~

À noite, Ally desceu até a cozinha. A Sra. Wilson havia acabado de chegar do trabalho, ela estava atuando como enfermeira no hospital da cidade.

– O jantar está atrasado. Eu sei, é minha culpa, mas no caminho pra cá eu passei no supermercado e comprei lasanha. Que tal?

Ally não estava com fome. Pelo menos, não de comida.

– Mãe, eu acho que está na hora de termos a conversa que você vive adiando. Eu não insistiria, mas aconteceram coisas recentemente que...

– Ai meu Deus, o que aconteceu? – A Sra. Wilson deixou a lasanha congelada de lado. – Você se machucou? Alguém se feriu?

Ally ignorou as perguntas e o desespero da mãe.

– Eu posso fazer *coisas*. Coisas que a maioria das pessoas não pode fazer, a menos que sejam personagens de histórias em quadrinhos. Se eu me concentrar bastante, posso mover objetos com o poder do meu pensamento. O meu soco causa mais estragos do que o soco de um lutador profissional. Eu vejo coisas ocorrerem antes de acontecerem! – Ally era só emoção. – Recentemente eu descobri que posso atirar uma espécie de raio, tudo o que eu preciso fazer é levantar a mão. E, pra piorar, ontem eu encontrei outras quatro garotas com habilidades tão

peculiares quanto as minhas. Uma delas me disse que eu sou uma bruxa, o que, claro, não tem nenhuma lógica, mas depois fez todo o sentido do mundo. É o que eu sou, não é? Eu sou uma bruxa. Eu sou uma bruxa e você sabia disso o tempo todo, não é mesmo?

Aquele momento se classificava como inevitável. A Sra. Wilson sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria que começar a contar a verdade. O momento havia chegado.

– Sim, você é um bruxa. – A Sra. Wilson era cautelosa –. Mas, querida, eu nunca tive certeza. A verdade é que eu sempre desconfiei.

– Por quê? Por que você sempre desconfiou?

– Por causa da minha mãe, a sua avó também era uma bruxa. – A Sra. Wilson parou e em seguida enxugou uma lágrima, que se atreveu a descer. – Droga! Ela era uma das boas, se você quer saber.

– Então é por isso que você sempre a manteve afastada? Durante todos esses anos você me fez acreditar que a minha avó não me amava, que ela não se importava comigo! Por que, mãe? Por que você fez isso?

– Ally, você não entende. – A Sra. Wilson também era só emoção.

– Então explique – com o poder da telecinese, Ally puxou uma cadeira, para que a mãe se sentasse. – Nós temos todo o tempo do mundo.

Depois que a Sra. Wilson se sentou, Ally fez o mesmo.

– A sua avó viveu para ajudar os outros, ela era boa, devotada e justa. Magia pra ela era algo sério, por isso ela era tão admirada no mundo mágico. – Ally estava pasma. – Pois é, eu não sou bruxa, mas graças a minha mãe eu sei uma porção de coisas. Eu sei como é perigoso carregar esse tipo de dom dentro de si. Eu sei das responsabilidades, dos obstáculos e das coisas que você ainda enfrentará, querida. Você não tem noção do que ainda está por vir.

A Sra. Wilson fez uma pausa, depois continuou.

– Os seus poderes estão se manifestando. Eu já havia percebido isso há algum tempo, mas é só o começo.

– Por que você virou as costas para a vovó?

– Porque, diferente da minha mãe, eu não era corajosa, acho que até

hoje eu não sou. – A Sra. Wilson parou e umedeceu os lábios secos. – Eu convivi com outros bruxos, pessoas boas e honestas, que faziam o bem; outras, nem tanto. Ally, quando eu me deparei com o lado negro da magia, eu fiquei assustada. Na verdade, eu fiquei apavorada, principalmente porque eu estava grávida. Eu não queria que você conhecesse a magia negra, eu não queria que você tivesse contato com nada daquilo. Por isso, assim que você nasceu eu cortei laços com a minha mãe e com o mundo da magia. Segui o meu próprio caminho, torcendo para que você nunca descobrisse a verdade.

– Por quê?

– Por causa do seu pai.

Ally sentiu como se alguém tivesse puxado o tapete debaixo dela. Talvez, naquele momento, um tiro teria doído menos.

– Meu pai é bruxo?

– Seu pai *era* bruxo.

– Eu não entendo.

– Existem dois tipos de bruxo: os bons, que lutam em nome da justiça, da ordem e do equilíbrio; e existem os bruxos maus, que são gananciosos, desordeiros, mesquinhos e vivem para acabar com o equilíbrio. Quando eu conheci seu pai, ele era apenas um aprendiz de bruxaria. Ele, assim como eu, não nasceu com o dom dentro de si, mas ele lutou e estudou para se tornar um bruxo. Além da sua avó, seu pai era o bruxo mais habilidoso que eu já havia conhecido. Acho que me apaixonei por ele instantaneamente.

– O que aconteceu?

– Seu pai tinha a pior fraqueza que um bruxo pode ter: ele era ganancioso por poder. Ele queria saber mais do que todos e ser mais forte do que qualquer bruxo do universo. E isso nunca é bom, pois não há lugar para esse tipo de bruxo no lado do bem. Seu pai se tornou uma ameaça não só para ele mesmo, mas para o mundo dos bruxos. Ele era temido por todos e, no fundo, eu acho que ele gostava disso.

– Seu pai cometeu o maior erro da vida dele quando tentou roubar o poder da deusa mãe dos quatro elementos: fogo, ar, terra e água. Foi a minha mãe quem o deteve em combate e, para se torná-la tão poderosa

quanto ele, a deusa se transformou no quinto elemento: ela era o Éter, que significa Espírito. O seu pai lutou como o herói que um dia havia sido, mas ele perdeu. Perdeu o direito de ser bruxo e foi banido da dimensão mágica, para vagar sozinho pela terra sombria. Quando eu o vi pela última vez, você ainda não havia nascido. Por isso, eu decidi ir embora.

A Sra. Wilson temia que esse dia chegasse. Mas, agora que ela havia sido totalmente sincera, pela primeira vez, Ally merecia escutar toda a história.

– Caso você esteja se perguntando, o seu pai não desistiu, ele não era do tipo que desistia. – Era amargo dizer aquilo, mas ela continuou. – Anos depois, quando tudo estava calmo, ele retornou em busca de vingança. Até hoje ninguém consegue explicar como, mas seu pai estava mais poderoso do que antes, ele era a maldade em pessoa. Na época, todos o chamavam de Mestre das Sombras. Quando ele voltou, trouxe consigo aliados, bruxos da pior espécie, demônios e criaturas das sombras. Foi uma verdadeira guerra, onde milhares de inocentes morreram, foi o maior derramamento de sangue na história do mundo da magia. Mas, graças a sua avó e outras quatro mulheres, seu pai e os aliados dele foram derrotados. Ele foi morto para que não continuasse matando. E, para se certificarem de que ele nunca pudesse voltar, a sua avó, que era o quinto, e os outros quatro elementos aprisionaram o corpo dele dentro de um vulcão.

– Como ele se chamava?

– Lochlan Seamus. – Ally estava vendo como era difícil para a mãe pronunciar o nome do pai dela em voz alta. Era a primeira vez em muitos anos que ela repetia o nome dele e, apesar do tempo, a lembrança do amor que foi embora ainda doía.

– Ele nunca voltou a procurar você?

– E nem poderia. Quando Lochlan retornou, fizeram-no acreditar que você e eu tínhamos sido mortas em um incêndio.

Ally não era uma garota incompreensível. Ouvindo a mãe naquele momento, conseguia imaginar tudo o que ela havia enfrentado. A Sra. Wilson sempre prezou pela segurança da filha, ela moveria céus e terras

se isso deixasse Ally mais segura.

Carinhosamente, Ally segurou a mão da mãe.

– Obrigada por finalmente ter me contado a verdade.

– Eu sinto muito que você não tenha conhecido a sua avó, foi minha culpa. – A Sra. Wilson estava sendo sincera. – Eu sei que vocês duas teriam se dado muito bem e provavelmente já teriam me enlouquecido.

Ally sorriu, mas teve uma coisa que ela não revelou. Mesmo não tendo conhecido a avó, ela conseguia sentir a presença dela na casa. Ally sabia que, mesmo depois de morta, a avó ainda estava protegendo o lugar. Ali, ela e a mãe estariam finalmente a salvo.

Quanta coisa Ally tinha descoberto em apenas um dia! Ela era bruxa, a avó foi uma também, e o pai foi um poderoso bruxo do mal. Em outro universo, eles seriam a família perfeita pra estrelar um reality show.

De volta ao quarto, Ally agarrou o Grimório da avó. Foi fácil associar uma coisa à outra: se a avó de Ally era uma bruxa, aquele livro só poderia ser um Grimório. Mas o fato de ele ainda estar em branco permanecia em completo mistério.

– Muito bem, vovó. Agora, o que eu preciso fazer?

As páginas do Grimório continuavam em branco.

Ally não conhecia nenhum feitiço, o pouco que ela havia feito até ali havia sido por puro instinto. Ela sequer sabia alguma palavra mágica que não soasse ridícula, tipo *sim salabim*.

Por um momento ela até cogitou ligar para uma das meninas e pedir ajuda. Talvez Marissa ou Bonnie soubessem a palavra “mágica”, mas ela estava muito envergonhada para pedir ajuda.

– Livro, releve o seu conteúdo – foi a primeira tentativa, mas nada aconteceu. – Por favor? – As páginas continuavam em branco.

– Revele-se – nada aconteceu.

– *Argh* – valia a pena outra tentativa. – *Hocus Pocus* – Era ridículo, Ally não sabia como fazer o Grimório revelar seus segredos... Então, algo aconteceu: primeiro eram apenas rabiscos, depois cada letra foi ganhando forma e se tornando mais nítida para leitura. Uma por uma, as páginas do Grimório estavam novamente cheias de feitiços, poções e

rituais medievais.

– *Hocus Pocus*? – Ally olhou pra cima. – É sério, vó?

Ally pegou o Grimório e foi até a cama, onde se acomodou. Então ela começou a ler o conteúdo do livro que outrora pertencera à avó, mas que agora pertencia a ela.

~

De um lado da cidade, Ally colocava a leitura em dia. Do outro lado, Skylar, Regan e Bonnie se encontraram no *gazebo* atrás da casa de Marissa. Até Bonnie apareceu, mesmo com cara de enterro.

Skylar queria saber tudo sobre o encontro de Bonnie e Jake.

– Me conta como...

– Cala a boca. – Bonnie foi direta e dura.

– Foi assim tão...

– Cala a boca.

– Não está mais aqui quem falou. – Skylar e Regan se entreolharam.

– Vocês sabem por que Marissa nos chamou aqui? – Regan perguntou. – Eu estava em casa, assistindo à segunda temporada de *The L Word*. É melhor ser algo bom.

Skylar franziu a testa e encarou a amiga.

– Você, às vezes, é um estereótipo ambulante. Daqui a pouco você vai me dizer que seu maior sonho é dirigir um caminhão.

Em resposta, Regan exibiu o dedo do meio.

Bonnie estava tão estranha! Skylar nunca vira a amiga daquele jeito. Tristonha e calada não eram as características típicas de Bonnie.

– Me desculpem pelo atraso. – Marissa apareceu, trazendo consigo uma pilha de jornais. Ela jogou todos em cima da mesinha.

– Pra que isso? – Skylar pegou um jornal.

– Ashlee Turco desapareceu – não era exatamente uma novidade –, mas ela não foi a única adolescente que sumiu recentemente. Peguem um jornal e vejam vocês mesmas.

Regan pegou um e leu a notícia.

Um garoto chamado Corey Brennan, de 16 anos, desapareceu

misteriosamente em Portsmouth, que ficava há 200 km de distância de Mystic Village. Só podia ser coincidência, jovens desapareciam o tempo todo.

Bonnie leu outra notícia.

Melissa Salling, de 17 anos, morava em Charlottesville, que ficava há 85 km de Mystic Village. Ela desapareceu na tarde de uma quarta-feira e foi vista pela última vez em uma sorveteria.

Skylar pegou o jornal da cidade de Manassas, que ficava há pouco mais de 20 km de Mystic Village. Regan até conhecia alguns garotos que moravam em Manassas.

Jacob Mays, de 16 anos, desapareceu após o treino de basquete. Um amigo dele deu um depoimento para a polícia e disse que Jacob foi se encontrar com um olheiro da universidade no dia em que desapareceu. A polícia nunca conseguiu descobrir a identidade do tal olheiro.

Marissa estava lendo a notícia do desaparecimento de Amber Tobi, a garota de 16 anos que desapareceu de Colonial Heights, cidade que ficava há pouco mais de 17 km de onde ela e as amigas estavam naquele exato momento.

E eles não eram os únicos. No período de um mês, cerca de vinte e dois adolescentes com idades entre 15, 16 e 17 anos haviam desaparecido misteriosamente, sem deixar rastros.

Nada daquilo era coincidência. Até um tolo conseguia perceber e as meninas já haviam entendido onde Marissa queria chegar.

– Quem você acha que fez isso? – Bonnie perguntou. – Demônio? Alguma seita agindo escondida?

– Isso não me parece trabalho de uma seita. – Marissa analisou a expressão das amigas e depois continuou. – Alguns desses garotos desapareceram em plena luz do dia. Pra mim, isso é coisa de demônio. Qual o palpite de vocês?

– Eu não sei – mentalmente, Skylar ponderou suas opções –, mas sei de um jeito que podemos descobrir.

– Como? – De repente, Regan estava interessada.

– Feitiço de localização. Ashlee Turco desapareceu há dois dias. Se tivermos alguma coisa que pertence a ela, então podemos fazer o feitiço

de localização e encontrá-la mais rápido do que alguém consiga dizer *atchim*.

– Saúde... Foi mal. – Regan só estava tentando ser engraçada.

– Eu não tenho nada que seja de Ashlee – disse Bonnie.

– Nenhuma de nós tem. – Marissa respondeu por todas. – E por causa da polícia, não podemos ir até a casa dela. Por isso, se quisermos mesmo descobrir quem está por trás desses desaparecimentos, precisamos entrar na escola ainda esta noite, pegar alguma coisa dentro do armário de Ashlee e depois, bem, vocês sabem.

– Arrombar a escola? – Regan levantou uma sobrancelha. – É isso que você está sugerindo? Quem é você e o que você fez com a Marissa?

– Acredite, eu estou tão pasma quanto você.

– Vamos nessa. – Skylar concordou.

– Estou dentro. – Bonnie disse.

~

Entrar na escola foi fácil. Tudo o que Regan precisou fazer foi destrancar uma das janelas do primeiro andar, pelo lado de fora. Para outras pessoas essa seria uma tarefa difícil, mas era moleza para uma bruxa do calibre de Regan.

– Eu nunca pensei que fosse dizer isso, mas a escola consegue ser mais assustadora à noite do que pela manhã. – Bonnie comentou.

– Sério? Pois eu estou achando o clima acolhedor. – Skylar sorriu.

As meninas saíram da sala e foram para o corredor.

Do lado de fora da escola, alguém escolheu a noite errada para passear de carro. Finn estava voltando da casa de um amigo, com o carro da mãe, quando passou próximo à escola e viu a irmã e as amigas entrarem sorrateiras por uma janela. Naquela noite, Finn resolveu se meter nos assuntos da irmã.

Regan não tinha a menor ideia de qual era o armário de Ashlee Turco e, levando em consideração que havia mais de trezentos alunos

matriculados em Mytic High, elas poderiam ficar ali durante toda a noite.

– Esse, trezentos e dezesseis, é o armário de Ashlee. – Skylar disse.

– Você tem certeza? – Marissa perguntou.

– Pode apostar todos os seus suéteres com estampa de gatinho que eu estou certa.

– Certo. Afastem-se, isso pode acabar em bagunça. – Regan fechou a mão direita e, quando voltou a abri-la, havia uma pequena bola de energia na palma da mão. Ela enfiou a bola na fechadura do armário e se afastou. Dois segundos depois, a trava explodiu e a porta se abriu.

– Ah, Sky. – Marissa pegou uma coisa dentro do armário. – Eu tenho quase certeza de que essa revista de mulher pelada e esse talco para os pés não pertencem a Ashlee.

– Opa, armário errado.

Skylar não estava completamente errada, o armário de Ashlee Turco era o quatrocentos e dezesseis. Regan explodiu a fechadura e, assim que as meninas viram o conteúdo do armário, tiveram certeza de que era mesmo o de Ashlee.

Ally pegou um lindo cachecol cor-de-rosa.

– Já temos o que precisamos, agora vamos dar o fora daqui.

As meninas escutaram um grunhido na sala ao lado. Em seguida escutaram um barulho similar a um latido, depois escutaram o grunhido de novo e de novo.

Regan empurrou a porta e todas as garotas arquearam de medo: dentro da sala da professora de Literatura estavam as criaturas mais grotescas que as meninas já haviam visto até aquele momento. Cães demoníacos, criaturas de olhos brancos, corpos dilacerados, dentes afiadíssimos feito facas e carne em estado de decomposição.

– Uma perguntinha – Skylar quebrou o silêncio. – Nós vamos correr agora ou antes disso eu posso vomitar?

As meninas correram antes de os cães demoníacos atacarem. As criaturas corriam, latiam e babavam, tudo ao mesmo tempo.

Regan parou de correr e se virou. Ela jogou duas bolas de fogo contra as criaturas, mas infelizmente não acertou nenhuma.

– Merda! – Regan voltou a correr.

Na metade do caminho as meninas se separaram. Bonnie subiu a escada até o segundo andar; Skylar correu na direção da piscina; Regan dobrou à esquerda; e Marissa correu na direção do refeitório.

No segundo andar, Bonnie entrou na sala do professor de Matemática, fechou a porta e se abaixou. Ela caminhou agachada até o final da sala, onde ficou encolhida em um canto. Depois tapou a própria boca, a fim de não gritar involuntariamente.

O cão demoníaco atravessou a pequena vidraça da porta e entrou na sala. Bonnie notou que a criatura só tinha uma orelha, mas isso não deixava o cão menos assustador.

Ela ficou em pé e atacou antes: jogou uma cadeira em cima do bicho e acertou-o em cheio. Mas não foi suficiente, logo o cão estava rosnando pra ela de novo.

Quando o cachorro correu para atacá-la, Bonnie conseguiu se concentrar o bastante e derrubou um armário em cima do cão. Metade do corpo do bicho estava descoberto, a outra metade fora esmagada pelo armário.

Skylar empurrou as portas do ginásio e entrou correndo, sem olhar para trás. A piscina estava há alguns centímetros de distância.

O cão demoníaco entrou logo atrás. Em seguida Skylar atacou com tudo, puxando a água da piscina. Ela atingiu a criatura com um jato d'água, fazendo-a se afastar.

Antes que o cachorro pudesse atacar de novo, Skylar chicoteou o bicho com a água. Mas, apesar disso, o cão demoníaco achou melhor atacá-la mais uma vez. Era da natureza daquela criatura atacar sempre que possível. Por isso, se Skylar não desse um fim naquilo, o cão sairia vitorioso.

Skylar se concentrou e olhou nos olhos sem vida da criatura. O bicho então correu e pulou em cima dela. A água cortou o pescoço do cão demoníaco sem nenhuma dificuldade. A cabeça do bicho caiu dentro da piscina e o corpo em decomposição caiu ao lado dos pés de Skylar, sujando os sapatos dela com sangue.

– Merda! Eu ainda estou pagando por eles.

Regan entrou no banheiro dos meninos. Naquele momento, ela não sabia o que era pior: o cão demoníaco furioso atrás dela ou o fato de ela estar no banheiro dos meninos.

O bicho entrou no banheiro, latindo.

– Totó, você já está morto.

Regan incendiou os próprios braços até os cotovelos, depois atirou uma bola de fogo contra o cão, acertando-o em cheio.

O desgraçado não desistiu, pulando em cima dela bem a tempo. Regan conseguiu se abaixar, viu o cachorro passar em câmera lenta por cima e não hesitou: incendiou a barriga da criatura, que só era carne podre.

O cão demoníaco correu em círculos, como se estivesse tentando pegar o próprio rabo. O que não era o caso, pois aquela criatura sequer tinha um. A carne podre do animal estava assando e ele estava, aos poucos, morrendo.

No final, tudo o que restou foi uma pasta mal passada de carne podre no chão do banheiro. Regan precisou cobrir o nariz, por conta do fedor.

Marissa nunca havia corrido tanto, mas felizmente ela não estava fora de forma. Do contrário, o cão demoníaco já teria dado um fim nela, àquela altura.

Ela subiu em cima de uma cadeira e depois em cima de uma mesa. Não havia muito sentido em fazer isso, mas na cabeça de Marissa parecia mais seguro do que aparentava.

O bicho saiu da escuridão para atacá-la. Marissa o atingiu com uma luçada de ar quente e o pouco de pele que ainda estava grudada no corpo do cão derreteu.

O animal rosnou ferozmente.

– *Volare!* – Marissa gritou e o cão demoníaco foi lançado contra a parede. Mas aquilo não era suficiente. Felizmente, Marissa se lembrava de um feitiço que serviria como uma luva. – *Explodere.*

O cão explodiu em menos de um minuto. A carne podre ficou grudada na parede do refeitório e o sangue sujou o chão.

Finn também entrou na escola, passando pela mesma janela que as meninas entraram. Assim que colocou os pés no corredor, desejou

estar em outro lugar. Estranhamente ele escutou gritos, sons de explosões e algo similar a latidos de cachorros. O que, claro, não podia ser verdade. Não havia cachorros em Mystic High.

Qualquer outro garoto teria saído dali, entrado em seu carro e ido embora sem olhar para trás. Mas Finn não era esse tipo de homem: ele era aventureiro, explorador e, acima de tudo, também era irmão de Regan. Naquele momento, Finn se pegou pensando no que a irmã faria em uma situação como aquela. A resposta, claro, era óbvia. Ele seguiu atrás dos latidos e gritos.

Skylar e Regan entraram, correndo, juntas no refeitório. Bonnie veio logo atrás e as garotas estavam exaustas.

Skylar foi a primeira que viu os restos do cão.

– Caramba, garota! Eu nunca mais vou subestimar você.

– Por que você está em cima da mesa? – Bonnie perguntou.

– Você não vai querer saber. – Marissa desceu.

– Se você diz.

– Como, eu repito, como cães demoníacos entraram aqui? – Regan perguntou. – Alguém, por favor, me diga que isso foi uma infeliz coincidência.

– Não foi uma infeliz coincidência sermos atacadas na escola por cães demoníacos, assim como também não foi uma infeliz coincidência sermos atacadas por *Goblins* na outra noite. – Marissa encarou as amigas. – Onika estava certa, alguém quer a nossa cabeça.

– Droga, Marissa, eu estava torcendo para que você não dissesse isso.

– É, mas quem poderia ser? – Bonnie perguntou. – E o mais importante: por quê?

– Ora, ora, ora, o que nós temos aqui?

Marissa ficou feito pedra. Skylar, Bonnie e Regan olharam para trás e ficaram tão petrificadas por dentro quanto ela.

As garotas estavam encarando Finn e ele as estava olhando como quem não queria nada. Tudo mudou quando ele olhou o cenário ao redor, em especial os restos do cão demoníaco.

– O que você está fazendo aqui? – Regan perguntou.

– Eu...

– Finn, cuidado! – Skylar gritou.

Finn girou nos calcanhares no instante em que o cão pulou em cima dele. Regan teve o vislumbre dos dentes afiados da criatura agarrando o pescoço do irmão.

Foi então que algo aconteceu. As luzes do refeitório começaram a piscar, uma delas até chegou a explodir. Houve uma chuva de pedaços de vidro e fagulhas.

Um feixe de luz saiu das mãos de Finn com a intensidade de um raio laser, cortando o cão demoníaco ao meio.

Bonnie teve que segurar o próprio queixo antes que ele despencasse no chão.

Lentamente, Finn encarou as meninas.

– *Oops!*

Marissa se afastou das amigas e pronunciou “*Pedum solvere*”. Tudo o que fora destruído naquela noite iria voltar ao normal. Na manhã seguinte, a escola estaria do jeito que sempre esteve.

XIV

Quando Onika abriu a porta de sua casa, Marissa notou que ela estava usando uma camisola azul, do tipo que as vovós usavam. Bonnie viu que ela estava com rolinhos no cabelo e Skylar percebeu que ela estava irada por ter sido acordada àquela hora da noite.

Onika encarou as meninas e depois olhou o garoto que ela ainda não conhecia, mas que, graças à interferência das garotas, estava prestes a conhecer.

– É melhor que alguém tenha sido possuído por um demônio. – Onika deixou os visitantes indesejáveis entrarem em sua casa. Todos se acomodaram na sala e ela serviu chá.

– O que aconteceu? – Onika perguntou.

– Hoje à noite nós fomos atacadas por cães demoníacos – disse Bonnie.

– Cães demoníacos? – Finn perguntou. – Era isso que aquelas coisas eram? Para mim, eles pareciam cães zumbis.

– E quem é você? – Onika se dirigiu ao garoto de bochechas rosadas.

– Finn. E quem...

Onika dispensou a pergunta do garoto com um balançar de mão. Ela não tinha tempo para jovens, e principalmente para jovens com as perguntas erradas.

– Alguém se machucou? – Perguntou Onika. – Ally está bem?

– Ally? – O nome da garota deixou Finn em estado de alerta. – O que ela tem a ver com isso? – Finn encarou a irmã. – Regan, você me proibiu de fazer perguntas ou, do contrário, cortaria minha língua. Mas eu estou disposto a correr este risco. O que diabos está acontecendo? Por que cães demoníacos atacaram você e suas amigas? E antes que eu me esqueça, o que vocês são?

Regan queria fazer a mesma pergunta: o que Finn era? Ela viu o que o irmão fez com a luz e como aquilo deu um fim no cão demoníaco.

Mas, ainda assim, ela não se sentia nem um pouco aliviada. Era evidente, ela estava preocupada com Finn de um jeito que nunca estivera antes.

– Sua irmã e as amigas dela são bruxas. – Onika disse. Em seguida, levou a xícara até os lábios e saboreou o chá.

– Bruxas? – Finn parecia refletir. Regan, antes de todos, estava preocupada: o que o irmão diria em seguida? Ele a chamaria de aberração? Riria de toda a situação? Ela odiava incertezas. – Isso é demais! E eu achando que todas vocês eram entediadas.

– *Ahn*, valeu? – Skylar não sabia se aquilo tinha sido um elogio ou uma ofensa. O caso é que nenhuma das garotas esperava que Finn reagisse daquele jeito.

– Espera um minuto. – Regan reagiu. – Tudo bem pra você?

– Por que não estaria? Caramba! Vocês são bruxas! São quase super-heroínas! Isso é a coisa mais legal que eu já vi.

Marissa soltou o ar que estava prendendo, por conta da tensão, e depois sorriu. Bonnie fez o mesmo.

– E isso nos leva a seguinte questão: – Onika se levantou e deixou o pires e a xícara em cima do piano. – O que você, juvenzinho, é?

– É por isso que estamos aqui – disse Bonnie. – Finn também destruiu um cão demoníaco. Um tipo de raio laser saiu das mãos dele, eu nunca havia visto nada igual.

– Eu também não. – Marissa completou. – Eu nunca vi nada sobre isso nem nos livros. E não estou querendo me gabar, mas eu leio pra caramba.

Para Finn, aquilo soava como um elogio.

– Deixe-me ver o que você é capaz de fazer, garoto.

– É melhor não, confie em mim. – Finn se levantou e depois se afastou. – A minha luz pode cegar.

– É mesmo? – Onika parecia estranhamente interessada. – Bem, você vai precisar nos mostrar algo. Do contrário, eu não poderei ajudá-lo.

– Certo. – Com a cabeça, Finn indicou o abajur aceso, que estava atrás de Onika. Ela e as garotas entenderam o recado. – Deve servir.

A luz do abajur começou a piscar igual às luzes de um pisca-pisca. Para qualquer pessoa, aquilo poderia ser uma simples interferência na energia, mas Onika e as garotas sabiam que era Finn quem estava fazendo aquilo.

A lâmpada da sala começou a piscar igual ao abajur, depois Finn parou.

– O que mais você consegue fazer? – Onika agarrou as mãos de Finn e começou a analisá-las. O garoto se sentiu desconfortável.

– Em geral eu consigo controlar a luz: criar e até manipulá-la. – Finn encarou Onika e depois as garotas. – Hologramas, ilusões. Ah, uma vez eu até consegui mudar a cor de uma camiseta, mas eu não tenho certeza de como fiz aquilo. Enfim, é basicamente isso.

– O que você é? – Skylar perguntou.

– Incrível. – Onika sussurrou. – Um manipulador de energia. Garoto, há muito tempo que eu não via alguém como você. Eu até achei que vocês estivessem extintos.

– Onika, o que você disse?

– Este jovem é um manipulador de energia. Neste caso, estamos falando da luminocinese, que é, em geral, a habilidade de controlar a luz.

Regan juntou as mãos e encarou o irmão.

– Finn, por que você nunca me disse nada?

– Bem, por que você nunca me disse que era bruxa? – Finn estava tão magoado quanto Regan. Era até compreensível.

– Ele tem um ponto. – Skylar sussurrou.

– Certo. – Onika bateu palmas uma vez. – Agora, garotas, me digam exatamente o que aconteceu.

E então elas contaram toda a história, *tim-tim* por *tim-tim*. Onika escutou tudo com atenção, mas, antes da metade da história, ela já tinha uma boa ideia do que estava acontecendo.

Os dias negros retornarão.

– Sra. Woodard, quem está por trás desses ataques? – Marissa perguntou.

Onika analisou as meninas. Até Finn, que não tinha ideia nenhuma

do que estava acontecendo, parecia preocupado.

– Eu não sei – disse.

As meninas não seriam facilmente enganadas. Onika podia ser muitas coisas: uma mulher rabugenta, uma bruxa sábia, mas ela também era uma péssima mentirosa e isso estava claro. Por que ela estava mentindo? Isso sim era um mistério.

– Eu não acredito em você. – Regan disse.

– Acredite no que você quiser, eu não me importo.

– Sra. Woodard, não nos leve a mal, mas nós sabemos que a senhora sabe mais do que está disposta a nos contar. – Bonnie tentou não soar presunçosa.

– É verdade, bruxinha da terra. – Onika encarou as outras garotas. – Não se preocupem, quando os cinco elementos enfim estiverem juntos, vocês, garotas, terão todas as respostas que precisam. – Ela sorriu. – Até lá, olhem para os dois lados antes de atravessar a rua, se alimentem bem e pratiquem exercícios.

– O quê? – A última parte do flatório deixou Skylar confusa.

– Olhem a hora. – Onika encarou o relógio que não estava em seu pulso. – Já é tarde, eu preciso dormir e vocês, crianças, têm que acordar cedo amanhã. Hora de ir pra casa.

– Mas, Sra. Woodard...

– Eu disse: hora de ir pra casa.

Uma a uma as meninas se levantaram e, junto com Finn, saíram da casa de Onika. A mulher nem fez questão de dizer boa noite, ela fechou a porta sem sequer piscar e em seguida apagou as luzes da sala.

– Ela é um amor de pessoa – caçoou Regan.

Finn recebeu um novo e-mail. Ele tirou o celular do bolso e leu a mensagem em silêncio: outra pessoa da cidade estava desaparecida.

– Que merda! Meninas, escutem isso. – Finn começou a ler o e-mail. – O adolescente de 16 anos, e estrela do time de futebol, Jake Stowe, desapareceu hoje à tarde. Jake foi visto pela última vez em uma academia no centro da cidade. O carro dele foi encontrado no início da noite, nos limites da cidade, mas até agora a polícia não tem nenhuma pista do paradeiro de Jake.

Um raio cortou o céu e atingiu uma árvore no outro lado do rua.
Bonnie tinha um jeitinho todo especial de receber péssimas notícias.

~

Ally folheou o Grimório até tarde da noite. Ela nem percebeu quando, depois de algum tempo, pegou no sono. Por isso ela nem estranhou quando acordou na manhã seguinte e se deu conta de que ainda estava segurando o livro. A mão dela estava formigando.

Deixando o Grimório em cima da mesa, Ally foi para o banheiro e repetiu o ritual matinal de sempre: tomou banho, escovou os dentes, penteou os cabelos e vestiu roupas limpas.

A Sra. Wilson estava na cozinha quando Ally desceu para tomar café, mas ela sequer notou a presença da filha. Ela estava concentrada no jornal daquela manhã e, pela testa franzida da mãe, Ally sentiu que ela não estava muito feliz.

– Algum problema? – Ally rompeu o silêncio.

A Sra. Wilson ergueu o olhar e encarou a filha pela primeira vez naquela manhã.

– Outro garoto da sua idade desapareceu ontem – disse e depois entregou o jornal para que Ally lesse a notícia.

Quando Ally encarou a foto em preto e branco de Jake Stowe, quase engasgou. De acordo com informações, ele havia desaparecido misteriosamente no final da tarde de ontem e até aquele momento ninguém havia fornecido qualquer pista que pudesse ajudar a polícia.

Jake era o segundo adolescente de Mystic Village que desapareceu misteriosamente. A primeira pessoa havia sido a jovem Ashlee Turco.

Ally não conhecia Ashlee, mas isso não tornava as coisas mais fáceis, pois ela sabia que situações daquele tipo também poderiam acontecer a ela.

– Ally, eu não quero que você vá para a escola hoje, é sério. – A Sra. Wilson estava quase chorando. – Eu acho que não consigo suportar se esse tipo de coisa acontecer com você.

– Mãe – deixando o jornal em cima da mesa, Ally foi até onde a

Sra. Wilson estava e abraçou-a com força. – Eu entendo a sua preocupação, entendo mesmo, mas acredite, eu vou ficar bem. E, se algum idiota tentar se meter a besta comigo, ele vai acabar descobrindo que escolheu mexer com a garota errada.

A Sra. Wilson sabia ao que a filha estava se referindo. A garota tinha poder suficiente dentro de si para lidar sozinha com qualquer um que tentasse algo contra ela.

Ally tinha os mesmos olhos azuis do pai, mas, diferente de Lochlan, ela não era gananciosa. Era tão destemida quanto o pai havia sido quando era jovem, e apenas isso. Essa simples semelhança assustava a Sra. Wilson mais do que qualquer outra coisa.

– Você pode ir, mas eu exijo que me envie mensagens no celular de dez em dez minutos. Só assim eu vou saber que você está bem.

Ally sorriu.

– De acordo.

Alguém buzinou na frente da casa.

– Eu preciso ir, a minha carona chegou. – Ally beijou a bochecha da mãe, pegou uma maçã no cesto de frutas e depois foi embora.

Embora a filha fosse uma garota destemida, ela ainda era só uma garota. A Sra. Wilson sabia que Ally estava fascinada com a descoberta de ser uma bruxa. Mas, para o seu próprio bem, o ideal seria que ela entendesse o mais rápido possível que as coisas nem sempre seriam assim tão coloridas. A Sra. Wilson já havia visto o mal de perto e esse foi o tipo de experiência da qual ela nunca se esqueceu. Às vezes, à noite, ela ainda tinha pesadelos relacionados aos dias mais sombrios.

Por mais que a Sra. Wilson estivesse preocupada, ela também confiava na filha. Ela sabia que Ally faria o que fosse certo. Pelo menos, esperava que sim.

~

Até ontem, Ally nunca estivera dentro do carro de um garoto. Mas, graças a Finn e a insistência dele em levá-la para a escola, Ally podia riscar aquilo da lista de coisas a fazer antes de morrer.

Ela percebeu, pela expressão séria no rosto de Finn, que ele não estava prestes a contar uma piada. Ally nem podia imaginar o que ele estava prestes a dizer.

– Antes de irmos pra escola, eu preciso te contar uma coisa.

No fundo, Ally achou que ele iria revelar já ser comprometido com outra garota. Mas ela sabia que Mystic Village não era uma cidade como qualquer outra e que os moradores dali eram muitas coisas, exceto comuns.

Finn dirigiu até o parque Hollow e estacionou o carro embaixo de uma árvore.

– Por que você está tão sério?

Finn encarou Ally. Ele não sabia exatamente por onde começar, mas, em todo caso, começar pelo começo parece ser sempre a melhor opção.

– Ally, o negócio é o seguinte...

E então Finn contou tudo o que Ally precisava saber a respeito dele. Ele até contou o que não era importante, mas que, ainda assim, parecia ser necessário para melhor compreensão da parte dela.

Ally escutou tudo o que Finn tinha para dizer, sem interrompê-lo. Ele era um manipulador de energia, a habilidade dele era a luminocinese. Finn controlava a luz.

Qualquer outra garota, em qualquer outra cidade do mundo, poderia dizer que aquele papo era balela. Mas Ally não era qualquer outra garota e Mystic Village não era apenas mais uma cidade, entre tantas outras. Ela sabia que Finn estava sendo sincero.

Ela escutou com atenção tudo o que ele tinha a dizer. As experiências de Finn com a habilidade de controlar a luz eram poucas: algumas foram bem sucedidas; outras, nem tanto. Mas, felizmente, até aquele momento ele não havia machucado ninguém, nem que fosse involuntariamente.

No começo nada era muito claro, e por isso ele se sentiu confuso e assustado. Confuso por não ter ideia do que estava acontecendo e assustado por não ter noção de como *aquilo* poderia acontecer dentro dele.

Quando Finn parou de falar, Ally continuou em silêncio por um

tempo.

– Então é isso, essa é toda a história. – Ally continuava em silêncio.

– Você vai sair correndo agora?

Ela não respondeu.

– Você vai me dispensar agora?

– Por que você está me contando isso? – Ally estava surpresa, mas, para uma bruxa adolescente, ela não estava totalmente surpresa.

– Porque você merece saber a verdade.

– Sério? – Ally franziu as sobrancelhas. – Não tem nada a ver com o fato de você saber que eu sou uma bruxa? – Finn, naquele momento, estava mais surpreso do que Ally estaria. – Pela sua cara, dá pra perceber que você sabe.

– Bem, por isso também. – Finn sorriu.

– Quem te contou? Foi a sua irmã?

– Não exatamente. Por falar nisso, você precisa falar com ela e as outras garotas. Ontem à noite aconteceu uma coisa louca e nem que eu quisesse conseguiria explicar pra você.

Ally conseguiu relaxar no banco do carro, depois ela desviou o olhar e encarou a paisagem lá fora. Ela não estava o ignorando de propósito, estava apenas perdida em pensamentos.

– Por favor, diga alguma coisa. – Finn chamou a atenção dela.

Quando Ally voltou a encará-lo, Finn ficou feliz por constatar que ela não o chamaria de louco e nem sairia correndo do carro. Ally compreendia tudo.

Finn a trouxe mais para perto e, após confirmar consigo mesmo que tudo estava bem, ele a presenteou com um beijo.

Tudo o que Ally queria era conhecer um garoto gentil e educado. Não era obrigatório que ele fosse bonito, pois ela não era exigente, bastava que ele tivesse um ótimo senso de humor e paciência. Contudo, ao invés disso, ela conheceu Finn Weathers, que era bonito, muito acima das expectativas, engraçado e tinha um jeito único. Mas, antes de qualquer coisa, ele era um manipulador de energia.

Ally era, de fato, uma garota sortuda.

O feitiço de localização não havia funcionado. E isso, àquela altura, com Ashlee e Jake desaparecidos, era a pior coisa que podia acontecer.

– Marissa, por que não está funcionando? – Bonnie estava se segurando para não causar um desabamento de terra.

Marissa abriu a boca para explicar, mas Regan foi mais rápida.

– O problema é que o nosso Grimório não presta. Eu aposto que a maioria desses feitiços nem existem.

– O que você esperava? – Skylar se levantou, rompendo o círculo. – Eu comprei no *Ebay*!

– Sky, aonde você vai? Você não pode romper o círculo.

– Nós estamos sentadas neste chão frio há uma hora. Peço desculpas, mas a minha bunda já está dormente.

Todas as garotas estavam cansadas. Elas haviam dormido pouco na noite anterior e todas tinham acordado cedo naquela manhã.

– Não adianta, Bonnie. – Regan detestava ser estraga-prazeres com uma amiga, mas ela precisava ser sincera. – Não estamos conseguindo. Desse jeito, não podemos ajudar Ashlee e Jake. E eu tenho medo que seja tarde demais.

– Por favor, não diga isso – ela cobriu o rosto com as mãos. Regan também se levantou, enquanto Marissa consolava Bonnie.

– O que nós vamos fazer agora? – Marissa também se levantou. Para ela fazer esta pergunta, Skylar sabia que a situação toda estava sem controle.

– Eu não faço a mínima ideia. – Regan cruzou os braços.

– Eu também não – disse Skylar.

Mesmo com o cachecol de Ashlee, as meninas não conseguiram encontrá-la. O pior era que Marissa sabia que, quanto mais tempo demorassem, mais jovens iriam desaparecer.

Bonnie também se levantou. Para ela era mais difícil fazer aquilo. No fundo, ela sentia como se estivesse abandonando Jake.

– Nós precisamos da Ally aqui. – As meninas encararam Bonnie. Ninguém queria admitir, mas ela estava certa. – Nós precisamos dela

aqui, me desculpem, mas é assim que as coisas têm que ser.

– Você está certa. – Regan foi a primeira a admitir.

– Vamos pegá-la. – Skylar disse.

Era o caso clássico de “se não pode vencê-las, junte-se a elas”. Marissa normalmente reprovava aquela ideia. Na verdade, ela não estava totalmente de acordo *ainda*, mas ela também acreditava que épocas desesperadas pediam por medidas desesperadas.

Marissa só esperava que Ally não as odiasse por aquilo.

~

Enquanto as meninas tentavam bolar um plano, Ally estava na escola, tendo aula de Literatura Inglesa.

– Alguém pode me dizer por que Jane Eyre é considerada uma personagem à frente de seu tempo? – Perguntou a professora Wildenberg.

Ela não esperava que algum aluno fosse responder, já que raramente interagiam com ela durante as aulas. Por isso, ela ficou surpresa quando Ally levantou o braço.

– Porque, diferente da maioria das mulheres do século dezanove, Jane Eyre queria ser independente e, acima de tudo, autossuficiente.

No fundo, a professora Wildenberg torcia para que Ally tivesse mesmo lido o livro e não apenas visto o filme, como faziam os outros alunos.

– E por que você acha isso? – A professora perguntou.

Ally estava prestes a responder, pois ela havia lido Jane Eyre no último verão. Mas, antes que ela pudesse interagir novamente com a professora, teve outra visão.

Ela viu uma sala pouco iluminada, o lugar era pequeno e úmido. Ela não tinha sensações, mas conseguia imaginar que o local era frio. A vista da sala se expandiu e Ally viu um homem ajoelhado ao lado de uma cama. Ele era loiro e estava falando em uma língua que ela não conhecia.

Concentrando-se um pouco mais, Ally viu que havia alguém deitado

na cama, mas, quem quer que fosse, não estava se mexendo. Então o homem se levantou e se afastou. Deitado na cama, com os olhos arregalados, a expressão perdida e os lábios roxos, estava Jake Stowe.

Quando a visão terminou, Ally teve que se segurar para não gritar. Jake estava morto, ela tinha certeza.

– Ally, você estava dizendo? – A professora chamou a atenção dela. Felizmente os outros alunos pouco se importavam com aquela aula, portanto ninguém, além da professora, via a expressão desesperada de Ally.

– Ah, me desculpe, professora. – Ally se levantou. – Mas eu preciso ir até a enfermaria, não estou me sentindo muito bem.

– Certo, pode ir.

Ela pegou a bolsa e saiu da sala, sem olhar para trás.

As garotas não estavam na escola. Ally já havia olhado de sala em sala e não encontrou ninguém. Nem mesmo Marissa, mas mesmo assim ela continuou procurando.

Ally andava pelo corredor, mas não prestava atenção no caminho. Ela estava mais concentrada na imagem de Jake em sua cabeça. Pobre garoto, tão jovem... O devaneio dela foi interrompido quando deu um encontrão em outra pessoa e acabou caindo no chão. Ally estava prestes a soltar um palavrão quando olhou para cima e encarou o professor de Biologia, o Sr. Wiles.

– Srta. Wilson, o que você está fazendo fora da sala? – Ally pensou que ele iria ajudá-la a levantar, mas ele nem parecia se importar.

Ela pegou a bolsa, que caiu de lado, e depois se levantou.

– Eu estava na enfermaria.

– É mesmo?

– Pois é, eu não estava me sentindo muito bem. A minha cabeça estava doendo, por isso dei uma passada lá, mas agora estou me sentindo melhor – em seguida ela esboçou um falso sorriso de melhora. – Por isso, se me der licença, eu não quero me atrasar mais.

– Ally passou pelo professor e seguiu em frente.

– O colar que você está usando é muito bonito, Sra. Wilson.

Ally parou no meio do corredor, se virou e encarou o professor. Foi

então que ela percebeu que o colar da avó, que antes estava escondido dentro da blusa dela, estava agora, por conta da queda, à mostra, para todos verem.

– Ah, obrigada. – Ally guardou o colar dentro da blusa de novo. – É uma relíquia de família, era da minha avó.

O professor não disse nada, ficou apenas parado no corredor, encarando Ally.

Ela foi literalmente salva pelo sinal da escola. Quando os alunos começaram a sair das salas, ela conseguiu se misturar aos outros e se afastar sem chamar atenção.

Não era difícil pra Ally matar aula. Difícil era começar uma dieta sem carboidratos, isso não é brincadeira.

Ela tinha um plano: iria pra casa e de lá tentaria entrar em contato com as meninas. Se por acaso a Sra. Wilson também estivesse em casa, Ally só precisaria contar uma mentirinha.

Quando ela estava prestes a atravessar a rua, uma van preta estacionou no meio-fio. O motorista baixou o vidro do carro e Ally ficou feliz por ver Skylar.

– Graças a Deus! – Ally se aproximou e Skylar ficou assustada com sua alegria ao vê-la ali. – Eu procurei você e as meninas em todos os cantos da escola. Eu tive uma visão com Jake e eu acho que ele está...

Skylar olhou para trás de Ally.

– Regan, abortar plano!

Sem entender o que estava acontecendo, Ally olhou para trás. Regan estava parada atrás dela, com uma expressão de dúvida no rosto e um saco preto nas mãos.

– Por que você está segurando um saco? – Ally semicerrou os olhos e depois encarou Skylar. – O que está acontecendo?

– Então, Ally, o negócio é o seguinte: nós viemos aqui buscar você. – Skylar utilizou aspas quando disse buscar.

– Como assim “me buscar”? – Logo Ally entendeu. – Ai, meu Deus! Vocês vieram aqui para me sequestrar? – Ela alternava o olhar entre Skylar e Regan.

– Não pense nisso como um sequestro. – Regan se aproximou.

– E como eu devo pensar?

– Nós viemos aqui simplesmente levar você, contra a sua vontade. Mas não é por mal, é porque precisamos da sua ajuda.

– Vocês duas pensam antes de falar ou simplesmente abrem a boca e cospem o que tem vontade? – Ally revirou os olhos. – Enfim, livre-se desse saco, eu vou porque quero ajudar.

– Maravilha!

– Regan, você tem sorte. Se tentasse colocar aquele saco na minha cabeça, eu acabaria chutando a sua bunda magricela até você virar do avesso.

Regan nunca havia conhecido uma pessoa tão ousada quanto ela mesma. No fundo, era por isso que Ally e Regan não se davam bem: nenhuma das duas levaria desaforo para casa.

Ally entrou na van, com Skylar e Regan.

– Onde, garotas, vocês arrumaram uma van preta? – Ally perguntou.

– É da minha mãe. – Skylar respondeu – Sério? E o que ela faz? Ela é sequestradora profissional? – Ally achou que uma piada faria bem.

– Quase, ela era traficante de drogas.

XV

Ally realmente achava que as meninas tivessem uma espécie de quartel-general. Ela não estava esperando a fortaleza da solidão do Superman, mas uma usina abandonada era meio decadente.

– É aqui que vocês, garotas, treinam? – Ally perguntou.

– Sim, *mi casa es su casa*. – Skylar saiu da van.

Ally encarou Regan, com cara de nojo.

– O quê? É temporário. Até uma de nós ficar rica e descolar um lugar melhor, é o que temos. Bem, é isso ou a garagem da casa de Bonnie.

Regan saiu da van e Ally foi logo atrás dela.

Marissa e Bonnie estavam do lado de fora. Elas correram e se aproximaram.

– Você veio por vontade própria? – Marissa perguntou.

– Sim. – Ally sorriu. – A propósito, de quem foi a ideia brilhante de me sequestrar?

– Ally, nós não temos tempo para jogar conversa fora. – Bonnie realmente não estava de brincadeira. – Você pode ou não nos ajudar? Depois podemos conversar.

– Eu acho que posso ajudar. – Ally pegou o Grimório de dentro da bolsa. – Isso pertenceu a minha avó e está cheio de feitiços, poções e outras coisas que eu não sei o que significam.

As meninas estavam fascinadas, encantadas com a visão do livro nas mãos de Ally. Era um Grimório genuíno e havia pertencido a uma bruxa poderosíssima.

– Eu posso tocar? – Marissa estava quase babando.

– Depois. – Ally também não estava mais para brincadeira. – Agora nós temos muito o que fazer. – Ela abriu o Grimório. – Ontem à noite eu comecei a lê-lo e acho que sei qual é o feitiço certo. Aqui, feitiço de

localização. É disso que precisamos, certo?

Skylar e Marissa sorriram.

Ally sentou-se pela primeira vez no círculo. Os cinco elementos estavam enfim juntos, o pentagrama estava completo.

O feitiço de localização era simples e praticamente infalível. Ally só precisaria de um mapa da cidade; um objeto que pertencesse à pessoa desaparecida, nesse caso, algo que pertencesse a Jake ou a Ashlee; e, por fim, terra.

Felizmente, as meninas tinham tudo isso em mãos.

Ally estava nervosa. Aquele seria, de fato, o primeiro feitiço que ela invocava. E não foi algo para o qual ela se preparou a vida toda: o fato de ser uma bruxa simplesmente explodiu na cara dela.

– Certo. Lá vou eu – dando uma última olhada no Grimório, Ally pegou um punhado de terra, fechou os olhos e começou a invocar o feitiço. – *Aliquis abisset invenit dominum illius*.

Algo aconteceu.

A areia formou um caminho ao longo do mapa, que de fato estava mesmo levando a algum lugar. Ally só não sabia aonde era.

– *Ahn*, eu não sei onde fica esse lugar.

Aonde quer que fosse, era afastado de Mystic Village.

– Espera. – Regan se inclinou para cima do mapa. – Eu sei onde é – respondeu, tocando com o indicador no local sugerido. – É a igreja abandonada, que fica fora dos limites de Mystic Village.

Sem pestanejar, as meninas se levantaram e correram para fora da usina. Exceto Ally, que continuou sentada. Marissa foi a primeira a sentir a falta dela, por isso voltou para saber o que estava acontecendo.

– Qual é o problema? – Marissa se ajoelhou ao lado de Ally.

– Eu não sei o que fazer. Quero dizer, eu sei o que fazer, eu só estou...

– Assustada? Pois é, eu também.

– Mesmo? – Isso ajudava.

Marissa sorriu.

– Ally, eu estou assustada na maior parte do tempo. Tudo isso soa como loucura, eu sei, e talvez não faça muito sentido agora, mas toda

essa loucura é necessária. – Marissa tocou no ombro de Ally. – Além do mais você está conosco e, se tem uma coisa em que nosso grupo é bom, é em defender umas às outras quando for preciso.

Ally sorriu. Marissa ajudou-a a guardar o Grimório e o mapa dentro da bolsa.

– A propósito, por que você levou o Grimório pra escola?

– Sinceramente? Eu nem sei, acho que estou ficando louca.

– Bem, se você acha, então significa que está fazendo tudo certo.

As meninas sorriram e depois saíram da usina. Bonnie, Skylar e Regan estavam sentadas no banco da frente na van; Ally e Marissa entraram pela porta traseira.

– Pisa fundo, Sky. – Bonnie disse.

~

Quando Regan disse que a igreja abandonada era afastada da cidade, ela não estava brincando. O local parecia estar literalmente no meio do nada e o mato alto, ao redor da propriedade, dificultava a visão das meninas.

Todas desceram da van. Ally preferiu deixar a bolsa dentro do carro: alguma coisa dentro dela dizia que iria precisar das mãos livres mais cedo do que imaginava.

– O que nós fazemos agora? – Marissa perguntou.

– Bem, a areia no mapa indicou este lugar. Acho que temos que entrar. – Ally não tinha certeza, mas parecia ser o certo.

As meninas começaram a atravessar o mato alto, uma ao lado da outra. Ally e Marissa estavam andando juntas quando escutaram um crocitar. Em seguida, um vulto escuro voou em cima delas. Instintivamente, Ally e Marissa caíram para o lado.

– O que foi isso? – Marissa perguntou.

– Vocês estão bem? – Regan e Skylar vieram ajudá-las.

– Alguém anotou a placa daquela coisa? – Brincou Regan.

Ally começou a limpar a terra da calça, enquanto Marissa tirava mato do cabelo.

– Ah, meninas? – Bonnie estava parada, olhando para frente. – Vocês precisam ver isso.

Sem saberem o que estava acontecendo, uma a uma as meninas se dirigiram até onde Bonnie estava. Ally foi a última a se aproximar.

Havia duas árvores ao lado da igreja abandonada. Até aí tudo bem, mas, quando Ally ergueu a cabeça, teve que prender a respiração: ela se deu conta de que todos os galhos das duas árvores estavam lotados de corvos.

– Por que eu tenho a impressão de que isso não é uma coisa boa? – Skylar sussurrou.

– Porque não é. – Bonnie sussurrou de volta.

Ally continuava encarando os corvos, quando se deu conta de uma coisa. Uma pequena característica chamou a atenção dela.

– Esses bichos têm três olhos. – Ally não sabia por que, mas também resolveu sussurrar.

Depois desse comentário, as outras garotas foram mais atentas e constataram que Ally estava certa: todos os corvos tinham três olhos.

– Eu sei o que essas coisas são. – Marissa também sussurrou. – Eles não são *apenas* corvos, são também uma espécie de guardiões.

– Guardiões? – Regan perguntou.

– Guardiões, seguranças, chame-os do que quiser. – Marissa começou a explicar. – O caso é que o corvo de três olhos é utilizado para manter os outros longe daquilo que deve permanecer escondido. O terceiro olho funciona como uma câmera de segurança. Quem quer que os tenha invocado para cá, a essa altura já sabe que nós estamos aqui.

– E por que eles não estão nos atacando? – Bonnie perguntou.

Skylar sabia porquê.

– Porque até aqui nós ainda não representamos ameaça.

Mas aquilo estava prestes a mudar. Regan deu apenas um passo para frente e, com esse movimento, acabou pisando em cima de um graveto.

O barulho de centenas de corvos acima da cabeça das meninas era quase ensurdecedor. Os animais estavam voando em círculos ao redor delas.

Regan correu antes de as outras garotas, quando foi atacada por um pequeno grupo de corvos, que mergulharam no ar e voaram em sua direção.

Com os braços em chamas até os cotovelos, ela começou a atirar bolas de fogo contra os corvos. Mas ela sabia que aquilo não seria suficiente. Foi então que, concentrando-se um pouco mais, Regan começou a atirar jatos de fogo. Com aquilo ela conseguiu aniquilar uma quantidade maior de corvos.

Não muito longe de onde Regan estava, Marissa tentava se virar com o que sabia. Infelizmente, antes que ela conseguisse invocar um feitiço, um corvo a atingiu no braço, com o bico. Além de rasgar o suéter azul-marinho que ela estava usando, ainda machucou o braço dela.

Era oficial: Marissa estava irritada, ninguém tocava nos suéteres dela.

Enquanto mais corvos se aproximavam, Marissa começou a sugar o ar. Com os punhos cerrados, ela sabia muito bem o que estava prestes a fazer. Depois de absorver boa parte do ar em seus pulmões, ela soltou tudo de uma vez. Os corvos que voaram para cima dela foram atingidos por um sopro fortíssimo e algumas aves desistiram de atacá-la.

Do outro lado de igreja, Bonnie também enfrentava os corvos que tentavam atacá-la. Uma pequena pedra, aos olhos de qualquer outra pessoa, era inofensiva. Mas, com as habilidades de Bonnie, este objeto podia ser tão perigoso quanto uma bala.

E, naquele momento, Bonnie parecia uma metralhadora carregada. Ela levitava pedras, pequenas e grandes, e as atirava contra os corvos. Ela raramente errava o alvo.

Skylar estava parada ao lado do poço de água. Ela já estava preparada, por isso, quando os corvos a atacaram, ao invés de utilizar a água do poço como contra-ataque, ela optou por proteger a si mesma. Manipulando a água, ela conseguiu criar um escudo e bloquear os ataques dos corvos.

Mas ela não deixaria apenas por isso. Skylar reutilizou a água do

escudo e agora estava criando esferas d'água. Ela então começou a atirá-las contra os animais.

Ally também estava fazendo algo, ela estava escondida atrás de um grosso tronco de árvore. Ela não sabia o que fazer. Diferente das outras meninas, não tinha experiência e muito menos controle sobre seus poderes.

Foi então que ela escutou o grito de Marissa. A garota havia caído no chão e mesmo assim ainda continuava atacando os corvos. Ally fechou os olhos e tentou se lembrar de qualquer feitiço que tivesse lido no Grimório, qualquer um que pudesse ajudá-la e as amigas.

Ally conseguiu se lembrar de um feitiço que só poderia ser invocado pelo Espírito. Criando coragem, ela saiu de trás do tronco da árvore e caminhou até o local que podia ser muito bem descrito como um campo de batalha. Skylar e Bonnie enfrentavam os corvos de um lado, enquanto Regan e Marissa tentavam controlar a situação do outro. Por mais que elas se esforçassem, os corvos estavam determinados a não deixar que alguém entrasse na igreja.

Por conta da quantidade de corvos que voava acima das cabeças das meninas, o céu estava literalmente negro.

Ally ergueu os braços e depois abriu a boca. Ela só esperava que estivesse invocando o feitiço certo.

– *Animam tuam ad me pertinet. Animus meus mihi et ego quid recipiat.*

E então começou a chover. Mas não foi água que caiu de cima e sim os corpos sem vida dos corvos.

As meninas se reuniram ao lado dela. Nem a própria Ally estava acreditando no que acabara de fazer.

– Garota, você mandou bem. – Skylar podia enfim respirar com calma.

A porta da igreja estava lacrada. É claro que estava. Nada seria fácil e o que aparentava ser, nunca era.

Com um único chute Ally derrubou as portas da igreja e as meninas puderam enfim entrar.

O local estava sujo e empoeirado, mas, em suma, parecia apenas

uma igreja abandonada. Os bancos ainda estavam lá e o altar também. Ally achou que alguma criatura iria atacar ali dentro, mas isso não aconteceu.

– Eu não entendo. – Regan disse.

– Bem-vinda ao clube. – Skylar respondeu, enquanto olhava ao redor. – Nós estamos mesmo no lugar certo?

– De acordo com o feitiço de localização, sim. Ashlee está aqui, em algum lugar, e muito provavelmente Jake também está.

Não havia outro cômodo naquele lugar.

Ally começou a investigar o local. Após alguns passos, ela escutou a madeira ranger debaixo dela. Foi então que teve a certeza de que estavam no lugar certo.

– Lá embaixo. – Ally disse.

– O quê? – Bonnie se aproximou e as outras garotas vieram em seguida.

– O feitiço nos trouxe ao lugar certo – por dentro, Ally estava contente por não ter invocado o feitiço errado. – Mas não é aqui em cima que devemos procurar.

As meninas entenderam o que ela estava querendo dizer.

– Afastem-se – disse Bonnie, determinada.

As meninas recuaram. Bonnie se concentrou, repetiu a palavra certa mentalmente e, em seguida, cheia de confiança, disse: – *Revelabit*.

Até Bonnie teve que recuar quando a madeira do chão começou a sumir. Ao pé do altar apareceu um buraco.

As cinco garotas encararam a abertura, mas nenhuma conseguiu ver o final. Parecia um poço sem fim.

– Certo, quem vai primeiro? – Regan perguntou.

Skylar foi a primeira e Bonnie foi logo atrás dela. Marissa desceu em seguida e Regan e Ally foram juntas. Ally não sabia levitar ainda, por isso ela precisou de uma mãozinha. Mesmo a contragosto, Regan a ajudou.

O segundo cômodo era úmido e escuro. Depois que desceram, Ally mal conseguiu ver Regan.

– Regan, você pode iluminar o local? – Marissa perguntou.

Como se a ponta do dedo fosse um palito de fósforo, Regan o acendeu. Felizmente, logo ela enxergou o porta-velas na parede ao lado. Regan começou a acender as velas e depois, com um sopro, apagou a chama na ponta do dedo.

Ally podia jurar que o cômodo subterrâneo também estava vazio. Mas, conforme Regan acendia as velas da parede, ela começava a enxergar os sacos de pano no chão.

Todas as meninas estavam encarando os objetos. Elas estavam intrigadas com relação ao conteúdo de cada saco.

Como sempre, Skylar seria a primeira a bisbilhotar.

– Sky, é mesmo uma boa ideia? – Bonnie perguntou.

– Nós já chegamos até aqui. Por que não? – Skylar deu de ombros.
– Além do mais, quem está na chuva é pra se molhar.

Skylar se ajoelhou ao lado de um saco e começou a desamarrá-lo. O conteúdo fez Skylar gritar e cair para trás. Naquele momento, todas as garotas estavam encarando Amber Tobi, a garota de 16 anos que desapareceu em Colonial Heights. Acabeça dela estava para fora, o rosto da garota estava cinza e os olhos dela estavam arregalados.

– Ai meu Deus! – Marissa cobriu a boca. – Ela está morta?

Regan se aproximou e tocou o pescoço da garota com o dedo. Ela estava procurando a pulsação.

– Ela está viva!

– Você tem certeza? – Skylar perguntou.

– É claro que tenho. Eu assisto *Grey's Anatomy*; sei do que estou falando.

Não era preciso ser um gênio para adivinhar o conteúdo de cada saco naquela sala: os jovens desaparecidos estavam todos ali.

Ally não havia se mexido ainda, ela encarava tudo de longe, como uma boa expectadora. Quando resolveu olhar para trás, apesar da pouca iluminação no fundo da sala, ela notou que estava na frente de uma porta.

Sem chamar a atenção das outras garotas, Ally foi até a porta e a abriu. O segundo cômodo era menor do que o primeiro, onde ela, as amigas e os corpos dos adolescentes estavam. Era apenas um pequeno

quarto.

E como na visão de Ally, Jake ainda estava deitado na cama.

– Bonnie. – Ally chamou a amiga. – Jake está aqui – depois ela entrou no quarto, para verificar o garoto.

A pele de Jake estava acinzentada e ele tinha os olhos arregalados.

– Ele está vivo? – Bonnie estava atrás de Ally.

– Eu não sei. – Ally estava sendo sincera.

– Ally, o que é aquilo?

Havia uma estante no quarto, mas Bonnie não estava se referindo a ela e sim aos dois potes de vidro que estavam lá. Ally se aproximou e ficou admirada com o conteúdo dos potes. Ela não sabia exatamente o que era, mas, o que quer que fosse, tinha um brilho lindo.

Regan também entrou no quarto.

– Nós já tiramos todos de dentro dos sacos, mas ninguém sabe o que aconteceu com eles. Porém, eu tenho quase certeza que isso – Regan apontou para Jake –, é obra de magia negra.

– Regan, me ajuda aqui.

Com a ajuda de Regan e Ally, Bonnie conseguiu tirar Jake de dentro daquele quartinho apertado. Elas o deixaram no chão, próximo aos outros adolescentes.

Ally voltou para o quarto e pegou os dois potes de vidro.

– Alguém sabe o que é isso?

– Não é possível! – Marissa exclamou.

– O quê? Você sabe o que essas coisas são? – Skylar perguntou.

– Que coisa! Nenhuma de vocês leu os livros que eu indiquei? – Marissa encarou as amigas, mas ela já sabia a verdade. – Bem, se vocês tivessem lido, como eu fiz, saberiam que o que tem dentro desses potes chama-se energia vital.

– Sério? – Skylar estava surpresa. – Eu achei que isso era uma lenda, igual ao Pé Grande.

Marissa revirou os olhos.

– Sky, o Pé Grande existe. Ele só não gosta que o chamem por esse nome.

– E agora, o que faremos? – Bonnie perguntou.

– Você encontrou mais potes como esses daí? – Marissa perguntou.
– Não. – Ally respondeu.
– Isso não faz sentido – sussurrou Marissa.
– O quê, Marissa? – Regan perguntou. – O que não faz sentido?
– Temos cinco corpos aqui, sem energia vital, e só dois potes com esta energia. Isto não é bom, significa que...
– Três deles já estão mortos. – Ally completou o pensamento da amiga.

Bonnie cobriu a boca com a mão. Ela queria gritar, mas antes disso ela queria ajudar Jake. Se ela conseguisse ajudá-lo, depois poderia gritar em paz.

– Certo, o que nós vamos fazer agora? – Skylar perguntou.
– Devolver a energia vital para o corpo que a pertence é fácil. – Marissa pegou um dos potes da mão de Ally. – Tirá-la do corpo é que é difícil. Eu me pergunto como...

– Marissa, nós não temos tempo pra isso. – Bonnie interrompeu a amiga. – Como fazemos para devolver a energia vital ao corpo?

Marissa revirou os olhos.

– Basta abrir o pote.

E foi o que Ally fez. Uma vez livre, a energia vital dançou ao redor das garotas feito uma água viva no mar.

Bonnie observou atenta quando a energia passou perto de Jake. Mas, para a infelicidade dela, o brilho seguiu em frente. Aquela energia pertencia a Jacob Mays, o garoto de 16 anos que desapareceu após o treino de basquete. Quando o brilho entrou na boca de Jacob, as esperanças de Bonnie começaram a diminuir.

As meninas se entreolharam. Marissa estava segurando o segundo e último pote contendo energia vital.

– Você pode abrir, Marissa – disse Bonnie. – Eu prefiro saber a verdade do que viver com a incerteza.

E então Marissa destampou o pote.

A segunda energia vital era mais brilhante e, de alguma maneira, até mais animada do que a primeira. O brilho dançou ao redor de cada garota e até provocou arrepios em Bonnie.

Regan sentia-se aliviada por ela, depois que viu a energia vital entrar na boca de Jake. Ela enfim conseguiu respirar sem sentir um peso nos ombros.

Isso significava que Ashlee Turco, Corey Brennan, E Melissa Salling estavam mortos.

Marissa ajudou Ally a levar Jake e Jacob para cima. Os outros três jovens continuariam lá embaixo, mas isso seria temporário. O plano era sair daquela igreja o mais rápido possível e ligar para a polícia em seguida.

Mas, naquele momento, as meninas não contavam com o inesperado.

Estavam parados na entrada da igreja um homem alto e loiro: Javier, o fotógrafo que enganou Ashlee e Corey; e outro homem, que estava usando um terno de tweed: o professor Wiles.

– O que você está fazendo aqui? – Regan estava falando com o professor Wiles. Por um momento, ela sequer achou estranho o fato de o professor de Biologia estar ali. Ela só ficou irritada porque não gostava dele.

– Bem, eu vejo que vocês, garotas, encontraram o nosso esconderijo – disse o professor Wiles.

– Eu odeio gente bisbilhoteira – comentou Javier.

– Não façam nenhuma besteira – aconselhou o professor Wiles. – Recuem, para o bem de vocês, e nos entreguem esses garotos.

– O negócio é o seguinte, professor: nós não vamos entregar coisa alguma e é melhor vocês dois recuarem. – Skylar tinha atitude.

– Eu odeio quando bruxas se acham melhores do que os outros. Na verdade, eu odeio bruxas no geral – disse Javier.

– Então, nesse caso, nós temos um problema. – Regan deu um passo à frente.

O professor Wiles e Javier avançaram na direção das garotas.

As meninas ficaram na horizontal, cada uma mostrando a palma da mão, como se estivessem dizendo “pare”. Mas não era isso. A telecinese é uma habilidade complexa e requer um pouco de experiência de quem a pratica. Nenhuma das garotas tinha essa

experiência, mas, juntas, e com os pensamentos sincronizados, elas conseguiam se virar muito bem.

Wiles e Javier foram jogados porta afora.

– Eu adoro quando isso funciona – comentou Regan.

As meninas correram para a entrada da igreja e inspecionaram o local. Não havia sinal de Javier ou do professor Wiles.

– Para aonde eles foram? – Marissa perguntou.

Regan percebeu um movimento dentro do mato. Sem pensar duas vezes ela se preparou e em seguida jogou uma bola de fogo.

Skylar viu o que a amiga fez, mas ainda assim ela tinha dúvidas.

– Será que...

Duas figuras pularam de dentro do mato e atacaram as garotas. Para Marissa, aqueles movimentos seriam impossíveis para qualquer ser humano. A menos que...

– Eles não são humanos! – Marissa gritou.

Sempre atenta, Bonnie sabia exatamente o que fazer.

– *Ostende*.

O efeito do feitiço foi instantâneo. Wiles e Javier começaram a se contorcer no chão, como se estivessem sentindo uma dor imensa. O que Ally viu em seguida jamais seria esquecido.

A pele do professor de Biologia começou a cair. O mesmo estava acontecendo com a pele de Javier: a carne por baixo da pele falsa era rosada e cheia de erupções.

No lugar de cabelo, os dois homens tinham agora um pelagem branca. Seus rostos eram enrugados, as orelhas haviam derretido feito um boneco de neve. Garras pontudas surgiram no lugar das unhas e, quando um deles abriu a boca, as meninas tiveram um vislumbre de dentes afiados.

Marissa sabia exatamente o que eles eram.

– Eles são demônios!

Isso era um problema, pois nenhuma das garotas sabia ao certo como derrotar um demônio. Até aquele momento, Regan sequer havia pensando em enfrentar um deles pessoalmente.

Uma das criaturas atirou um raio laser pelos olhos. Ally quase foi

atingida, felizmente ela foi suficientemente rápida para desviar a tempo.

Marissa levitou um pedaço de madeira e acertou o demônio em cheio, na parte de trás da cabeça.

– Alguém sabe como derrotar essas coisas? – Skylar perguntou. Em seguida, ela começou a atirar esferas d'água contra a segunda criatura. Normalmente aquilo causaria o efeito esperado, mas aquele demônio estava apenas ficando molhado. Aquilo não era bom.

– *Is é an máistir saor in aisce. Tá an saol máistir.* – disse uma das criaturas.

– Não xinga a minha mãe, não! – Em seguida, Regan e Bonnie trabalharam juntas: enquanto Bonnie atirava pedras contra uma criatura, acertando-a na cabeça, barriga e pernas, Regan começou a atirar bolas de fogo contra o outro demônio.

Foi então que Ally se lembrou de algo que leu na noite anterior, no Grimório. Ela se lembrava de ter visto um feitiço de banimento, mas não se lembrava de como invocá-lo. Para isso ela precisaria do Grimório e ele estava dentro da van.

– Meninas, eu sei como acabar com essas *coisas*, mas eu preciso do Grimório. Vocês podem me dar cobertura?

– Vai! – Regan gritou.

Quando Ally foi, uma das criaturas se pôs a correr atrás dela. Vendo que o demônio estava prestes a alcançar a amiga, Marissa utilizou o ar para puxar a criatura para trás, dificultando a corrida.

A outra coisa pulou em cima de Bonnie, derrubando-a no chão. Por mais que o demônio fosse só pele e osso, ele também era incrivelmente pesado.

– *Volare!* – Bonnie gritou.

Ele foi arrancado de cima de Bonnie e arremessado contra uma árvore.

Ally correu pelo mato e continuou, até se aproximar da van. Ela abriu a porta, agarrou a bolsa e tirou de lá o Grimório, começando a procurar o feitiço de página em página. Cada segundo parecia uma hora e, por um momento, ela até achou que estivesse enganada. Quando chegou à metade do livro, ela finalmente encontrou o feitiço.

Ally pronunciou as palavras mentalmente, aquilo deveria funcionar.

Ela agarrou o Grimório e correu de volta para a igreja. Regan estava atirando bolas de fogo em uma das criaturas, que havia subido no telhado.

– Eu preciso da ajuda de vocês – disse Ally.

As outras garotas correram até onde ela estava. Enquanto isso, os dois demônios começaram a se aproximar.

– Tudo bem. Agora.

Juntas, elas leram o feitiço.

– *Sed non est de hoc mundo umbratili criatura, exire hinc.*

Nada aconteceu.

Elas tentaram de novo, dessa vez mais concentradas e com mais ênfase nas palavras.

– *SED NON EST DE HOC MUNDO UMBRATILI CRIATURA, EXIRE HINC!*

Os demônios começaram a emanar um brilho de seus corpos. As garotas tiveram que estreitar os olhos, por conta da intensidade da luz. Logo não se via mais nenhuma das criaturas. Quando o brilho acabou, eles haviam sumido.

– Eu aposto que vocês não esperavam por isso! – Regan falou, como se os demônios ainda estivessem ali.

As outras garotas sorriram.

XVI

Três dias depois.

Regan, Skylar e Marissa encaravam Ally e Finn, que estavam no final do corredor. Ele disse alguma coisa e depois ela sorriu. No final, ela o recompensou com um beijo.

– Eles não formam um belo casal? – Marissa perguntou.

– *Argh.* – Regan fez cara de nojo. – Aquele é o meu irmão beijando uma garota. Eu prefiro ver um leão devorando uma gazela.

– Você precisa concordar – Skylar tocou no ombro de Regan. – Eles são meio que *bonitinhos* juntos.

Regan já podia se desesperar. Se uma garota como Skylar já estava utilizando palavras como “bonitinhos”, a humanidade estava mesmo fadada à extinção.

Bonnie e Jake saíram juntos da sala ao lado, eles também estavam conversando. Apesar de tudo, Jake parecia estar bem.

– Eu vejo você à noite? – Jake perguntou.

– Pode apostar que sim. – Bonnie respondeu.

O garoto sorriu e depois se afastou.

– O que vai acontecer à noite? – Skylar perguntou.

– Jake me convidou para ver um filme – a expectativa das amigas divertia Bonnie – na casa dele.

– Eu acho que o amor está no ar – comentou Marissa.

Regan cobriu o nariz. Parecia até que alguém havia soltado um pum perto dela.

– O que está no ar? – Ally se aproximou.

– É tão estranho ver você sem a língua do meu irmão dentro da sua garganta! É quase tão estranho quanto ver um cachorro usando um tutu.

Ally sorriu.

– Marissa, acha que o amor está no ar – disse Skylar.

– A propósito, como está Jake? – Ally perguntou para Bonnie. – Você sabe, depois de tudo.

– Ele está bem. Você sabe, na medida do possível.

Depois que as meninas enfrentaram os dois demônios, elas tiraram Jake e Jacob Mays daquela igreja. Os garotos foram internados no hospital da cidade e em seguida Marissa fez uma ligação anônima para a polícia, dando o local exato onde os adolescentes desaparecidos estavam.

Skylar forjou uma carta de demissão com a assinatura do professor Wiles – que na verdade era um demônio que estava trabalhando disfarçado, a mando de Lochlan – e a deixou na caixa dos correios do diretor. O supervisor ainda está procurando um novo professor de Biologia.

– Nós vamos fazer isso agora, ou não? – Regan perguntou.

As meninas se entreolharam. Elas estavam atrás de respostas e só havia uma pessoa na cidade que poderia fornecê-las.

– Vamos nessa. – Marissa respondeu por todas.

~

Onika abriu a porta de casa e encarou as cinco jovens bruxas que a olhavam de volta. Todas elas aparentavam determinação, por isso Onika sabia que não conseguiria expulsá-las dali com tanta facilidade.

– Já não era sem tempo. – Deixou que as garotas entrassem em sua casa. Ela levou as meninas para a cozinha, onde se acomodaram ao redor da mesa. Onika ofereceu limonada e as bruxas aceitaram.

– Antes de qualquer coisa, eu preciso saber, Ally – naquele momento, Onika estava sendo cautelosa. – Você já sabe a respeito...

– Do meu pai, que era um bruxo do mal e foi derrotado pela minha avó e os outros elementos, por ser um cara ganancioso e querer todo o poder do mundo mágico só para si? Sim, eu sei.

– Que bom – aquilo era um peso a menos em cima de Onika.

– Todas nós já sabemos. – Marissa comentou.

Ally fez questão de contar tudo o que sabia para as garotas. Se elas tivessem que virar as costas para ela, seria mais fácil enquanto não estivesse apegada a nenhuma delas. Felizmente as garotas demonstraram apoio e compreensão.

– Eu preciso... Nós precisamos saber: o meu pai foi o responsável por esses ataques e o sequestro desses garotos?

Onika abaixou os óculos e apertou o osso do nariz.

– Sim.

Aquilo era mais assustador do que elas podiam imaginar.

– Isso significa que Lochlan Seamus está *de fato* vivo? – Marissa perguntou.

– Eu nunca achei que ele tivesse morrido. As outras pessoas estavam cem por cento confiantes de que ele havia sido aniquilado para sempre, mas eu constantemente tive as minhas dúvidas. Agora eu sei a verdade.

– Mas, Sra. Woodard, como é possível que ele esteja vivo? Lochlan não foi aprisionado dentro de uma vulcão? – Marissa perguntou. Ela havia lido sobre a queda de Lochlan Seamus.

– Tolos são aqueles, jovem bruxa, que acreditam que o mal pode ser facilmente derrotado. – Onika tomou um gole de limonada. – Sim, ele foi derrotado. Eu estava lá, vi com os meus próprios olhos. E também é verdade que ele foi aprisionado dentro de um vulcão. Mas Lochlan conseguiu, de alguma forma, sobreviver por todos esses anos. O lado bom é que muito provavelmente ele deve estar fraco feito uma pena e é por isso que ele invocou aqueles demônios: para que eles roubassem a energia vital daqueles jovens.

– Como assim? – Skylar perguntou.

– Lochlan precisa de energia vital para se reerguer. Ele não precisa de água e nem de comida, só de energia vital. Jovens são cheios de vida, entusiasmo e energia, tudo o que ele precisa nesse momento.

– Um dos demônios que nos atacou, pronunciou algo que eu não compreendi. Eu não me lembro exatamente do que ele disse.

– *Is é an máistir saor in aisce. Tá an saol máistir.* – Era mais

assustador escutar Onika pronunciar aquelas palavras. – Significa: o mestre está livre, o mestre vive.

– Como você sabe? – Regan perguntou.

– Quando Lochlan atacou pela segunda vez, os seguidores dele repetiam essa frase constantemente. É meio difícil esquecer.

– O que os *Goblins* e os cães demoníacos significam? – Bonnie perguntou.

– Lochlan estava testando vocês. *Goblins* e cães demoníacos representam o mínimo do que ele pode fazer. Nesse caso, do que ele fará quando estiver forte de novo.

– E agora, o que nós vamos fazer? – Marissa perguntou.

– Vocês devem treinar todos os dias. Lochlan está buscando meios de se fortalecer e vocês devem fazer o mesmo, pois ele pretende se reerguer de novo. Acredito, não, eu tenho certeza, que ele pretende tomar os poderes da deusa novamente, pela terceira vez. Isto não é brincadeira, garotas.

– Você deveria nos treinar. – Ally sugeriu.

– Não. – Onika se levantou e deixou o copo dentro da pia.

– Sra. Woodard, essa ideia é perfeita.

– Não, garotas. Eu não sou treinadora de bruxas, por favor, não insistam. Vocês têm um Grimório e todas sabem ler, se virem. – Onika respirou fundo. – Eu já estive no meio dessa batalha uma vez e acreditem: eu não pretendo voltar para o campo tão cedo. Mais precisamente, nunca.

Ally se levantou.

– E o que você vai fazer quando Lochlan voltar? Vai se autotransformar em um abajur ou vai pegar sua vassoura e sair voando daqui, quando a barra ficar pesada? Pra mim, isso é atitude de frangote.

– Sua petulante! – Onika avançou para cima de Ally, mas ela não iria bater na garota. – Escute aqui, bruxinha: eu luto para sobreviver desde pequena, você não consegue imaginar quantas pessoas eu perdi ao longo desses anos. Eu também lutei ao lado da sua avó e dos outros elementos e aquela foi a minha última vez.

– Mas e se...

– É hora de vocês irem embora. Eu preciso arrumar aqui e ainda tenho que abrir a loja hoje à tarde. Então, se vocês não se importam...

Uma a uma, as meninas se levantaram e saíram da casa de Onika. Era inútil discutir com aquela mulher, por isso as cinco garotas saíram em silêncio.

~

Onika Woodard já havia perdido todas as pessoas que mais amou na vida. Só de pensar nisso já era suficientemente doloroso, por isso tudo o que ela menos queria àquela altura era criar laços e se aproximar de outras pessoas.

– Onika – uma voz rouca a chamou.

Naquele momento, ela deixou um copo cair no chão: vidro quebrado se espalhou pela cozinha, mas Onika pouco se importava com aquilo.

– Onika – a voz a chamou de novo.

Ela foi até a sala de estar, o lugar de onde vinha a voz. Onika não tinha medo de invasores, nem do desconhecido. Ela temia o conhecido.

A sala estava vazia.

– Onika.

Dessa vez a velha bruxa sentiu um arrepio, que percorreu-lhe a espinha. A voz era fria como gelo e firme feito diamante.

Onika se virou e encarou o espelho na parede.

Primeiro, tudo o que ela viu foi névoa. Depois, uma figura foi ganhando forma, até ficar nítida.

– Lochlan. – Onika engoliu em seco. – Por que eu não estou surpresa? – Não dava pra ver os olhos dele, por conta do capuz da camiseta que ele estava usando.

– Como vai, velha amiga?

~

Ally estava sentada na cama, folheando o Grimório da avó, quando a Sra. Wilson bateu e depois abriu a porta.

– Tem alguém lá em baixo querendo falar com você.

– Quem é?

– É melhor você descer.

Ally foi até a sala. A Sra. Wilson não a acompanhou, ela precisava respeitar a privacidade da filha.

– O que você está fazendo aqui?

Teria Onika ido até a casa de Ally para insultá-la?

– Eu tenho duas coisas pra você. – Onika enfiou a mão na bolsa e tirou de lá uma carta. Ally percebeu que a mão da mulher estava enfaixada e que a faixa estava suja de sangue. Por alguma razão, ela achou melhor não perguntar o que havia acontecido. – Essa carta é da sua avó. Ela a deixou comigo e pediu que eu a entregasse quando você estivesse pronta.

Ally pegou a carta com as duas mãos e depois encarou Onika.

– Qual é a segunda coisa?

– Eu aceito treinar você e suas amigas – Ally abriu a boca e Onika a interrompeu com a palma da mão –, mas eu tenho algumas condições. Primeiro: você não vai me perguntar o porquê, eu tenho os meus motivos e você só precisa saber disso. Segundo: eu só trabalho com seriedade, por isso não irei aceitar piadas e brincadeiras. Avise as suas amigas, especialmente a ruiva.

– Certo. Mais alguma coisa?

– Isso é tudo. Avise as suas amigas que nós vamos começar amanhã à tarde.

E sem dizer tchau, Onika se virou e foi embora.

Ally foi com a carta da avó até a cozinha, puxou uma cadeira e sentou. Depois, começou a ler a carta.

Minha doce Ally, como eu gostaria de estar aí com você e sua mãe! Mas, infelizmente, às vezes a vida tem planos diferentes dos nossos.

Eu sei que você deve estar cheia de dúvidas. Afinal, quem não estaria? Mas preste atenção: não deixe que as dúvidas se tornem

um obstáculo na sua vida.

Assim como eu tive pessoas ao lado meu lado, que me apoiaram e me ajudaram, eu sei que você também encontrará a força necessária ao lado de suas amigas.

Juntas, vocês enfrentarão obstáculos em nome de algo bom, algo maior. Esses obstáculos se tornaram mais difíceis a cada dia.

Nunca se esqueça disso: a fonte de energia dos cinco elementos é, na verdade, a amizade.

Fique você sabendo que, onde quer que eu esteja, continuarei olhando por você e sua mãe.

Com amor, vovó.

Quando Ally terminou de ler a carta da avó, notou que estava com os olhos marejados.

~

Regan estava admirando de longe a garota que esperava pelo trem na estação. Ela era tão bonita que parecia até ter saído de um sonho.

Ela se aproximou sem chamar atenção e tocou o ombro de Nora. Quando a garota olhou para trás e notou que Regan não trazia nenhuma bagagem, ela já sabia qual era a decisão.

– Você vai precisar de mais do que uma roupa se quiser viver em Nova York. – Nora era uma garota esperançosa, mas até garotas esperançosas sabiam a hora de abandonar o barco. – Você não vai, não é?

– Não – disse Regan.

– Eu posso pelo menos perguntar por quê?

Regan queria contar toda a verdade, mas ela sabia que não era assim que as coisas funcionavam. Quanto mais longe Nora estivesse de Mystic Village, melhor seria para a segurança dela.

– Algo grande está prestes a acontecer. Eu não posso explicar o que

é, mas eu preciso ficar aqui. – Em seguida, Regan agarrou a mão de Nora. – Por favor, confie em mim. Vá para Nova York e divirta-se. Assim que eu puder, irei visitar você.

Nora beijou Regan uma última vez, antes de ir embora.

– Só pra deixar registrado: da próxima vez que nos encontrarmos, eu não vou deixar você escapar de novo.

~

No dia seguinte, as meninas (e isso também incluía Ally) se encontraram na usina abandonada, como de costume.

– Você está pronta? – Bonnie perguntou.

– Sim, estou. – Ally estava confiante.

As meninas sentaram-se no círculo e havia uma vela para cada elemento. A vela preta, que representava o Espírito, poderia finalmente ser acesa. Afinal, os cinco elementos estavam juntos, assim como as cinco pontas do pentagrama: intactas e indestrutíveis.

A vela vermelha representava o elo entre Regan e o fogo; a vela branca representava a ligação entre Marissa e o ar; a vela amarela representava o elo entre Bonnie e a terra; a vela azul representava a ligação entre Skylar e a água.

Com o Grimório aberto, no centro do círculo, e as velas acesas ao redor, as meninas deram as mãos e esperaram pela deixa de Ally.

– Ceridwen, grande deusa mãe, protetora dos cinco elementos, energia geradora do universo. Deusa tríplice do círculo do renascimento, nós humildemente invocamos a sua presença, grande divindade universal. – Ally respirou fundo. – A Lua jamais morre, mas muda de fase a cada sete dias, representando os mistérios da eternidade e mutação. Ceridwen, por favor, contemple-nos com a sua presença.

– Espírito. – Ally disse.

– Terra. – Bonnie falou.

– Ar. – Marissa citou.

– Fogo. – Regan mencionou.

– Água – por fim, Skylar pronunciou.

O colar de Regan exibia um brilho avermelhado, lindo de se ver; o colar de Bonnie brilhava feito um diamante amarelo raro; o brilho que o colar de Marissa exibia era incolor, mas muito seduzente; ninguém sabia qual azul era mais chamativo: o brilho que o colar de Skylar exibia ou os cabelos que ela insistira em manter azuis.

E, por fim, o pentagrama de Ally começou a brilhar. Ele refletia todas as cores, era como um arco-íris.

– Garota, não é que você leva mesmo jeito pra coisa?! – disse Skylar.

– Pois é, eu acho que nasci pra isso. – Ally sorriu.



[1] Tirado do site <http://www.casadobruzo.com.br>